

PUCRS

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

JAMYLE MASSIM MARQUES

O CINEMA COMO INSTÂNCIA EDUCATIVA E SUA INFLUÊNCIA NO EMPODERAMENTO E NA REPRESENTAÇÃO DA MULHER: UMA ANÁLISE DO FILME CAPITÃ MARVEL

Porto Alegre
2021

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES

JAMYLE MASSIM MARQUES

**O CINEMA COMO INSTÂNCIA EDUCATIVA E SUA INFLUÊNCIA NO
EMPODERAMENTO E NA REPRESENTAÇÃO DA MULHER: UMA ANÁLISE DO
FILME CAPITÃ MARVEL**

Porto Alegre

2021

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES

JAMYLE MASSIM MARQUES

**O CINEMA COMO INSTÂNCIA EDUCATIVA E SUA INFLUÊNCIA NO
EMPODERAMENTO E NA REPRESENTAÇÃO DA MULHER: UMA ANÁLISE DO
FILME CAPITÃ MARVEL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Escola de Humanidades, na linha de Pesquisa Teorias e Culturas em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientadora Profa. Dra. Edla Eggert

Porto Alegre

2021

Ficha Catalográfica

M357c Marques, Jamyle Massim

O cinema como instância educativa e sua influência no empoderamento e na representação da mulher : uma análise do filme Capitã Marvel / Jamyle Massim Marques. – 2021.

110 p.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Edla Eggert.

1. Mulher. 2. Hermenêutica Feminista. 3. Estudos Culturais. 4. Cinema. 5. Empoderamento. I. Eggert, Edla. II. Título.

JAMYLE MASSIM MARQUES

**O CINEMA COMO INSTÂNCIA EDUCATIVA E SUA INFLUÊNCIA NO
EMPODERAMENTO E NA REPRESENTAÇÃO DA MULHER: UMA ANÁLISE DO
FILME CAPITÃ MARVEL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Escola de Humanidades, na linha de Pesquisa Teorias e Culturas em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título de Mestra em Educação.

Aprovada em: 4 de março de 2021.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Cheron Zanini Moretti – UNISC

Profa. Dra. Mónica de la Fare – PUCRS

Profa. Dra. Edla Eggert – PUCRS

Porto Alegre

2021

AGRADECIMENTOS

Começo expressando gratidão à minha mãe, Margareth, por todo incentivo e inspiração nessa minha jornada pela área da educação e na vida, e ao meu pai, Jairo, por sempre me admirar e me instigar a saber mais; ambos sempre me apoiaram em minhas escolhas e isso é muito significativo para mim. Agradeço também à minha vó, Vilma, por me tranquilizar com suas histórias e conversas, principalmente nos momentos difíceis, e ao meu irmão, Jayme, por aliviar os momentos de tensão com boas conversas e risadas e por me convidar a jogar nosso jogo de cartas favorito, *Magic: the gathering*. Quero agradecer, ainda, às minhas tias, Rosângela e Nilvia, por me apoiarem e torcerem por mim, em especial, a minha tia Magda por se dispor a ler e a revisar este trabalho.

Além da minha família, gostaria de dizer muito obrigada a Nayara Mendes por me apoiar em vários momentos dessa caminhada e da elaboração deste estudo, construindo algumas discussões e compartilhando ideias que me ajudaram no desenvolvimento deste texto. Obrigada também a todas as minhas amigas e a todos os meus amigos (das quais e dos quais não citarei nomes para não correr o risco de esquecer alguém) que me apoiaram e me disseram palavras de incentivo e de carinho quando precisei. Gratidão ao meu amigo Rodrigo Selback, que se dispôs a me ajudar a conhecer a personagem Capitã Marvel e me oportunizou palestrar sobre esse universo e a importância da representatividade durante a segunda edição do evento Poa Geek Week.

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Edla Eggert, pela confiança durante a escrita, me dando autonomia, pela disponibilidade, pela atenção e pela dedicação nas correções da dissertação e nas discussões sobre o tema, bem como por todo apoio, todos os ensinamentos e todas as aprendizagens que me proporcionou. Gratidão também às integrantes da banca, Profa. Dra. Mônica de la Fare (PUCRS) e Profa. Dra. Cheron Moretti (UNISC), as quais se dispuseram a ler e a avaliar este trabalho, colaborando com ideias e críticas construtivas.

Quero agradecer a todas as minhas professoras e a todos os meus professores, principalmente do Mestrado em Educação e do Curso de Pedagogia, que me proporcionaram muitos ensinamentos e contribuíram para minha vida acadêmica e profissional.

Por fim, um agradecimento especial ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa que me foi concedida.

Muito obrigada a todas e a todos que me ajudaram e me apoiaram durante minha pesquisa, inclusive a quem assistiu à qualificação e à defesa final, bem como a todas as pessoas que vierem a ler este trabalho.

RESUMO

Essa dissertação articula gênero, educação e cinema. Os estudos de gênero analisam a construção social e mostram a forma como são afetadas as relações entre as pessoas em seus processos educativos. Nesse contexto, o cinema é uma instância educativa que promove cultura e que influencia na construção de identidades por meio de suas representações. Para o estudo dessas questões foi escolhido o filme Capitã Marvel (CM), analisado pelo viés dos Estudos Culturais junto à Hermenêutica Feminista. A questão central foi como o cinema pode influenciar nas representações e nos estereótipos de gênero, auxiliando ou não para o processo de empoderamento das mulheres. A análise do filme foi realizada a partir do recorte de doze cenas, além disso, foram escolhidas quatro críticas, duas do Brasil, uma dos EUA e uma da Argentina, publicadas em sites, observando quais reafirmam ou não estereótipos de gênero. A partir da análise das doze cenas e das quatro críticas, é possível observar que as relações de gênero e o empoderamento da personagem e das mulheres no filme retratam que apesar de mostrar timidamente questões feministas, apresentam uma representação da mulher um pouco mais desfocada do modelo patriarcal, porém, ainda faltam mais representatividades e valorização das minorias. A escolha do filme CM desafiou reflexões sobre questões de gênero, de raça e de classe e sobre o empoderamento das mulheres, questionando as representações construídas pelos artefatos culturais centralizados em estereótipos patriarcais. É possível perceber que entre as pessoas que criticam o filme, há pouca representatividade das diversidades e isso também, de uma determinada forma, influencia na maneira como o público enxerga as representações e reflexões que o filme sugere. A dissertação conclui que as representações expostas na mídia, em prol de outras representatividades e diversidades, necessitam ser discutidas por meio do conhecimento que o movimento feminista oferece à sociedade.

Palavras-chave: Mulher. Hermenêutica Feminista. Estudos Culturais. Cinema. Empoderamento.

ABSTRACT

This dissertation articulates gender, education, and cinema. Gender studies analyze social construction and show how relationships between people are affected in their educational processes. In this context, cinema is an educational institution that promotes culture and influences the construction of identities through its representations. In order to analyze these issues, the film Captain Marvel (CM) was chosen for study, analyzed through the perspective of Cultural Studies with Feminist Hermeneutics. The central question was how cinema can influence gender representations and stereotypes, helping or not assisting women's empowerment process. The analysis of the film was carried out through the selection of some clippings from twelve scenes of this one and, in addition, four reviews were chosen, two from Brazil, one from the USA and one from Argentina published on websites, verifying which ones reaffirm or not, stereotypes of genre. From the analysis of the twelve scenes and the four reviews, it is possible to observe that the gender relations and the empowerment of the character and women in the film portray that despite showing timidly feminist issues, they present a representation of the woman further from the patriarchal model, however, there is still a lack of representativeness and appreciation of minorities. The choice of the CM film challenged reflections on issues of gender, race and class and on the empowerment of women, questioning the representations constructed by cultural artifacts centered on patriarchal stereotypes. It is possible to notice that among the people who criticize the film, there is little representativeness of the diversities and this also, in a certain way, influences the way the audience perceives the representations and reflections that the film suggests. The dissertation concludes that the representations exposed in the media, in favor of other representativeness and diversity, need to be discussed through the knowledge that the feminist movement offers to society.

Keywords: Woman. Feminist Hermeneutics. Cultural Studies. Cinema. Empowerment.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - SEQUÊNCIA 1	32
FIGURA 2 - SEQUÊNCIA 2	34
FIGURA 3 - SEQUÊNCIA 4	37
FIGURA 4 - SEQUÊNCIA 8	44
FIGURA 5 - SEQUÊNCIA 5	46
FIGURA 6 - SEQUÊNCIA 6	51
FIGURA 7 - SEQUÊNCIA 7	53
FIGURA 8 - SEQUÊNCIA 3	56
FIGURA 9 - SEQUÊNCIA 9	59
FIGURA 10 - SEQUÊNCIA 10	62
FIGURA 11 - SEQUÊNCIA 11	63
FIGURA 12 - SEQUÊNCIA 12	65

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – QUANTIDADE DE PESSOAS CATEGORIZADAS POR ETNIA E GÊNERO	86
GRÁFICO 2 – NÚMERO DE FRASHES E DE ROTTENS	87
GRÁFICO 3 – TOP CRÍTICAS ROTTEN TOMATOES	88
GRÁFICO 4 – TIPO DE CLASSIFICAÇÃO DO FILME	90

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - MULHERES NO SITE ROTTEN TOMATOES	87
TABELA 2 - HOMENS NO SITE ROTTEN TOMATOES	88
TABELA 3 - MULHERES NO SITE FILMAFFINITY	91
TABELA 4 - HOMENS NO SITE FILMAFFINITY	91

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 ESTRUTURA E METODOLOGIA DA PESQUISA	18
1.1 PESQUISAS RELACIONADAS AO TEMA	20
1.2 A ORGANIZAÇÃO DO PROCESSO DE ESTUDO DO FILME	23
1.3 A PROPOSTA DE ANÁLISE DO FILME E DAS CRÍTICAS	24
2 O CINEMA E A SUA INFLUÊNCIA EM PRODUZIR CONCEITOS SOCIAIS	27
2.1 AS DIFERENÇAS ENTRE MULHER E HOMEM E A CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO	28
2.2 O CINEMA COMO PEDAGOGIA E A INFLUÊNCIA DE SUAS REPRESENTAÇÕES NAS RELAÇÕES DE GÊNERO	42
2.3 EMPODERAMENTO: UMA FORMA DE REESTRUTURAR AS REPRESENTAÇÕES E AS RELAÇÕES DE GÊNERO	58
3 O FILME DA CAPITÃ MARVEL E SUAS REPRESENTAÇÕES	73
3.1 TRAMA DO FILME	74
3.2 ANÁLISE SOBRE AS CRÍTICAS FEITAS AO FILME	78
3.2.1 Crítica 1	79
3.2.2 Crítica 2	82
3.2.3 Crítica 3	83
3.2.4 Crítica 4	89
CONCLUSÃO.....	94
REFERÊNCIAS	98
FICHAS CATALOGRÁFICAS DOS FILMES	104
ANEXO A - RESULTADOS DA BASE BDTD	105
ANEXO B -ARTIGOS DA BASE ANPED	107
ANEXO C - ARTIGOS DE REVISTAS	108

INTRODUÇÃO

Na sociedade existem diversos tipos de pessoas; cada uma com seu modo único de ser, de se expressar, de se vestir ... enfim, de existir. Porém, existe uma normatização que regula e naturaliza os comportamentos e as características dos indivíduos (SAFFIOTI, 1987). Essa regularização normativa sustenta predominantemente a ideia binária (homem e mulher) de identidade, dentro de uma sociedade hegemônica, desconsiderando e deslegitimando várias pessoas que estão fora do padrão visto como modelo ideal. De acordo com Chimamanda Adichie (2015, p. 16-17), para algo se tornar normal é preciso que se repita várias vezes, pois se é visto de forma frequente, se torna normal. Se apenas meninos puderem ser considerados mais fortes, isso será considerado normal, mesmo que inconscientemente. Se apenas homens ocuparem cargos de chefia nas empresas, isso também se tornará normal, depois de um tempo. Essas normalidades são repetidas e ilustradas em muitos artefatos culturais a fim de serem modelos sociais, até que seja estabelecida a normatividade. No entanto, os modelos retratados e indicados como parâmetros não incluem a todos, pelo fato de cada pessoa ser única e ter suas particularidades. Desse modo, questionar a representação exposta pelos artefatos culturais torna-se necessário e crucial para ampliar a percepção e a compreensão do mundo, principalmente sobre a diversidade e a pluralidade, a fim de que seja reconhecida a importância da representatividade e da diferença.

Algumas reflexões sobre essas questões foram feitas na graduação de Pedagogia, a qual segui cursando mesmo depois de entrar no Mestrado. A Pedagogia me possibilitou conhecer teorias diferentes das que tinha estudado na minha primeira graduação - Letras Inglês, além de me proporcionar um novo olhar sobre a escola e a educação. Este Curso complementou minha formação, me ajudando a ampliar a visão sobre ser professora e sobre o papel da escola na vida dos sujeitos, pensando que a educação é um processo social que envolve instituições (como: família e escola), experiências, histórias de vida e cultura. O Curso também abriu meus horizontes, me fazendo querer entrar no Mestrado em Educação. Assim, essa pesquisa é fundamentada nas minhas vivências como professora, estudante e mulher, no meu contexto acadêmico e nas discussões sobre desigualdade de gênero e papéis de gênero dentro e fora da educação, realizadas no Mestrado em Educação no Grupo de Pesquisa Educação, Gênero e Trabalho Artesanal¹, bem como nas palestras e/ou seminários/simpósios sobre gênero e

¹ Grupo de pesquisa da Profa. Dra. Edla Eggert, em que são discutidos e analisados artigos, livros, documentos e discursos de cunho político-sociais, a partir da hermenêutica feminista. Este grupo possibilitou ampliar o conhecimento em relação a vários temas interligados com a educação, bem como aprender, discutir e aprofundar os temas de pesquisa e as vivências da academia e de sala de aula.

educação. Em função disso, durante o desenvolvimento deste trabalho, escrevi na 1ª pessoa do singular quando elaborei ideias somente minhas e, às vezes, na 1ª pessoa do plural, pensando nas concepções que construí junto da minha orientadora e/ou dessas discussões nos grupos de pesquisa e demais contextos sociais.

Minha dissertação tem por tema o cinema como instância educativa e o empoderamento e a representação das mulheres no cinema, tendo como base o filme *Capitã Marvel*. Escolhi este longa-metragem por ser o primeiro filme da Marvel a ter uma super-heroína solo e mulher como protagonista, fato que gerou uma série de matérias negativas com comentários depreciativos e machistas sobre o filme e sobre a personagem. Também surgiram críticas com esse mesmo viés sobre a atriz protagonista, Brie Larson, principalmente depois de ela ter se pronunciado na entrega do Prêmio Crystal & Lucy do Festival *Women In Film*², em Los Angeles, em 2018, pedindo que os críticos de cinema fossem mais diversos e não somente homens, brancos, heterossexuais e cisgênero. Outra motivação para a escolha do filme foi uma palestra de Rodrigo Selback³ sobre *A História da Capitã Marvel*, na qual foi feita uma breve comparação entre as histórias em quadrinhos da super-heroína e seu filme.

O filme conta a história da origem da super-heroína e tem base nos quadrinhos. *Capitã Marvel*⁴ da *Marvel Studios* conta a história de Carol Danvers (Brie Larson) enquanto ela se torna uma das heroínas mais poderosas do universo. A trama inicia com a personagem fazendo parte do exército dos Krees, uma raça alienígena que está em guerra com os Skrulls. Em uma missão, Carol é capturada pelos Skrulls e ao tentar escapar ela e eles acabam caindo na Terra. Assim, ela conhece o jovem agente Nick Fury (Samuel L. Jackson), do qual ela consegue ajuda para desvendar os segredos do passado dela e pôr um fim no conflito contra os Skrulls (a trama completa do filme está na página 74 no tópico 3.1 do capítulo 3). Ao ser adaptada para o cinema, a história sofre algumas variações, devido ao Universo Cinematográfico da Marvel ser considerado um pouco diferente das Histórias em Quadrinhos (HQs). No entanto, este filme da *Capitã Marvel* é considerado o mais singular dos filmes dessa empresa, por ter uma super-heroína solo e mulher como personagem principal. Selback (2019) destacou, em um dos slides

² Discurso completo da atriz Brie Larson ao receber o Prêmio Crystal em 2018, no Festival *Women In Filme*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wpVKBAT7MJ4>. No ano de 2018, todos já sabiam que Brie Larson interpretaria a personagem da *Capitã Marvel*, algo que foi anunciado em 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2016/07/brie-larsson-sera-1-protagonista-da-marvel-com-capita-marvel.html>.

³ Rodrigo Selback é Bacharel em Educação Física com Especialização em Movimento Humano. Ele criou um blog, no qual escreve sobre cultura *geek* e *nerd* e com isso virou *influencer* na Internet. A sua palestra sobre *A História da Capitã Marvel* aconteceu no dia 5 de maio de 2019, na primeira edição do evento *Poa Geek Week*, o qual foi realizado no Centro de Eventos da PUCRS, dos dias 2 a 5 de maio de 2019. Disponível em: <http://www.blogdoselback.com.br/>.

⁴ O primeiro trailer do filme encontra-se disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JhY6Yy4wtb4>.

de sua apresentação, que o mentor, Walter Lawson, da Capitã Marvel nos quadrinhos, no filme foi representado como uma mentora, Wendy Lawson. Isso é uma informação relevante para ilustrar e observar como a mudança de gênero de um personagem é de grande importância para o contexto e a mensagem que o filme quer transmitir, posto que o universo dos quadrinhos ainda é dominado pelo público masculino. Desse modo, o filme parece ter sido planejado para dar visibilidade e mais destaque às mulheres e isso decepcionou e/ou “desacomodou” uma parte do público acostumado com determinados super-heróis homens em papel de destaque.

A estreia do filme, no Brasil e na Argentina, foi no dia 7 de março de 2019 e no dia 8 de março nos Estados Unidos. Por escolher essas datas, a indústria parece ter querido presentear as mulheres com o filme, devido ao dia 8 de março⁵ ser o Dia Internacional da Mulher. Podemos interpretar como sendo essa uma tentativa, mas não afirmar. Mesmo sendo um filme meio revolucionário para Marvel⁶, por conter uma super-heroína solo, desde antes de seu lançamento ele já estava sofrendo várias críticas negativas e a atriz principal, Brie Larson, já era atacada verbalmente de várias formas pelo público. Antes e após a estreia do filme, diversas matérias de opinião geral foram publicadas na Internet. As opiniões nas matérias criticavam desde a Marvel, por ter colocado uma personagem mulher muito empoderada que quebrava os padrões de gênero, até a própria atriz por ter um posicionamento feminista e de resistência contra a normatividade. Além disso, Capitã Marvel entra como primeira personagem mulher da Marvel que tem destaque no cinema, sendo que o universo dos filmes é dominado (ou era), em sua maioria, por super-heróis homens.

Guacira Lopes Louro (2000, p. 440), já no ano de 2000, afirmava que “O cinema dominante é conduzido por homens brancos ocidentais: na concepção, direção e produção dos filmes.” E segue sendo conduzido pelos homens. A cinematografia é um artefato cultural significativo na formação de identidades, porque interfere na representatividade dos gêneros, retratando modos de se ser homem ou mulher, entre outras possibilidades de identificação. Ao ser dominado por homens, o cinema acaba por confinar as mulheres, ou as representações que se aproximem e/ou estejam ligadas ao feminino, a estereótipos ou a papéis muito específicos e

⁵ Clara Zetkin, figura histórica do feminismo, propôs o dia 8 de março como Dia Internacional da Mulher. Ela escolheu essa data porque nesse dia, no ano de 1857, em Nova Iorque, 129 mulheres foram queimadas vivas por seus patrões dentro de uma fábrica por reivindicarem igualdade salarial, melhores condições de trabalho e redução da jornada de catorze para dez horas (GONDENBERG; TOSCANO, 1992, p. 21).

⁶ É importante lembrar que a Marvel começou sendo uma editora de quadrinhos e depois começou a desenvolver filmes. Suas obras passaram a fazer parte da indústria cultural e foram desenvolvidos diversos produtos a partir dos personagens criados pela empresa. Esse produtos viraram alvo de consumo do público e uma forma de faturamento para a Marvel. Então, a Capitã Marvel, por exemplo, ela é uma personagem e um produto que carrega o nome da empresa. Para saber mais sobre a Marvel consultar: MOTA, P. H. Marvel – História da editora nos quadrinhos e no cinema. *In: SEGREDOS DO MUNDO*, 4 jun. 2020. Disponível em: <https://segredosdomundo.r7.com/marvel-historia/>. Acesso em: 29 de abril de 2021.

s--em importância, os quais levam à invisibilidade ou deslegitimação deste público. Conforme Guacira Louro (2000, p. 423):

Em várias sociedades, incluindo a brasileira, o cinema passou a ser, desde as primeiras décadas do século XX, uma das formas culturais mais significativas. Surgindo como uma modalidade moderna de lazer, rapidamente conquistou adeptos, provocando novas práticas e novos ritos urbanos. Em pouco tempo, o cinema transformou-se numa instância formativa poderosa, na qual representações de gênero, sexuais, étnicas e de classe eram (e são) reiteradas, legitimadas ou marginalizadas.

Desse modo, é possível afirmar que o cinema também é capaz de instaurar e formar opiniões, transmitir e interpretar culturas e construir conhecimento, além de contribuir para a educação. Outros meios que também têm influenciado bastante nessas mesmas questões são os sites de matérias publicadas na Internet, que permitem comentários na própria plataforma ou por meio do *Facebook*⁷, visto que proporciona a interação virtual de várias pessoas, fazendo com que estas tenham acesso a diversos tipos de informações digitais envolvendo educação, cultura, política e entretenimento de modo geral. Devido ao cinema e às publicações em redes sociais da Internet serem meios que interferem na educação, de maneira não convencional, eles também podem construir pedagogias, pois se constituem como instâncias educativas interpelando os sujeitos com ações diferentes da escola e conseqüentemente com efeitos distintos (LOURO, 2000, p. 423). No entanto, é muito importante observar quem está produzindo essas pedagogias e ocupando os espaços culturais que as produzem, bem como analisar as representações construídas nesses filmes, nesses discursos das redes, presentes na mídia em geral.

Para observar parte dessas questões, escolho como foco de análise o filme *Capitã Marvel* (CM) e utilizo os Estudos Culturais e a Hermenêutica Feminista para me auxiliar na realização deste trabalho. Ambos possibilitam desenvolver análises fílmicas pelo olhar educacional, proporcionando a reflexão sobre a educação para além das instituições acadêmicas.

É nesse contexto que esta pesquisa busca responder a seguinte pergunta: Como a representação da mulher repercute no filme *Capitã Marvel* implicando na representatividade das mulheres, podendo contribuir ou não para o processo de empoderamento?

⁷ Facebook é uma rede social, na qual é possível criar um perfil, postar conteúdo da Internet ou fotos pessoais (ou não), adicionar amigos, interagir com eles pelas postagens ou no Messenger (uma espécie de chat dentro do próprio site), curtir e/ou criar páginas, reagir e comentar nas postagens, marcar e confirmar eventos. Ainda, é possível jogar jogos disponíveis no site e postar *stories*, os quais são postagens que ficam disponíveis para visualização por apenas 24 horas.

A partir dessa pergunta desdobram-se duas outras questões: Como as representações do filme podem influenciar nas relações de gênero e na desconstrução da “mulher”⁸? e Quais as implicações do filme CM no empoderamento das meninas e das mulheres?

Buscando responder estas perguntas, elaboramos os seguintes objetivos:

Objetivo geral: Analisar pelo viés dos Estudos Culturais e da Hermenêutica Feminista, como o cinema pode influenciar nas representações e nos estereótipos de gênero, auxiliando ou não no processo de empoderamento das mulheres.

Objetivos específicos: Compreender, por meio dos Estudos Culturais e da Hermenêutica Feminista, como as representações do filme Capitã Marvel podem influenciar nas relações de gênero, no empoderamento e na desconstrução da “mulher”; discutir a representação e o empoderamento da personagem e das mulheres a partir da análise de 12 cenas do filme; e identificar as reações demonstradas em 4 críticas (duas do Brasil, uma dos EUA e uma da Argentina), publicadas em sites, observando quais reafirmações sobre as relações de gênero e sobre a mulher podem ser feitas a partir delas.

A base teórica utilizada para contextualizar a discussão são artigos, dissertações, teses e livros escritos, em sua grande maioria, por mulheres, visto que esta pesquisa é tecida por meio da hermenêutica feminista, envolvendo questões feministas, de gênero e de representatividade feminina. Ao optarmos por uma bibliografia escrita em sua maioria por mulheres, buscamos desconstruir o androcentrismo e, portanto, entendemos que mulheres cientistas merecem seu lugar na sociedade e têm importância na construção de conhecimento.

As principais teóricas usadas para este estudo são Guacira Lopes Louro (2001; 2010), Ivone Gebara (2000), Chimamanda Adichie (2015; 2017; 2019) e Simone de Beauvoir (1967), pois todas escrevem sobre gênero, e a última ainda utiliza esse conceito para discutir sobre a definição de “mulher”. Outras autoras importantes para esta pesquisa são Heleieth Saffioti (1976; 1987) e Marcela Lagarde (2005), pois ambas questionam e descontrolam a definição e o papel da mulher, discutindo sobre o ser mulher dentro de uma sociedade patriarcal-capitalista. Há também as pesquisadoras Karla Holanda (2017), Nadja Hermannn (2002; 2014), Márcia Paixão (2011) e Edla Eggert (2011), relevantes para este trabalho, visto que desenvolvem estudos sobre gênero no cinema e cinema na educação, gênero e trabalho, mulheres e cinema e representatividade das mulheres, feminismo e hermenêutica feminista, educação e trabalho artesanal de mulheres. Ainda serão citadas pesquisas significativas de outras mulheres, por

⁸ A desconstrução da “mulher” é no sentido de desconstruir as características e de quebrar os estereótipos que estão ligados ao conceito mulher e são colocados como inerentes para essa identidade de gênero, por isso a palavra mulher está entre aspas.

debaterem sobre a temática deste trabalho - essas pesquisas são apresentadas no capítulo 1, o qual é sobre a metodologia.

A Hermenêutica Feminista nos acompanha como uma forma de pensar a produção do conhecimento e como uma visão de mundo. Ela é elaborada a partir da suspeita, a qual tem papel fundamental nas críticas feministas, segundo Cleusa Caldeira (2013, p. 189), “para contestar a história escrita por homens, vencedores e poderosos”, cis-hetero-brancos, que instauram normas e padrões sociais e mantêm as mulheres e outras minorias submissas e dominadas. Desse modo, entendemos que buscamos empreender passos que sugerem desconstruir, reconstruir e transformar aspectos sociais, através de uma análise das relações de gênero e de representações destas. Segundo Márcia Paixão e Edla Eggert (2011, p. 18), “Pensar a experiência a partir desse método é revisar a vida, ter novos horizontes, construir novas formas de vida. Essa revisão inclui a pergunta pelas causas da exclusão, da opressão, da violência”. Entendo que os Estudos Culturais questionam a norma, o padrão e a estrutural social, procurando analisar e desconstruir as relações de poder abusivas. Enquanto a hermenêutica suspeita e investiga essas mesmas questões. Então, achei interessante associar esse campo teórico e esse método, algo que explicito melhor como fiz no capítulo 1.

A dissertação está organizada em três capítulos. No capítulo 1, descrevo a estrutura e a metodologia da pesquisa, explicando a forma como conectei os Estudos Culturais com a Hermenêutica Feminista; apresento algumas pesquisas sobre o tema aqui estudado e quais destas utilizei como referência; e, por fim, específico como desenvolvi o processo de análise do filme e das críticas deste. No capítulo 2, disserto sobre as questões e relações de gênero e como estas podem ser influenciadas pelas representações do cinema. Ao longo da discussão, apresento 12 cenas do filme Capitã Marvel para exemplificar alguns pontos e conectar o longa com as abordagens teóricas e situações reais, bem como analisar quais as cenas podem ser relacionadas ao empoderamento e auxiliar na desconstrução da “mulher”. Por fim, no capítulo 3, apresento um resumo do enredo do filme, uma análise geral deste e a análise de 4 críticas sobre ele. Além disso, faço comparações entre as críticas tentando entender como foi recebida a representação da personagem e o filme nos três países: Brasil, Argentina e E.U.A..

1 ESTRUTURA E METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo, esclareço como estabeleci uma relação entre os Estudos Culturais e a Hermenêutica Feminista, mostro pesquisas relacionadas ao tema aqui abordado e quais serviram de referência para discutir sobre a temática e, por fim, descrevo o processo de análise do filme e de suas críticas.

O desenvolvimento desta pesquisa implicou entender sobre gênero, educação e cinema, pensando como esses tópicos estão articulados e quais contribuições podem ser feitas para além dos materiais já publicados. As questões de gênero começaram a ser estudadas e ganharam mais visibilidade depois dos movimentos feministas. Gênero, atualmente, está mais em evidência depois que o fundamentalismo em geral e o religioso, de modo mais sistemático, produziu um entendimento sobre a “ideologia de gênero” como a máxima da perversão da moral e dos bons costumes da família⁹. O gênero é uma construção social e um elemento que se faz presente em toda estrutura da sociedade (uma questão abordada no capítulo 2). As instituições educacionais e culturais são permeadas pelas questões de gênero e são afetadas pelas ideologias. A partir disso, é importante refletir sobre a realidade, observando quem está em evidência, quem tem mais representatividade, qual o discurso que ganha palco e é considerado o mais relevante. A fim de pensar nessas questões, elaboro uma discussão ancorada aos Estudos Culturais (E.C.) junto à Hermenêutica Feminista.

Os E.C. são um exemplo de interdisciplinaridade em que a análise da cultura é vista de maneira crítica, pensando esta e a sociedade como terrenos de disputa, de dominação e de resistência (KELLNER, 2001, p. 12-13). As pesquisas dessa área procuram entender as relações interculturais e como estas são permeadas por vínculos de poder e de hierarquização. Esse campo de investigação questiona as relações de dominância e de soberania, refletindo sobre os grupos que não têm acesso a produção cultural (SANTANA, 2017). Ainda, os estudos sobre cultura motivaram trabalhos que estudaram a televisão, o cinema, a literatura, a publicidade e as mídias em geral, tudo isso eclodiu ampliando uma reflexão sobre a importância da cultura. Inclusive, algumas dessas produções de saberes estão relacionadas com a educação e exploram as formas de cultura e quais mídias podem ser utilizadas como instrumentos pedagógicos, como métodos ou implementação destes. Outras trabalham com um ramo mais específico dentro dos Estudos Culturais, a Pedagogia Cultural, analisando desenhos animados como forma de

⁹ Ver a dissertação de colega do Grupo de pesquisa, também orientada pela Profa. Edla Eggert: TORRIANI, Betina. **Patriarcado atualizado:** uma análise da campanha religiosa conservadora ao gênero na educação. Porto Alegre, 2020.

empoderamento, a representatividade nos quadrinhos, nos filmes e na mídia em geral. Há ainda questionamentos sobre as relações de gênero ou papéis de gênero colocando o cinema como Pedagogia Cultural, por exemplo, alguns textos da autora Guacira Lopes Louro.

Os E.C. e suas ramificações, de maneira geral, questionam interações que têm por base o poder e a autoridade, sendo fundamental não serem constituídos por verdades absolutas e dogmáticas (SANTANA, 2017). De acordo com Nadja Hermann (2002, p. 24), a Hermenêutica também renuncia à pretensão de verdade absoluta, quando inserida no mundo da linguagem, reconhecendo que se pertence às coisas ditas e aos discursos. Em função de o poder ser muito estabelecido e manifestado pela linguagem, é relevante inserir também a hermenêutica para contestar vários fatos impostos pelas relações baseadas nele. As relações de gênero são determinadas por jogos de poder, os quais são construídos por meio da linguagem. O movimento feminista é um dos movimentos que busca relações sociais mais justas e igualitárias entre os seres humanos. Nesse sentido, trazemos a hermenêutica feminista para suspeitar das verdades absolutas e questionar as práticas excludentes dentro das relações sociais (PAIXÃO; EGGERT, 2011).

Desse modo, entendo que os Estudos Culturais contestam a norma, o padrão, a estrutura social, as relações de poder e as verdades absolutas, e a hermenêutica feminista suspeita e indaga sobre todas essas mesmas questões. Por isso, consegui enxergar uma conexão entre ambos para analisar o filme *Capitã Marvel*, no qual percebo a possibilidade de explorar sobre a representação da mulher e as relações de gênero. Penso que pelos efeitos desses questionamentos e reflexões sobre representatividade, diversidade cultural e social nas mídias, o cinema foi uma das instâncias culturais que sofreu mudanças. É possível observar algumas mudanças significativas nos desenhos da Disney, por exemplo. Houve uma modificação na construção e na representação das princesas, observadas nas animações: *Valente* (2012), *Fronzen* (2014), *Malévola* (2014) e *Moana* (2017). Também aconteceram alterações nas representatividades femininas em filmes de ação, suspense, heróis e aventura, tais como: *Histórias Cruzadas* (2011), *As Sufragistas* (2015), *Estrelas Além do Tempo* (2016), *Mulher Maravilha* (2017), *Oito mulheres e um Segredo* (2018), *Capitã Marvel* (2019), *As Golpistas* (2019). Além do cinema, outras mídias sofreram modificações, começaram a surgir mais blogues, sites e canais no Youtube escritos e gerenciados por mulheres e programas de televisão, nos quais elas ganharam mais visibilidade. Algumas dessas mulheres que se destacaram na mídia são: Fernanda Gentil, Jameela Jamil, Maísa Silva, Maíra Medeiros, Maria

Júlia Coutinho, Nath Finanças, Nilce Moretto, Taís Araújo¹⁰. Essas mudanças permanecem acontecendo de maneira gradativa; e os estudos sobre isso tiveram um aumento significativo no período de 2010 a 2019. Esta foi/é a época em que o cinema e as outras mídias passaram por modificações em relação ao público dominante e a suas representações de maneira geral, destacando a importância da diversidade e de outros modos de ser, longe do padrão. Entendo essas mudanças como transformações sociais dentro da cultura, as quais proporcionaram mais espaço, autoria e visibilidade às mulheres e a outras minorias.

1.1 PESQUISAS RELACIONADAS AO TEMA

Decidi fazer meu recorte de pesquisa entre 2010 e 2019, buscando trabalhos acadêmicos escritos por mulheres dentro desse período e com a temática semelhante ao meu estudo. Além do recorte temporal, selecionei as seguintes palavras-chave para pesquisar nas bases: estudos culturais, pedagogia cultural, educação, empoderamento, gênero, feminismo, epistemologia e hermenêutica feminista, mulheres, representatividade, representação, histórias em quadrinhos, cinema e mídias. Realizei as pesquisas nas bases combinando essas palavras, busquei “pedagogia cultural” fazendo a associação desta com mais duas de todas as outras palavras, pois, no início, a ideia era focar na pedagogia cultural. Porém, depois da minha qualificação, percebi que a pesquisa ficaria melhor explorada dentro de algumas teorias dos estudos culturais, as quais não excluem totalmente as pedagogias culturais, mas estabelecem uma melhor relação com a hermenêutica feminista. Outras combinações de palavras que fiz durante minha busca foram: gênero e feminismo; cinema e/ou educação e/ou representatividade e/ou mulheres e/ou feminismo; hermenêutica e epistemologia feminista; representatividade e/ou representação e/ou mulheres e/ou histórias em quadrinhos; mulheres e/ou empoderamento e/ou HQs e/ou cinema. As histórias em quadrinhos foram uma escolha de palavra-chave porque o filme Capitã Marvel tem base nas HQs. Então, considerei importante verificar se havia trabalhos que analisassem a personagem nesse contexto cultural para poder entender um pouco do universo que deu origem ao filme. Todos esses arranjos de palavras me proporcionaram encontrar estudos mais parecidos com o meu tema e obter com mais precisão trabalhos que pudessem auxiliar no meu texto.

¹⁰ Fernanda Gentil – Jornalista e apresentadora de televisão brasileira. Jameela Jamil – atriz britânica, *queer* e ativista sobre *body-positivity* (contra o padrão estético para mulheres). Maísa Silva – Apresentadora, youtuber, atriz e cantora brasileira. Maíra Medeiros – Youtuber e criadora do canal Nunca te pedi nada. Maria Júlia Coutinho (Maju Coutinho) – Jornalista, apresentadora, comentarista, radialista e repórter brasileira. Desde 30 de setembro de 2019 é âncora do Jornal Hoje. Nath Finanças – Youtuber e influencer no Twitter. Nilce Moretto – Youtuber e cofundadora dos canais Coisa de Nerd e Cadê a Chave. Taís Araújo – Atriz brasileira.

Comecei pesquisando na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), desenvolvida pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), na qual encontrei 21 trabalhos relacionados ao tema, dos quais 11 são dissertações e 10 são teses, conforme mostra a tabela 1 (Anexo A, p. 105).

Desses 21 estudos, selecionei 8 (anos grifados de amarelo na tabela 1, Anexo A), 4 dissertações e 4 teses. As dissertações selecionadas foram das pesquisadoras Lina Alves Arruda (2013) – Estratégias desconstrutivas: a crítica feminista da representação; Fernanda Lázara de Oliveira Santos (2017) – Do papel à tela, três histórias de princesas: reconfigurações do feminino entre literatura e cinema; Thaís Botrel Reis (2017) – A mulher e o cinema: representação feminina no mercado cinematográfico brasileiro; e Lais Coutinho Roxo (2018) – GirlPower: a representação do feminino nos quadrinhos. As teses escolhidas foram Elaine Maria Dias de B. Oliveira (2014) – Espelhamento e/ou estranhamento? A formação cultural (*bildung*) como o outro da pedagogia; Marta Cristina Friederichs (2015) – Quanto mais quente melhor: corpos femininos nas telas do cinema; Paula Deporte de Andrade (2016) – Pedagogias culturais: uma cartografia das (re)invenções do conceito; e Marcilene Forechi (2018) – Identidades femininas em comentários no Facebook: uma análise a partir dos estudos culturais em educação.

Outra base na qual pesquisei foi a da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), na qual encontrei 4 artigos relacionados ao tema (Anexo B, p. 107). No entanto, esses artigos abordam um ou dois assuntos referentes as palavras-chave, em função de serem artigos não muito extensos e focarem mais especificamente um determinado tema.

Por último, pesquisei artigos em revistas on-line, nas quais encontrei 25, conforme Anexo C (p. 108). Cada artigo aborda pelo menos dois elementos-chave da temática do trabalho em questão, nos quais algumas palavras já podem ser observadas desde os títulos. As mulheres são maioria na autoria dos artigos (25), apenas 5 títulos têm autoras mulheres com autores homens.

Em meio a essas pesquisas, apenas a tese de Marcilene Forechi (2018) é o trabalho mais próximo do estudo que elaboro, pois articula a relação entre os tópicos pedagogia, cultura, gênero e identidade com comentários nas redes sociais. A pesquisa de Forechi (2018) está mais relacionada com a pedagogia cultural e utiliza comentários do Facebook como objeto. Na minha pesquisa, utilizo teorias dos estudos culturais, que, por vezes, mencionam as pedagogias culturais, e os comentários analisados são apenas de uma das críticas que selecionei e estão escritos diretamente na mesma página do site, não em uma rede social. No entanto, o site permite a conectividade dos usuários por algumas redes sociais, dentre elas o Facebook.

Apesar de existirem vários estudos utilizando o campo dos estudos culturais e pedagogias culturais, como cinema, desenhos animados, filmes, livros, jogos, e dessas pesquisas estarem aumentado em um curto período, **ainda** existem objetos inexplorados dentro da relação: estudos culturais e pedagogia cultural a partir das publicações na Internet, empoderamento, poder, gênero e representatividade de mulheres. Além disso, não encontrei uma pesquisa que relacionasse os estudos culturais com a hermenêutica feminista de maneira direta, mas que somente explorem mais especificamente teorias feministas ou dos estudos culturais que estabelecem conexões entre esses elementos. Ainda, observamos que a hermenêutica feminista aparece muito pouco nomeada nesses trabalhos, embora suspeitemos que ela está presente pelo fato de as pesquisas serem feitas por mulheres e pela maioria estar questionando e suspeitando de uma lógica machista normativa e patriarcal e/ou capitalista e/ou reivindicando alguns conceitos sociais. No entanto, há poucos trabalhos utilizando a hermenêutica feminista para análises de desconstrução de conceitos hegemônicos aplicados, repassados, retratados e representados pelos artefatos culturais, e que estejam relacionados com os estudos culturais. Assim, é importante observar quais identidades são formadas dentro da cultura como um todo, quais pessoas continuam ocupando os espaços de fala nas redes e nas mídias em geral e quais vozes continuam sendo silenciadas nessas relações culturais midiáticas.

Este trabalho, além de ser pertinente na complementação do material já existente, analisa o filme *Capitã Marvel*, ainda não explorado por nenhuma pesquisa, e 4 críticas sobre ele (explicitadas na p. 24), pensando como foi construída a representação da mulher nesse filme e o que as críticas, e o público dos comentários de uma destas, demonstram sobre o filme e essa representação de mulher. Para fazer essa análise, conecto as teorias dos Estudos Culturais e o método da Hermenêutica Feminista, buscando soluções para desconstruir os estereótipos por trás da definição “mulher”, a fim de oferecer recursos educacionais para o empoderamento de garotas¹¹ e de mulheres. Esse estudo também se torna relevante porque, de acordo com Sandra Machado (2017, p. 13):

As más representações, os silenciamentos, as omissões, as aculturações e os estereótipos de gênero, nos Meios de Comunicação de Massa (Mass Media), terminam por fomentar, retroalimentar e perpetuar papéis sociais arcaicos, machistas e misóginos, ao normatizar as violências simbólicas e/ou físicas contra as mulheres. Especialmente, no que tange a indústria de entretenimento, que engloba a imprensa mainstream, a publicidade e propaganda, e as produções cinematográficas e televisivas globais.

¹¹ Aqui utilizo a palavra garotas para fazer uma analogia com a expressão em inglês: *Fight Like a girl*, popularmente traduzida como “lute como uma garota”.

Com isso, este estudo surge também a fim de agregar na luta das mulheres e pelas mulheres nas pesquisas e nos demais meios sociais; luta que sempre foi (e ainda é) constante, assim como a constante tentativa de conexão entre a educação e os meios culturais. Então, todos os estudos que procuram debater ou renovar discussões com temáticas que envolvam as mulheres e as demais minorias sociais são relevantes e necessários, tanto na academia como nos diversos segmentos da sociedade, visto que quanto mais perspectivas sobre um mesmo assunto forem levantadas, maiores serão as chances de se quebrarem pré-conceitos e preconceitos acerca de grupos socialmente vulneráveis, excluídos e silenciados, e de se chegar mais perto de uma equidade social. Isso também irá contribuir para que as pessoas menos dominantes e invisíveis socialmente (mulheres, negros, povos originários, LGBTQIA¹², pessoas de baixa renda) sejam inseridas de forma digna na sociedade, além de ajudar a ampliar a criação de políticas públicas voltadas para sua proteção e efetiva aplicação de seus direitos fundamentais.

1.2 A ORGANIZAÇÃO DO PROCESSO DE ESTUDO DO FILME

A dissertação em tela caracteriza-se como um exercício analítico de um filme e de 4 críticas sobre este. A partir da minha experiência, da pesquisa e da leitura de materiais já publicados, livros, artigos, dissertações e publicações da Internet, reflito como foram construídas as relações do gênero na sociedade e quais as mudanças que essa construção já sofreu até os tempos atuais. Depois de selecionar e ler a bibliografia, estabeleci a sua relação com meus objetos de estudo, os quais são o filme Capitã Marvel e 4 críticas sobre este.

Para estruturar o esquadramento do filme, busquei materiais empíricos que foram as Histórias em Quadrinhos (HQs) da Capitã Marvel, matérias sobre o filme publicadas na Internet em geral. Realizei um estudo sobre as HQs que encontrei na internet para conhecer a origem da personagem Capitã Marvel e entender sobre ela. Encontrei o Dossiê Carol Danvers, escrito por Fernanda Pinheiro¹³ (2020) e duas matérias publicadas no site Omelete, escritas por Natália

12 LGBTQIA é a sigla que define Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, *queer* (atua com a ideia que abrange as pessoas de ambos os gêneros que possuem uma variedade de orientações, preferências e hábitos sexuais, ou seja, um termo neutro que possa ser utilizado por todos os adeptos desse movimento), Intersexo (pessoas em que a sua característica física não é expressa por características sexuais exclusivamente masculinas ou femininas) e assexual (pessoa que não possui atração sexual nem por homens e nem por mulheres ou que não possua orientação sexual definida). (USP DIVERSIDADE, 2018).

¹³ Fernanda Pinheiro é a criadora e administradora do perfil do Twitter **Captain Marvel BR**. Ela disponibilizou o link do dossiê em seu perfil. Nas primeiras 13 páginas do Dossiê Carol Danvers, a autora diz que utilizou a matéria Capitã Marvel (Carol Danvers) publicada no site Protocolos Marvel e a matéria Carol Danvers (Terra-616) do site Marvel fandon database. A partir da página 14 do dossiê, é tudo de autoria de Fernanda Pinheiro com base nas HQs, inclusive todos os recortes de imagens foram feitos pela autora. De acordo com Pinheiro, ela começou a

Bridi (2019). O dossiê estava disponível no *Twitter* em um link do *Google Drive* e junto dele havia todas as histórias da Capitã Marvel em PDF. Ainda, troquei mensagens via *Twitter* com Fernanda Pinheiro para entender melhor a montagem do dossiê e poder citar sua referência. Quanto as matérias do site Omelete, descreviam um pouco da história da personagem, indicando em quais HQs estavam as partes interessantes. Outra referência que me ajudou a entender a personagem e sua representação nas HQs foi a dissertação de Lais Coutinho Roxo (2018), na qual uma das questões discutidas é a roupa, o uniforme da super-heroína.

Após compreender a origem e a história da personagem, assisti ao filme outra vez, no DVD pelo computador (havia assistido uma vez no cinema), focando nos detalhes e observando quais cenas poderiam compor a minha análise. Depois, reassisti ao filme, pausando e tirando prints dos *frames* das 12 cenas¹⁴ que decidi selecionar.

Quanto às críticas sobre o filme, fiz uma busca das que foram publicadas entre os dias 7 de março de 2019 (pré-estreia de Capitã Marvel no Brasil) e 25 de abril de 2019 (pré-estreia de Vingadores: Ultimato no Brasil – um filme em que a Capitã Marvel também aparece). Optei por selecionar 4 críticas, duas brasileiras, uma estadunidense e uma argentina. Escolhi duas brasileiras em função da importância autoral brasileira e por analisar muitas das questões do filme pensando no contexto do Brasil. Uma crítica brasileira foi do site Omelete (CANHISARES, 2019), escrita por uma mulher e a única crítica que apresenta comentários de usuários do site. A outra foi do Observatório do Cinema (SCHARLACK, 2019) e foi feita por um homem. A crítica dos E.U.A. foi escrita por uma mulher e está disponível no site *Rotten Tomatoes* e publicada no site *Shadow and Act* (JONES, 2019). A última crítica é de um argentino e está no site *FilmAffinity Ecuador* (BRAVO, 2019).

1.3 A PROPOSTA DE ANÁLISE DO FILME E DAS CRÍTICAS

Pensando na teorização como um processo integral da dissertação, ao invés de colocar a análise das 12 cenas do filme em um tópico separado, experimentei inseri-las como exemplos da discussão teórica. Construo meu texto fazendo questionamentos e suspeitas sobre as relações de gênero e de poder, a mulher no cinema, o cinema como pedagogia e demais questões sociais que envolvam a mulher como indivíduo e como uma classificação de gênero. Ao longo da

escrever o dossiê em 2017 e segue atualizando-o conforme a história da personagem; a última atualização foi esse ano, 2020. (CAROL DANVERS, 2009; [20--]).

¹⁴ Todas as cenas foram retiradas do DVD **CAPITÃ MARVEL**. Direção: Anna Boden e Ryan Fleck. Produção: Kevin Feige. Estados Unidos, 2019, 123 minutos. Distribuição: Dolby Digital. 1 DVD. Título original: *Captain Marvel*.

elaboração da minha escrita, apresento alguns pontos das teorias dos Estudos Culturais e do método da Hermenêutica Feminista e os ilustro com as 12 cenas do filme, mostrando como o filme da Capitã Marvel pode trazer questões sobre as relações de gênero e a representação da mulher. As cenas estão numeradas na ordem em que aparecem no filme, porém as inseri de maneira diferente ao longo do texto, a fim de seguir os pontos levantados durante o alinhamento das teorias com meu posicionamento.

Mesmo que meu foco seja a análise de 4 críticas, durante a escolha fiz uma verificação panorâmica de 2 dos sites (*Rotten Tomatoes* e *FilmAffinity*), a fim de perceber quem é o público em geral que realiza as críticas. No site *Rotten Tomatoes*, analisei o público das 5 páginas das Top Críticas (total de 89), e no *FilmAffinity* analisei a página de críticas profissionais, um total de 48 críticas. Decidi fazer esse panorama, porque também fiquei intrigada para saber se tinha sido “cumprida” a expectativa da atriz principal do filme, Brie Larson, sobre o público que escreve críticas de filmes ser mais diverso, e não somente homens, brancos, hetero e cisgênero (questão mencionada na introdução p. 13). Produzo gráficos mostrando quantas mulheres e quantos homens fazem parte do grupo de pessoas que realizam as críticas, bem como as diferentes etnias dessas pessoas.

Analiso as 4 críticas no capítulo 3, tópico 3.2, observando quais questões em relação a mulher ainda são reafirmadas, mesmo que seja em uma obra de ficção. Também analiso os comentários feitos em uma das críticas, a do site Omelete, observando se estão em concordância ou em discordância com a crítica apresentada e avaliando alguns motivos possíveis para a convergência ou a divergência dessas opiniões (às vezes, insultos).

Para realizar toda essa análise, utilizo como referência um estudo de Alexander Geimer¹⁵ (2013), no qual são apresentados dois modos distintos de recepção de um filme. Primeiro, dos “Filmes como fonte de interação grupal e de estabelecimento de relações sociais”, no qual os filmes são consumidos como uma fonte de interação em grupo e como performance de relações sociais, algo que tem sido bem observado pelos Estudos Culturais. Segundo, dos “Filmes como fonte de constituição das visões de mundo”, modo no qual os filmes são usados como meio para experimentar o mundo, algo que implica certa conectividade entre a prática social apresentada em um filme e a prática da vida cotidiana do público, o que não tem sido muito observado até o momento.

O primeiro modo de recepção pode ser observado quando proponho a discussão deste trabalho utilizando um filme, o qual assisti e discuti no meu meio social. Ao utilizar o filme

¹⁵ Seguindo um dos propósitos deste trabalho, é importante mencionar que capítulo escrito por esse autor foi traduzido por uma autora mulher – Kelly Cristina de Souza Prudencio.

como objeto de análise possibilito que outras pessoas possam falar sobre ele, e isso promove uma interação social. De acordo com Geimer (2013, p. 140), filmes e o conhecimento sobre eles podem ser usados para gerenciar relações sociais. Já o segundo modo de recepção, o qual conforme o autor é pouco explorado pelo campo dos E.C., está presente neste trabalho quando conecto as cenas do filme (a prática social do filme) com teorias que exploram a vida em sociedade, não envolvendo diretamente a vida cotidiana do público, mas reflexões das ações desse público na sociedade. Quando faço a análise das cenas, observo quais as visões de mundo podem ser construídas a partir das representações do filme Capitã Marvel. À medida que analiso as 4 críticas, percebo se os críticos concordam ou discordam das visões de mundo propostas pelo filme. Elaboro a análise por um viés da hermenêutica feminista e de uma perspectiva pós-estruturalista dos estudos culturais, procurando entender como o cinema influencia na produção de conceitos sociais.

A partir disso, no próximo capítulo, elaboro a discussão sobre cinema, educação, representatividade e cultura, dentre outras questões envolvendo as relações de gênero, e ilustro isso trazendo 12 cenas do filme Capitã Marvel. No capítulo 3, conto brevemente a história do filme e depois apresento e analiso 4 críticas sobre ele.

2 O CINEMA E A SUA INFLUÊNCIA EM PRODUZIR CONCEITOS SOCIAIS

O cinema é uma arte que faz parte da indústria cultural. É uma ferramenta de socialização efetiva, pois é um artefato que produz e conecta vários tipos de mídia e de cultura. A cultura é uma prática que requer alto nível de participação, na qual as pessoas constroem sociedades e identidades. Ela molda os indivíduos de maneira que suas potencialidades e capacidades de fala, de ação e de criatividade sejam evidenciadas e cultivadas. A cultura da mídia também tem participação nesses processos, porém ainda é algo novo para a condição humana (KELLNER, 2001, p. 11).

As produções das obras cinematográficas se espelham na estrutura, nos modelos e nos estereótipos da sociedade para construir suas narrativas e produzir cultura. O cinema envolve elementos que podem ser analisados por uma concepção interdisciplinar dentro dos Estudos Culturais, os quais abrangem teoria social, econômica, política, história, comunicação, teoria literária e cultural, filosofia e outros discursos teóricos (KELLNER, 2001, p. 42).

De acordo com Joanalira Magalhães (2012, p. 1), os Estudos Culturais constituem-se em um campo de teorização, investigação e intervenção que estuda os aspectos culturais da sociedade, que têm sua origem a partir da fundação do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, na Universidade de Birmingham, Inglaterra, em 1964. Esses estudos surgem com a intenção de refutar a participação elitista na cultura, a qual segue exaltando uma distinção hierárquica entre os diferentes tipos de cultura: alta vs. de massa; burguesa vs. operária; erudita vs. popular (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 37). Portanto, eles buscam situar e analisar a cultura dentro de um contexto sócio-histórico, promovendo uma crítica às relações desiguais, antagônicas e fomentadoras de subordinação. Esses princípios também “caminham” ao encontro das teorias feministas, dos estudos de gênero e demais percepções que procuram repensar e refletir sobre os desequilíbrios na estrutura social. Conectei os Estudos Culturais com a Hermenêutica Feminista porque ela parte da suspeita para também questionar as desigualdades entre as relações sócio-históricas-culturais, procurando, de acordo com Márcia Paixão e Edla Eggert (2011), desvendar a construção da história oculta no contexto dessas relações.

A partir disso, a discussão elaborada aqui procura mostrar como o cinema pode influenciar na produção dos conceitos sociais, mais especificamente de gênero, mulher, homem, representação e poder. Dentro da perspectiva das teorias feministas irei explicar como esses conceitos são construídos e inseridos na sociedade (tópico 2.1) e conectá-los ao contexto do cinema (tópicos 2.2 e 2.3), trazendo como plano de fundo 12 cenas do filme *Capitã Marvel*.

2.1 AS DIFERENÇAS ENTRE MULHER E HOMEM E A CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO

Existe uma norma que regula a sociedade, a qual tentamos desconstruir ou nos encaixar a cada dia. Essa norma, na sociedade ocidental, parte de uma ordem dicotômica e diz que seres humanos são divididos em homens e mulheres, e que cada um tem um determinado papel social de acordo com essa classificação, a qual é feita a partir da genitália. Portanto, todos devem agir, se expressar e vestir roupas condizentes com essa classificação.

As pessoas classificadas como mulheres são consideradas mais fracas, ensinadas a trabalhar nos cuidados da casa e de suas crianças. A sociedade atribuiu o espaço doméstico à mulher (SAFFIOTI, 1987). A mulher deve se preparar para ser uma madrepós, estabelecendo uma relação de dependência por meio do casamento ou da maternidade. Caso ela não se dedique apenas a um homem, pode receber o *status* de puta, sendo considerada do mal e erotizada (LAGARDE, 2005). A mulher também precisa estar sempre bonita; ela foi feita para servir e agradar ao homem, e “a vida não permite que elas se entreguem a nenhum talento em prejuízo dos seus deveres.” (ROSSEAU, 2017). O capitalismo se aproveitou disso, fabricando “produtos de beleza”, especialmente maquiagem e salto alto, além de roupas mais coladas e mais sexualizadas. No entanto, roupas curtas demais devem ser usadas somente em algumas ocasiões, visto que mulheres têm que “se darem ao respeito”. Esses tipos de roupa dão a entender que as pessoas podem “se aproveitar” delas e, se forem madrepós, não devem usar roupas muito despojadas.

As pessoas classificadas como homens são consideradas mais fortes, incentivadas a trabalhar em espaços públicos e por isso não precisam se preocupar com cuidados da casa, nem com suas crianças. O homem é feito para ser o provedor do lar. Ao mesmo tempo, pode ter audácia e governar seus desejos (ROSSEAU, 2017), sendo considerado melhor para o *status* masculino, ter várias mulheres. Isso faz com que ele estabeleça a ideia de que o casamento cerceia, pois casar, para “eles”, é “*game over*”, já que terão que permanecer com uma única mulher (por uma perspectiva monogâmica). Essas pessoas também devem ter cabelos curtos, usar roupas mais confortáveis e não sexualizadas, ser menos sensíveis e não demonstrar fraqueza.

A mulher e o homem recebem categorizações opostas, como se fossem seres opostos. Essa oposição está presente em vários elementos sociais. As camisas de botões, por exemplo,

as consideradas femininas têm os botões do lado esquerdo e as casas do lado direito. Enquanto as camisas consideradas masculinas têm os botões do lado direito e as casas do lado esquerdo¹⁶.

Ainda dentro dessa norma cultural, que divide a mulher e o homem e que é alimentada pelo patriarcado e pelo capitalismo, foi estabelecido um padrão de beleza estético corporal e criada uma escala hegemônica. Existe um padrão de “ser”, o qual é considerado mais alto e melhor, o qual terá mais privilégios e direitos sociais: homem, branco, heterossexual, cisgênero. Conter todas essas características é considerado dentro da norma, e ainda ganha um *plus* se for rico, alto, em forma (magro ou sarado) e bonito – dentro do padrão de beleza. No regime dominante de representação, essa identidade foi escalada como superior, tornando-se a norma invisível que regula todas as identidades (SILVA, 2001, p. 49). A propagação dessas ideias gerou algumas consequências e interpretações sociais, sobretudo na formação das identidades:

- Os homens são dominantes por sustentarem a casa; eles são os donos das mulheres, os “responsáveis” por delas. Mulheres são dominadas e dependentes financeiramente dos homens;
- Mulheres são tratadas como objetos, visto que devem servir aos homens;
- Há uma jornada de trabalho dupla ou tripla para as mulheres, porque ao conseguirem se inserir no mercado de trabalho, ainda sim seguiram sendo as únicas a cuidar da casa. Elas ganham salários menores e são desvalorizadas, principalmente pelo fato de, às vezes, poderem engravidar, levando a empresa a perder uma funcionária por um tempo, atrasando o serviço. Além de terem entrado no meio acadêmico mais tarde, são consideradas inferiores e menos qualificadas;
- As mulheres também ficaram com dificuldades de formar uma carreira por terem sempre que colocar a família em primeiro lugar; caso contrário, sofriam/sofrem preconceitos sociais de todos os lados. Além disso, encontram dificuldades para exercer algumas funções consideradas masculinas, ou, se conseguem esses cargos, são desmoralizadas ou desrespeitadas, sem serem levadas a sério.
- Qualquer pessoa que fuja desse padrão, dessa normatização e desse binarismo é desconsiderada, desrespeitada, desmoralizada e deslegitimada socialmente. Ou seja, todas as maneiras de ser e de existir que tenham alguma característica diferente de homem, branco, heterossexual, cisgênero, rico, alto, em forma (magro ou sarado) e bonito, sofrem algum preconceito e são consideradas inferiores e com menos direitos.

¹⁶ Ideias que surgiram a partir de conversas estabelecidas com minha orientadora e de discussões na disciplina Ideologia, Currículo e Ensino, ministrada pelo professor Marco Villela no Curso de Pós-Graduação em Educação da Escola de Humanidade da PUCRS no 2º semestre de 2020.

Essas consequências e interpretações se estabeleceram porque houve uma naturalização de processos socioculturais, a qual mascara a realidade com a ideologia e legitima a superioridade dos que se consideram dominantes (SAFFIOTI, 1987, p. 11). Não há como pensar em uma “natureza” feminina ou masculina, quando a sociedade condiciona inclusive o metabolismo (SAFFIOTI, 1987, p. 11). A dicotômica e a atribuição de papéis são repetidamente apresentadas para as pessoas, até que sejam interpretadas como padrão, mas, segundo Bianca Guizzo (2013, p. 35), “nenhuma característica deve ser considerada ‘natural’ a um ou a outro gênero”. No entanto, de acordo com Adichie (2015), ao repetirmos ou vermos algo diversas vezes isso se torna normal. Consequentemente, essa padronização e delimitação é feita na forma de papéis, os quais são estabelecidos desde o nascimento de cada pessoa. De acordo com Botton e Strey (2012, p. 38):

Ao ser rotulada, segundo seu sexo físico, a criança torna-se alvo de uma gama de projeções futuras, assim como tem toda a sua educação direcionada conforme o que entendemos como apropriado para homens e mulheres – os claros exemplos de estereótipos de gênero.

Com isso, ser mulher ou ser homem parece ser algo determinado pela genitália, e “colado” a essas classificações existem vários “adereços”, comportamentos determinados para cada um. A pessoa é classificada a partir do sexo biológico e isso definirá seu gênero e seus papéis sociais, inclusive seu modo de vestir, de agir e de existir.

Por conseguinte, os papéis de gênero são atribuídos por uma divisão do masculino e do feminino e definidos pela construção cultural que se faz do homem e da mulher dentro de um determinado contexto social. Essa concepção de papéis de gênero pode ser compreendida pela definição atribuída por Guacira Louro (2010, p. 24), quando diz que:

Papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar... Através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas.

Para a teórica Moema Viezzer (1989, p.117), as mulheres ainda são subordinadas aos homens, mesmo que “homens e mulheres sejam seres humanos iguais, em dignidade e em direitos”. Partindo dessa ideia, é possível supor: as mulheres são o sexo frágil e os homens são o sexo forte. Fisicamente, alguns homens podem ser mais fortes do que as mulheres. Entretanto, essa diferenciação vai além da estrutura física; ela abrange questões emocionais e sociais, pois

de acordo com a autora, “Ser homem ou ser mulher não depende só de nascer “menino ou menina”, mas de assumir “papéis” que, há milênios, vêm sendo estabelecidos pela sociedade como masculinos e femininos e que subordinam as mulheres aos homens.” (VIEZZER, 1989, p. 9).

Fundamentada a essas concepções, suspeitei sobre as definições das palavras “mulher” e “homem” no dicionário. Procurei em dicionários mais antigos e mais atuais e optei por comparar a linguagem que Ferreira usa para definir homem e mulher no dicionário Aurélio de 1986 e de 2010.

homem. [Do lat. *homine.*] *S.m.* **1.** Qualquer indivíduo pertencente à espécie animal que apresenta maior grau de complexidade na escala evolutiva; o ser humano. **2.** A espécie humana; a humanidade. **3.** O ser humano, com sua dualidade de corpo e espírito, e as virtudes e fraquezas decorrentes desse estado; mortal. **4.** Ser humano do sexo masculino, varão. **5.** Esse mesmo ser humano na idade adulta; homem-feito. **6.** *Restr.* Adolescente que atingiu a virilidade. **7.** Homem (4) dotado das chamadas qualidade viris, como coragem, força, vigor sexual, etc.; macho. **8.** Marido ou amante. **9.** Homem (5) que apresenta os requisitos necessários para um empreendimento; o homem indicado para um fim. **10.** Um homem (5) qualquer; indivíduo, sujeito, camarada, cara. (FERREIRA, 1986).

homem [Lat. *homine.*] *sm.* **1.** Qualquer indivíduo de uma espécie animal de mamíferos bípedes, simiiiformes, mas com grande desenvolvimento cerebral, capacidade de fala e raciocínio; ser humano. **2.** A espécie humana, a humanidade. **3.** Ser humano do sexo masculino; varão. **4.** O homem (3) sexualmente maduro, ou na idade adulta. (FERREIRA, 2010).

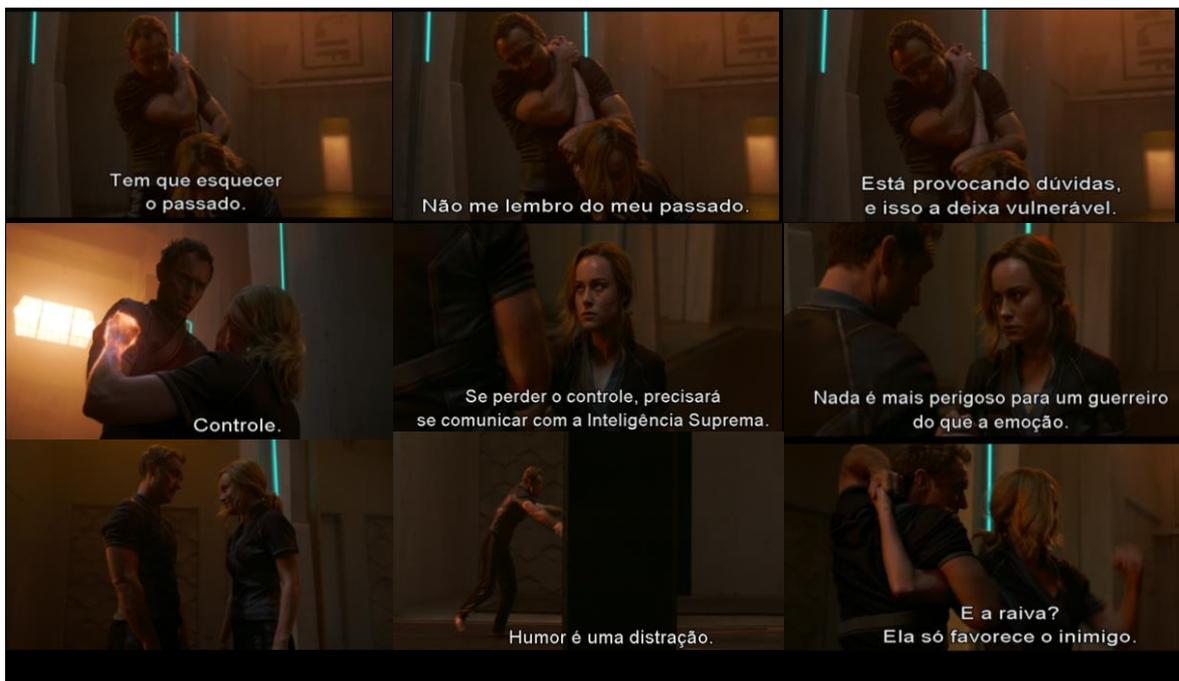
mulher. [Do lat. *muliere.*] *S. f.* **1.** O ser humano do sexo feminino capaz de conceber e parir outros seres humanos, e que se distingue do homem (4) por essas características. **2.** Esse mesmo ser humano considerado como parcela da humanidade. **3.** A mulher (1) na idade adulta. **4.** *Restr.* Adolescente do sexo feminino que atingiu a puberdade; moça. **5.** Mulher (1) dotada das chamadas qualidade e sentimentos femininos (carinho, compreensão, dedicação ao lar e à família, intuição). **6.** A mulher (1) considerada como parceira sexual do homem. **7.** *Deprec.* A mulher considerada como ser frágil, dependente, fútil, superficial ou interesseiro. **8.** Cônjuge do sexo feminino, companheira, a mulher (1) em relação ao marido; esposa. **9.** Amante, companheira, concubina. **10.** Mulher (1) que apresenta os requisitos necessários para determinadas tarefas. (FERREIRA, 1986).

mulher [Lat. *muliere.*] *sf.* **1.** Ser humano do sexo feminino. **2.** *Restr.* Mulher (1), após a puberdade. **3.** Esposa. (FERREIRA, 2010).

A definição de 2010 é mais curta e a de 1986 é mais longa e traz muitos estereótipos. No entanto, mesmo as definições sendo alteradas de forma linguística no dicionário de 2010, os estereótipos atribuídos pelas definições de 1986 ainda estão atrelados a elas. Essas definições

de homem e de mulher afetam na construção de identidade de gênero atribuídos a cada um. Elas são estabelecidas desde a infância com o propósito de padronizar a maneira de agir de meninos e de meninas, interferindo no jeito de pensar e de se relacionar com o mundo; além de padronizar a forma de ser homem e de ser mulher, a masculinidade e a feminilidade, ditando um jeito correto de expressar esses modos de ser e considerando válidos unicamente estes. Assim, mesmo que se observe um avanço significativo das diferenças de tratamento entre homem e mulher, e na linguagem para definir essas palavras, a sociedade ainda é moldada da mesma maneira: seguindo “papéis” construídos pela ideologia patriarcal e capitalista” (VIEZZER, 1989, p. 117). Essas características de oposição e de dualidade entre a mulher e o homem estão presentes em algumas cenas do filme Capitã Marvel, as quais apresento a seguir.

Figura 1 - Sequência 1



Na sequência 1 (Figura 1), Vers (como Carol é chamada, nesse momento) está treinando com seu mentor, Yon-Rogg. Ele diz que ela deve esquecer seu passado, visto que o motivo de eles terem ido para a sala de treinamento foi Vers ter batido no quarto de Yon-Rogg, depois de ter perdido o sono em função de sonhos que a deixavam confusa em relação a sua existência (algo retratado na cena anterior). Vers diz não se lembrar do seu passado e Yon-Rogg diz que os sonhos dela causam muitas dúvidas e isso a deixa vulnerável, porque ela se distrai nos treinamentos. Depois de um tempo de treino, ao ver que não está conseguindo conter os golpes de Yon-Rogg, Vers faz menção de acionar seus poderes; ele pede para que ela se controle, caso

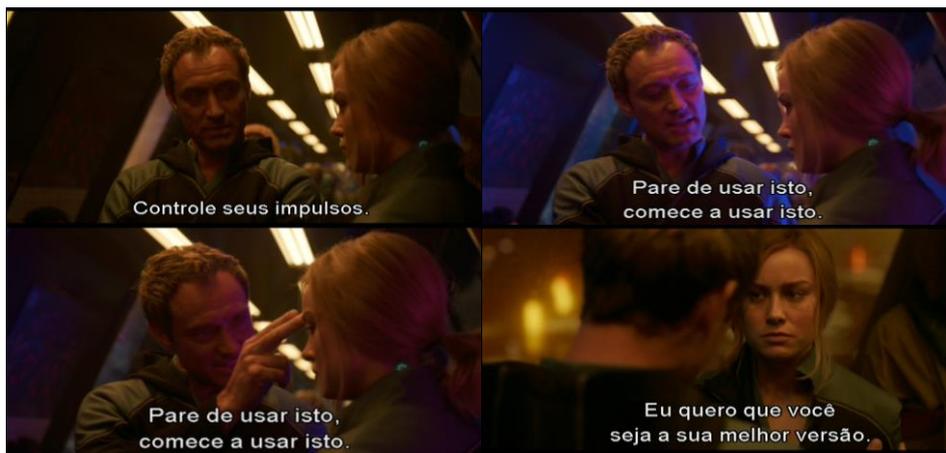
contrário precisará falar com a Inteligência Suprema (uma espécie de subconsciência do mundo *Kree*). Yon-Rogg ainda diz que não existe nada mais perigoso para um guerreiro do que a emoção, nisso Vers o encara séria, mas acaba dando uma risadinha. Então, Yon-Rogg a empurra dizendo que humor é uma distração, e complementa falando que a raiva só favorece o inimigo.

A partir das falas de Yon-Rogg percebemos que ele tenta exercer autoridade e fazer Vers se controlar, tanto no uso de seus poderes quando em suas emoções. Há a questão do poder, em função de vermos o homem como figura de autoridade e a mulher tendo que seguir suas regras e se controlar em todas as questões para alcançar seus objetivos de forma plena, caso contrário precisará ser punida ou lembrada do seu lugar. Ainda, quando Yon-Rogg diz que “Nada é mais perigoso para um guerreiro do que a emoção”, mostra que guerreiros, guerra, luta e todos os elementos que envolvam isso não podem ser conectados a emoções, pois atrapalha o rendimento no treinamento e desconcentra o guerreiro dos objetivos. Isso também pode ser conectado ao fato de mais homens serem escolhidos para essas funções (soldado, alistamento, militarismo, luta, guerra) em função de serem “treinados”, ensinados e/ou considerados socialmente seres que lidam melhor com a razão. Esse conjunto de falas e de imagens envolve as relações de gênero, mostra a dualidade, a oposição do homem e da mulher dizendo que um é mais racional e o outro mais emotivo. A razão e a emoção são “mostradas” como opostos, dando a entender que o homem é oposto à mulher, mas mais que isso: que a razão é mais forte e melhor para a guerra. Porque, de acordo com as definições do dicionário feitas por Ferreira em 1986, algumas das qualidades do homem são força e coragem, enquanto as qualidades da mulher são compreensão, carinho, dedicação à família. Desse modo, a mensagem que este trecho transmite é: quando ocupa uma função em uma área que exige mais racionalidade, uma mulher não pode deixar que suas emoções transpareçam ou atrapalhem sua função. Aqui é possível entrar na questão de identidade, avaliando como uma mulher que também quer ser uma guerreira (ou foi convocada a isso) e uma super-heroína constrói o seu modo de ser. Marcia Tiburi (2018, p. 22), diz que: “No contexto do patriarcado a identidade é um parâmetro heteroconstruído; no feminismo a identidade é um elemento da construção de si que passa necessariamente pelo autorreconhecimento de cada um acerca de si mesmo”.

Ainda, de acordo com Tiburi (2018), o feminismo nos auxilia a melhorar a maneira como enxergamos o outro, a entender que cada um tem o direito de ser quem é e de se autocompreender para assumir uma identidade que lhe faça bem e que lhe dê sentido. O feminismo ajuda a ressignificar o ser mulher, os lugares que as mulheres podem assumir e as características que elas podem ter, tudo isso também serve igualmente para o ser homem.

Essa representação de mulher e de homem como seres opostos e a dualidade entre razão e emoção também está presente em outra cena do filme. Na sequência 2 (Figura 2), na qual Yon-Rogg diz para Vers controlar seus impulsos e pede para ela parar de usar o coração (quando ele aponta para o lado esquerdo do tórax dela) e começar a usar o cérebro (quando ela aponta para a cabeça dela). Ele finaliza seu “conselho” falando que quer que Vers seja a melhor versão dela mesma. Ao dizer isso, ele exerce mais uma vez autoridade sobre Vers. Ela deve seguir seus conselhos a fim de se tornar uma lutadora/guerreira *Kree* de excelência. Ao longo do filme, esses atos e falas de Yon-Rogg se repetem e percebemos que ele se aproveita da perda de memória de Carol para manipulá-la. Com isso, ele a faz um soldado *Kree* e trabalha para que ela lembre cada vez menos de seu passado e de sua essência e não tenha conhecimento de seus poderes. Então, quando Carol sonha com algo que Yon-Rogg sabe que está relacionado as memórias dela, ele diz que ela deve esquecer, pois isso a tornará distraída e sem foco.

Figura 2 - Sequência 2



A partir das sequências 1 e 2 (Figuras 1 e 2), é possível observar um jogo de poder e de dominação entre a personagem Carol Danvers e o personagem Yon-Rogg. Vers deve obedecer a seu tutor Yon-Rogg e agir de maneira racional se quer ser uma guerreira, pois emoção e razão são elementos opostos. A mulher deve obedecer ao homem, parar de pensar com o coração e pensar com a cabeça, posto que está assumindo um lugar considerado masculino, a luta, a guerra. E Carol deve fazer o que seu tutor mandar, pois este quer que ela seja a melhor versão dela mesma, desconsiderando totalmente o que Carol quer. Como afirma Rousseau (ROSSEAU, 2017), a mulher deve aceitar o julgamento do homem, porque ele sabe o que será melhor para ela.

O comportamento das personagens pode ilustrar as divisões produzidas entre o homem e a mulher. Essas representações afetam na construção de identidades, pois reforçam os papéis de gênero atribuídos a cada um. As diferenças entre mulher e homem são estabelecidas desde a infância com o propósito de padronizar a maneira de agir de meninos e de meninas, interferindo no jeito de pensar e na forma de se relacionar com o mundo.

Meninas e meninos e, depois, mulheres e homens, estão sempre apreendendo e experienciando as diferenças sociais impostas em relação a cada sexo. São constantemente manipulados por discursos binaristas, que lhes ensinam como devem ser, se comportar (ou não se comportar), se posicionar (ou se omitir), pensar (ou aceitar o pensamento dos outros), dependendo, respectivamente, se são homens ou mulheres. (BOTTON; STREY, 2012, p. 28).

Diante disso, cito dois relatos, das pesquisadoras Chimamanda Adichie (2017) e Bianca Guizzo (2013), os quais ilustram como a divisão de papéis gênero é apresentada para as pessoas desde sua infância e como podem interferir na construção de suas identidades.

1. A nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie escreveu o livro “Para educar crianças feministas: um manifesto”, a fim de ajudar uma amiga que estava grávida de uma menina. A partir da sua vivência, Adichie escreve 15 sugestões desconstruindo e discutindo os padrões e as ideias de gênero estabelecidas para as crianças. “‘Porque você é menina’ nunca é razão para nada. Jamais. Lembro que me diziam quando era criança para ‘varrer direito, como uma menina’. O que significava que varrer tinha a ver com ser mulher. Eu preferia que tivessem dito apenas para ‘varrer direito, pois assim vai limpar melhor o chão’. E preferia que tivessem dito a mesma coisa para os meus irmãos.” (ADICHIE, 2017, p. 21-22). “Acho interessante como o mundo começa a inventar papéis de gênero desde cedo.” (ADICHIE, 2017, p. 23).
2. A estudiosa Bianca Salazar Guizzo escreveu o artigo “Masculinidades e feminilidades em construção na Educação Infantil”, a partir das observações feitas em uma turma de crianças na sala de aula, em 2004. Ela relatou que estava falando com esse grupo de crianças sobre anúncios televisivos endereçados a meninos e surgiram comentários a respeito das roupas que os meninos usavam. Um deles disse que achou legal a roupa, pois gostava de preto; mas Guizzo perguntou se ele também iria gostar se fosse outra cor, o menino disse somente se não fosse rosar, pois essa cor era “de mulher e de bicha.” (GUIZZO, 2013, p. 32-33). Nessa mesma pesquisa, o mesmo garoto estava correndo atrás de outro menino dentro da sala de aula e a professora pediu que eles parassem, mas

eles não pararam. Então ela (a professora) se dirigiu ao menino dizendo: “Gustavo¹⁷, quem sabe tu para de correr atrás de homem desse jeito?! Ainda se fosse atrás de uma menina!” (Caderno de anotações de Guizzo, 19/04/2004). Os dois quando ouviram pararam de imediato e a turma inteira riu deles.

Ambas as situações dos relatos das pesquisadoras mostram a maneira como cada gênero é afetado negativamente dentro das construções em que cada um está inserido. As meninas são ensinadas, desde pequenas, a limparem a casa, pois o serviço doméstico é para mulheres e não para homens. Os meninos são ensinados a não expressar nenhum sentimento de fraqueza, para não serem vistos como gays, mesmo que para isso eles precisem reprimir diversos tipos de sentimentos.

É possível inferir ainda o quanto, aos meninos, há uma possibilidade menor de “atravessar” as fronteiras de gênero. A eles é menos permitido que façam “coisas” de meninas. Elas, por sua vez, quando ocupam lugares considerados masculinos ou quando fazem “coisas” de meninos, são menos repreendidas. (GUIZZO, 2013, p. 34).

Pensando no ano em que Guizzo escreveu essa inferência, 2013, algumas mudanças sobre o tratamento de meninas e de meninos já haviam acontecido. Nos tempos atuais, a repreensão acontece, mas, às vezes, ela é mais sutil para as mulheres do que para os homens, quando eles assumem espaços considerados femininos. No entanto, pensando essas questões dentro do filme *Capitã Marvel*, cuja história se passa nos anos 90, as meninas e as mulheres talvez não fossem tão menos repreendidas quando resolviam fazer algo considerado de meninos ou de homens. Na sequência 4 do filme (Figura 3), podemos ver um exemplo disso.

¹⁷ Nome fictício usado pela autora Guizzo a fim de preservar a identidade verdadeira das crianças em sua pesquisa.

Figura 3 - Sequência 4



Nesta sequência de cenas (Figura 3), vemos Carol relembrando alguns momentos de sua vida. Primeiro, uma memória de quando ela era criança e estava dirigindo um *kart*, até que seu irmão a aconselha a diminuir a velocidade, mas Carol ignora e acaba sofrendo um acidente. Seu pai vai até ela bravo e diz que a pista de *kart* não era o lugar dela. Carol questiona seu pai e diz que ele deixa o irmão pilotar. A segunda lembrança é ela fazendo um circuito de treinamento na força aérea. Carol está fazendo de tudo para conseguir se manter firme na corda, enquanto

seus colegas a observam falando para ela desistir, que ali não é o lugar dela e que ela não é forte o suficiente. A terceira e última recordação de Carol é em um bar, quando um piloto chega perto dela e diz que ela pilota bem, mas é muito emotiva. Por fim, ele pergunta “sabe que isso é serviço para homem, não sabe?”.

As três memórias de Carol retratam ela sendo oprimida por homens, os quais sempre questionam os lugares que ela ocupa, porque no pensamento deles meninas/mulheres não podem dirigir um *kart*, fazer treinamento militar nem pilotar uma aeronave. As recordações de Carol trazem apenas três exemplos de espaços predominantemente masculinos, que causam estranheza e preconceito quando são ocupados por mulheres. Observamos que a personagem foi questionada desde criança pelas atividades que escolhia fazer e pelas funções/espaços que resolvia ocupar.

Da mesma forma que a personagem, nós, meninas e mulheres tentamos ocupar ou conquistamos espaços que são ditos para meninos e homens, e isso faz com que soframos preconceito. Ainda hoje, a sociedade tende a separar os lugares e a dividir as tarefas de maneira binária, ditando o que é de menino/homem e o que é de menina/mulher. Essa determinação de papéis alimenta o preconceito, a segregação e o sexismo, os quais tornam as relações de gênero desiguais e injustas desde a infância.

Por meio das ideias apresentadas, é possível inferir que o conceito de gênero está atrelado à ideia de papéis ou de funções e é apresentado desse mesmo modo desde a infância, ou até mesmo antes do nascimento. E isso está representado na sequência 4 (Figura 3) do filme.

Toda essa construção social, ao ditar e separar o que é de menina/de mulher e o que de menino/de homem, estabeleceu padrões a partir de uma norma, fazendo com que sexo e gênero fossem entendidos como sinônimos. E ainda fez com que outros conceitos se tornassem confusos. Existe uma confusão entre as definições de: sexo, identidade de gênero, expressão de gênero e orientação sexual. Então, antes de focar apenas no gênero de forma mais detalhada e nas relações de gênero, considero importante explicar a diferença desses quatro conceitos.

O sexo é biológico e define a parte reprodutiva, determinando a estrutura biológica da fêmea e do macho. A identidade de gênero é a identificação que cada pessoa constrói com determinado gênero, por exemplo: mulher cisgênero (mulher que nasce com a estrutura biológica de fêmea e se identifica como mulher) ou mulher transgênero (mulher que nasce com a estrutura biológica de macho e se identifica como mulher). A expressão de gênero é a maneira que cada pessoa expressa sua identidade, ou seja, a maneira de agir, de falar, de se vestir, etc. A orientação sexual é a expressão da sexualidade, por exemplo: homossexual, quem sente

atração por pessoas do mesmo gênero; heterossexual, quem sente atração por pessoas do gênero oposto; e bissexual, quem sente atração por dois gêneros diferentes¹⁸.

Nesse caso, mesmo que as pessoas sejam classificadas pelo sexo biológico, ser mulher ou ser homem são, na verdade, identidades de gênero, e a identidade independe da expressão de gênero e da orientação sexual. Desse modo, gênero é algo que “transcende o mero desempenho de papéis.” (LOURO, 2000, p. 25), e deveria ser visto como uma construção social conectada à história, à cultura, à identidade e à sexualidade. Portanto, “Gênero contrapõe-se às concepções pautadas em uma essência (masculina ou feminina) natural, universal e imutável, enfatizando os processos de construção ou formação linguística, histórica e socialmente determinada.” BECK; FELIPE; GUIZZO, 2013, p. 22).

Segundo Guacira Lopes Louro (2000, p.14), “O conceito de gênero está ligado diretamente à história do movimento feminista contemporâneo”. Esse movimento surgiu no século XIX, com a “pretensão” e a luta de mulheres em se tornarem visíveis no âmbito político, social e histórico. As estudiosas feministas buscavam transformar os diversos cenários e discursos em que as mulheres eram invisíveis, silenciadas e tinham somente o trabalho doméstico como universo (LOURO, 2000). Conforme Ana Maria Veiga e Joana Maria Pedro (2019, p. 330), o conceito gênero, com o sentido político que se conhece hoje, surgiu na segunda metade dos anos 1980, sendo construído de maneira coletiva e desafiadora com a colaboração de teóricas feministas, as quais perceberam o quão vulnerável eram os termos mulher e mulheres, por terem legitimação apoiada no corpo biológico desses sujeitos. Como consequência disso, para melhor lutar por mais direitos e igualdade, tornou-se importante diferenciar gênero de sexo, a fim de entender que o gênero não é apenas constituído através da biologia, mas que é delimitado a partir da construção social e histórica das características biológicas (LOURO, 2000, p. 21-22). “O sexo é definido biologicamente. E o gênero está ligado a características atribuídas socialmente a cada sexo.” (SOARES, 2015, p. 25). Essas conceituações estabelecidas por Louro (2000) e por Soares (2015) conversam com a perspectiva que Ivone Gebara (2000, p. 106) tem sobre o termo gênero:

Parto da afirmação segundo a qual GÊNERO não é simplesmente o fato biológico de ser homem ou mulher. GÊNERO significa uma construção social, um modo de ser no mundo, um modo de ser educado/a e um modo de ser percebido/a que condiciona o ser e o agir de cada um. Tentarei mostrar que a relação de GÊNERO foi e ainda é a construção de sujeitos históricos subjugados a outros, não só em razão de sua classe social, mas por uma

¹⁸ Definições elaboradas a partir do livro de Cristiana Carvalho e Criziany Felix. CARVALHO, Cristiana Pereira de; FELIX, Criziany Machado. **Amor de Várias Cores**. Lisboa: Ideias com História, 2019.

construção sociocultural das relações entre homens e mulheres, entre masculino e feminino. Portanto, a sexualidade é culturalizada a partir das relações de poder. (GEBARA, 2000, p.106).

O conceito de gênero ao qual me refiro tem por base uma concepção feminista, visto que o feminismo surgiu para questionar as desigualdades de gênero e a normatização social, a qual exclui muitas identidades. Esse movimento, aos poucos, se desdobrou para pensar alternativas a favor dos direitos de pessoas subalternas e silenciadas. Com isso podemos observar várias vertentes de feminismos: o liberal, o marxista, o negro, o radical, o lesbofeminismo e o transfeminismo, os dois últimos estão dentro do feminismo interseccional¹⁹. Todas essas vertentes tentam entender o gênero como um conceito que “pretende se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas.” (LOURO, 2000, p. 22).

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente os seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. (LOURO, 2010, p. 21).

A partir disso, segundo Alcileide de Nascimento (2019, p. 630), as relações de gênero são historicamente construídas, marcadas pela cultura e pelas relações de poder, as quais estabelecem uma hierarquia e uma assimetria social entre mulheres e homens. Dessa forma, a hermenêutica feminista torna-se relevante para compreender essas relações de mulheres e homens, chamando para um diálogo questionador da tradição hegemônica. Ela busca ampliar os valores ancorados à tradição, a fim de mostrar que existem outras representações e identidades possíveis.

Com base em todas essas definições e conceitos, é possível pensar que dentro do filme *Capitã Marvel*, o papel que a protagonista desempenha como super-heroína pode ser questionado, em função de ela pode ser vista como uma mulher forte, resiliente e nada inferior, características que ainda são atribuídas timidamente às mulheres. Portanto, o fato de a personagem, Carol Danvers, ter sido representada de uma forma que pode levar ao empoderamento das mulheres, faz com que ela saia das características esperadas para uma

¹⁹ Para saber mais sobre a definição de cada vertente do feminismo consultar: RADICAL, liberal, interseccional... Conheça as principais vertentes do feminismo. *In*: AZMINA, 15 out. 2019. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/radical-liberal-interseccional-conhec-as-principais-vertentes-do-feminismo/>. Acesso em: 24 mar. 2020; EXISTEM “vertentes” no feminismo? *In*: QGFEMINISTA, 5 mar.e 2018. Disponível em: <https://medium.com/qg-feminista/quais-s%C3%A3o-as-principais-vertentes-do-feminismo-ae26b3bb6907>. Acesso em: 24 mar. 2020.

mulher. Essas características são carregadas de estereótipos e a norma não admite que se fuja delas.

A maioria da sociedade interpreta as mulheres como desviantes da norma quando elas se mostram fortes, donas de si, resilientes, inteligentes, poderosas, com características que seriam consideradas de perfis masculinos. Existem diferentes modos de ser mulher, mas a sociedade quer e estabelece um único modo para cabermos. Quando, na verdade, nós, mulheres, queremos a equidade de gênero e o reconhecimento de todas as formas do “ser mulher”. Lutamos todos os dias para pertencer. Quando uma pessoa pertence, significa que ela pode falar dela mesma e pertencer a ela, sendo quem ela é; não agindo nem existindo em nome do que outros propõem que ela seja. Já, quando cabe, uma pessoa precisa mudar o seu jeito para se encaixar; faz uma constante análise do que pode falar e do que pode usar; nunca se permite ser ela mesma (BROWN, 2019)²⁰.

Seguindo isso, quando Simone de Beauvoir (1967, p. 9) afirmou que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, significa que existem estereótipos a serem seguidos elencados a definição “mulher” e que todas as mulheres devem caber/adequarem-se a eles. Para isso, as meninas devem ser ensinadas a fazerem tarefas que as tornarão mulheres: varrer, passar, cozinhar, cuidar, servir. A sociedade impõe essas tarefas às mulheres e passa a tratar como algo natural delas, ensinando-as, desde criança, a adotarem essas características. Com isso, a disseminação deturpada dos papéis e estereótipos de gênero está presente em diversas práticas sociais e é vista e encorajada em vários meios: nas escolas, nas universidades, nas empresas e nas mídias. Das mídias, destaca-se o cinema, em virtude de o foco deste trabalho ser o filme *Capitã Marvel*, juntamente de 4 críticas sobre este. Em função disso, ao serem levantadas essas questões, pode-se concordar com a autora Sandra de Souza Machado (2017, p. 13-14):

Não é apenas um filme. Não é apenas um programa de TV. É a constante exposição aos mesmos conceitos datados nas mídias audiovisuais, repetidamente, começando antes da pré-escola e que se alonga por toda uma vida. Conceitos como: os meninos são mais inteligentes que as meninas ou que certos empregos e pesquisas são melhores para homens – como as relacionadas aos avanços tecnológicos em informática, por exemplo. Há ainda outros, que “exigem menos das faculdades mentais” para mulheres; ou até mesmo que as meninas/mulheres são responsáveis pelos ataques sexuais e as agressões físicas e morais que sofrem.

²⁰ Diferença entre “caber” e “pertencer” estabelecida a partir do Ted Talk - Brené Brown: The Call to Courage (traduzido como O poder da vulnerabilidade), exibido na Netflix em 2019 (ainda disponível) e dirigido por Sandra Restrepo.

Nesse caso, ao analisarmos o cinema e esse filme sob a ótica da hermenêutica feminista, significa que estamos valorizando aquelas pessoas que não tiveram a oportunidade de contar sua história, em função de elas estarem apagadas e estarem sendo contadas pela perspectiva dominante. Quando “costuro” a Hermenêutica Feminista com os Estudos Culturais, proponho o questionamento das relações de gênero e da definição mulher, a fim de construir identidades de mulheres mais empoderadas que não precisem caber na sociedade, mas sim pertencerem a ela da maneira que são. Ainda, em concordância com os demais conceitos apresentados, busco compreender as representações das mídias partindo da análise das relações de gênero, as quais também constroem as definições de mulher e de homem com base nas relações de poder. A partir disso, no próximo tópico descrevo como o cinema pode ser considerado uma pedagogia e como suas representações podem influenciar nas relações de gênero.

2.2 O CINEMA COMO PEDAGOGIA E A INFLUÊNCIA DE SUAS REPRESENTAÇÕES NAS RELAÇÕES DE GÊNERO

O cinema é mais do que entretenimento, é um espaço e um produto cultural, o qual utiliza a imagem e a linguagem para transmitir uma mensagem através de um filme. O cinema é um dos artefatos inseridos em um conjunto de instâncias culturais que funciona como mecanismo de representação e como constituidor de identidades culturais (SABAT, 2001, p. 1). Muito mais do que transmitir mensagens, as produções cinematográficas “produzem valores e saberes; regulam condutas e modos de ser; fabricam identidades e representações e constituem certas relações de poder.” (SABAT, 2001, p. 1). Os filmes desenvolvem uma pedagogia, educam e produzem efeitos por meio das suas narrativas e dos seus discursos, os quais ressignificam e visibilizam representações e significados das práticas sociais (AZEVEDO, 2019). A partir disso, entendo o cinema como um artefato cultural da mídia que também pode ser considerado uma instância educativa e pedagógica.

Além disso, o cinema pode ser visto como um meio para a cultura popular e de massa (KELLNER, 2001). Isso faz com que ele entre no papel da mídia, a qual promove o “acesso da população às ‘novidades’ científicas e tecnológicas, inserindo-se como o principal veículo de socialização desse tipo de conhecimento e naturalizando-se como uma instância pedagógica no contexto das relações socioculturais.” (SILVA, 2013, p. 67).

Desse modo, de acordo com Kellner (2001, p. 10):

Numa cultura contemporânea dominada pela mídia, os meios dominantes de informação e entretenimento são uma fonte profunda e muitas vezes não percebidas de pedagogia cultural: contribuem para nos ensinar como nos comportar e o que pensar e sentir, em que acreditar, o que temer e desejar – e o que não.

Assim, o cinema, enquanto parte da mídia, também ensina e apresenta uma relação com a educação. A mídia, em geral, e as produções cinematográficas produzem conteúdos externos ao currículo, os quais ampliam os saberes e as vivências extraescolares dos alunos. De acordo com a professora Cristiane da Silva (2013, p. 72), essas experiências e conexões externas à escola “tornam-se objetos de aprendizagem em sala de aula, configurando-se como importantes elementos no processo de divulgação e ensino da ciência”. Do mesmo modo, as professoras(es) irão adaptar e aprimorar suas explicações com fatos novos sobre ciência e tecnologia relacionados à mídia e que não estão dispostos nos materiais didáticos (SILVA, 2013). Portanto, mesmo que a mídia promova pedagogias não escolares, professores e alunos sofrem a influência dos seus discursos.

Os filmes de super-heróis podem auxiliar a entender aulas de História, por exemplo, na medida que incluem fatos históricos reais em suas narrativas. Além disso, uma questão que pode assemelhar uma super-heroína/um super-herói com uma aluna/um aluno é o uniforme. Algumas escolas exigem o uso do uniforme para melhor identificação dos estudantes, os quais carregam a identidade da escola. Outras instituições também solicitam que as pessoas usem uniforme. O uniforme ajuda a construir identidades. O uniforme é a marca de quase todas as super-heroínas e super-heróis e, às vezes, auxilia a preservar as suas identidades. Por outro lado, esse elemento contribui na padronização e na homogeneização. Todos os alunos com a mesma roupa. Todos os funcionários da empresa uniformizados. Passar a mensagem que todos são iguais. Ou que todos devem ser iguais para manter a normatização? Essas implicaturas também estão inclusas no currículo, seja da escola ou da sociedade, pois ambas têm seu currículo de regras, de leis e de normas. O padrão sempre é estabelecido de alguma forma pelas instituições sociais e culturais, e o uniforme é uma ferramenta que colabora para isso. A sequência 8 do filme Capitã Marvel (Figura 4) ilustra muito bem a importância do uniforme para constituir uma identidade.

Figura 4 - Sequência 8



Na sequência 8 (Figura 4), temos Carol conversando com Monica, dizendo que a mãe da criança teve sorte quando estavam distribuindo filhos, porque ela ganhou a mais corajosa. Carol diz o apelido pelo qual costumava chamar Monica e ela fica feliz por Carol ter lembrado. Carol olha para jaqueta nas mãos de Monica e pergunta se é a sua jaqueta. Monica vai entregando a jaqueta a Carol, mas ela diz que é para a menina guardar até a sua volta. Carol pede ajuda para Monica para mudar o estilo de seu uniforme, pois diz que Monica é a única que tem estilo por ali. Carol está cansada das cores do uniforme dos *Krees* e resolve mudar as cores do seu para ter uma roupa que combine mais com sua personalidade e sua história. Construindo uma marca dela e apagando de, certa forma, a marca dos *Krees*. Monica testa várias

combinações de cores²¹. Até que Carol, olhando para a camiseta da Força Aérea que Monica está vestida, diz que elas são do mesmo time. Monica entende a combinação de cores possível e programa a roupa para as cores azul, vermelha e dourado (cores da camiseta de Monica). Carol pergunta o que ela achou e Monica diz que ela arrasou. As duas batem as mãos fazendo um *high five*. A camiseta da Força Aérea que Monica está usando representa também um uniforme. A menina se identifica com isso, pois é onde sua mãe trabalha e Carol também se identifica porque trabalhava no mesmo lugar.

Essas cenas também explicitam a relação de parceria e de amizade que Carol tem com Monica, a filha de sua melhor amiga. Demonstra o quanto uma mulher é capaz de se dar bem com uma criança. Se fosse um super-herói homem, teria sido ilustrada a mesma relação próxima com a criança de uma melhor amiga? Se a criança fosse um menino, Carol pediria ajuda para personalizar sua roupa? Questões nas quais reflito. Além disso, nessa cena existe uma “jogada de marketing” da indústria para fazer as crianças gostarem e admirarem a Capitã Marvel, visto que ela está sendo legal e estabelecendo uma relação afetiva com uma criança. Mas também há o fato de Monica estar usando uma camiseta da Força Aérea e isso pode servir para ilustrar que meninas e/ou mulheres podem gostar de aviões e/ou serem pilotas. Também pode ser uma maneira de incentivar meninas a fazerem atividades que, de modo geral, são consideradas adequadas para meninos.

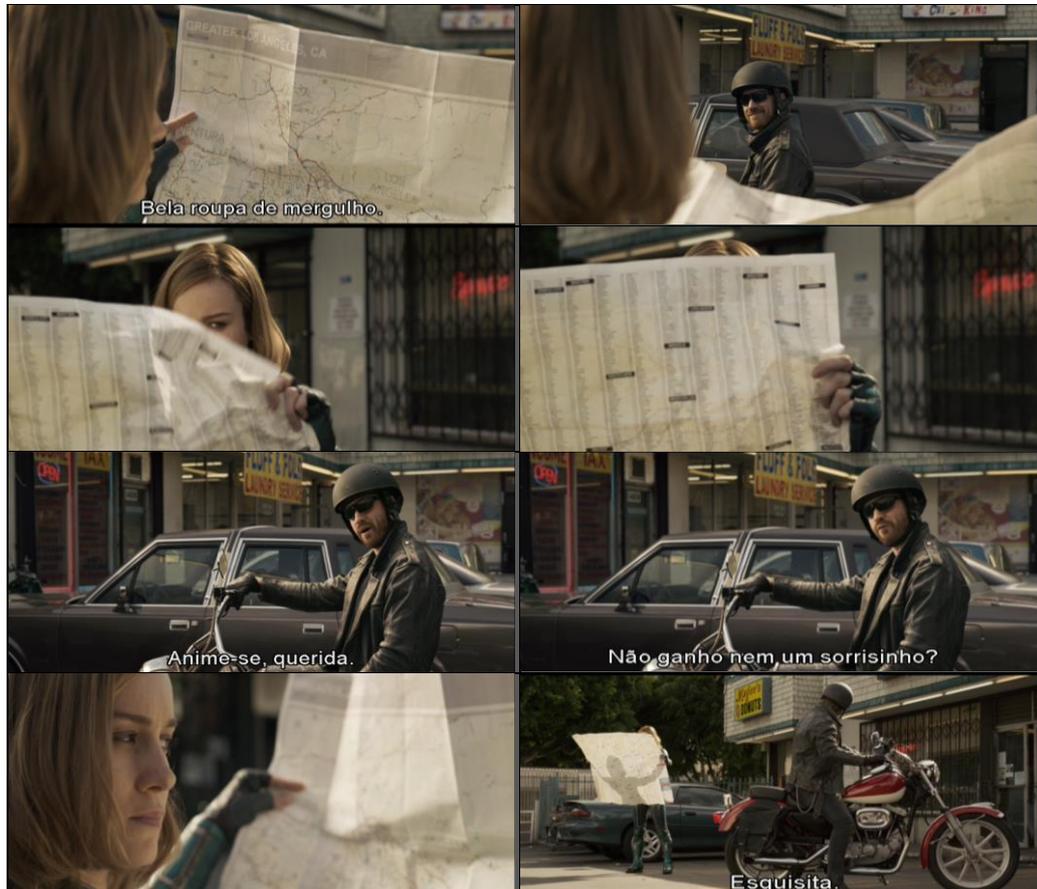
Diante disso, percebemos que há uma conexão entre o cinema e o currículo, pois ambos produzem representações e identidades e atuam por meio de formações discursivas, as quais vão determinar qual tipo de conhecimento é considerado relevante. É por intermédio do currículo, que os diferentes grupos sociais, principalmente os dominantes, irão expressar suas perspectivas de mundo, seu projeto social e suas “verdades”. Isso que faz do currículo um elemento do discurso da política educacional. Ainda que não tivessem efeitos fora da escola e da sala de aula, as políticas curriculares, pensadas como texto e discurso, são um importante elemento simbólico do projeto social dos grupos que estão no poder (SILVA, 2001, p. 10-11). Essas características do currículo e suas políticas dialogam diretamente com a linguagem apresentada na mídia, incluindo o cinema, em virtude de:

²¹ Esses uniformes fazem referência a alguns uniformes das histórias em quadrinhos. Na 11ª imagem dessa sequência, as cores do uniforme de Carol são semelhantes às do uniforme do Capitão Marvel. Nas imagens 13ª e 14ª, as cores verde e branco são do antigo uniforme dos *Krees* nas HQs. Para saber mais consultar: GOMES, Fábio de Souza. Capitã Marvel | 10 easter eggs e referências do filme - Longa já está em cartaz nos cinemas. In: OMELETE, São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/marvel-comics/capita-marvel-10-easter-eggs-do-filme#12>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

Os espetáculos da mídia demonstram quem tem poder e quem não tem, quem pode exercer força e violência, e quem não. Dramatizam e legitimam o poder das forças vigentes e mostram aos não-poderosos que, se não se conformarem, estarão expostos ao risco de prisão ou morte. Para quem viveu imerso, do nascimento à morte, numa sociedade de mídia e consumo, é pois, importante aprender como entender, interpretar e criticar seus significados e suas mensagens. (KELLNER, 2001, p. 10).

Os significados e as mensagens produzidas dentro dos discursos da mídia e do currículo moldarão sujeitos e definirão suas posições sociais (HALL, 2016). Por sua vez, o cinema, como parte da mídia, influencia as políticas curriculares e por elas é influenciado; pode ser percebido como uma pedagogia cultural; e, ainda, é um produto e produtor das práticas sociais e suas representações sobre as práticas de gênero (AZEVEDO, 2019). Os filmes hollywoodianos, por exemplo, tiveram eficiência na construção de representações de mocinhas, de heróis e de vilões e na escolha de atrizes e atores que desempenhassem papéis simpáticos ou repudiados através da linguagem e de toda produção cinematográfica (LOURO, 2008). É possível observar uma exemplificação dessas representações estruturadas nos filmes na sequência 5 de Capitã Marvel (Figura 5).

Figura 5 - Sequência 5



Na sequência 5 (Figura 5), Carol está na frente de lojas de conveniência, concentrada na leitura de um mapa, a fim de se localizar na cidade. De repente, chega um motoqueiro e para a moto somente alguns metros de distância de Carol e diz: “Bela roupa de mergulho”, posto que ele não sabe que Carol está usando um traje espacial *Kree*. Quando ele chega, aparentemente não vê o rosto dela, em função do mapa estar na frente, mas ele supõe que há uma mulher por trás do mapa pelas mãos, pelo pouco que enxerga do cabelo e da cabeça, pelas pernas, talvez. Carol tira o mapa da frente de apenas um de seus olhos, olha rapidamente para o homem, expressa desconfiança e desgosto e volta a ler o mapa, ignorando-o. O homem pede para ela se animar e pergunta se não ganha nem um sorrisinho. Ela segue com seu ar de desprezo e o ignora completamente. O homem ao perceber que não terá nenhuma resposta, fala em um tom mais baixo: ‘Esquisita’. No original do inglês, o xingamento é *freak*, o qual também pode ser traduzido como aberração ou anormal.

Nessas cenas, um homem tenta iniciar um diálogo com uma mulher, sendo que nenhum dos dois se conhece ou já se viram alguma vez. Primeiro o homem elogia a roupa da mulher. Não obtendo nenhuma reação dela, diz para ela se animar e pede um sorriso. Como se a mulher tivesse a obrigação de sorrir por ele estar tentando uma conexão, ter “elogiado” a roupa dela e ser um homem que aparentemente demonstrou interesse nela. Carol, a mulher, o ignora, pois além de ele ser um desconhecido, ela também está concentrada na leitura do mapa. A atitude de Carol também demonstra desinteresse por completo no homem e em estabelecer uma conversa. O homem fica olhando para Carol por um curto período e, ao perceber que não conseguirá nenhum tipo de atenção ou de reação, resmungo um xingamento baixo: “esquisita”. O ator está desempenhando um papel repugnante, tendo a típica atitude de alguém que ataca a imagem de uma pessoa quando não consegue o que quer.

Nessa cena temos um exemplo de situação que nós, mulheres, passamos. Quando não correspondemos a um elogio, a uma cantada de um homem e, em resposta a isso, ele humilha ou xinga nossa aparência, falando algo que pode até afetar nossa autoestima. Na mente de alguns homens, se eles demonstram interesse ou te acham bonita e você não corresponde da maneira esperada, eles vão te chamar de feia e desmoralizar sua aparência a fim de se vingarem por você não ter correspondido. Isso é uma maneira de “se manter por cima” ao receber “um fora”, inverter o papel. A mulher não demonstrou interesse, é ela que não quer, mas o homem se “revolta” e xinga para manter seus *status* de “bonzão” e não perder a pose diante da situação, dizendo algo que faça a mulher não valer tanto do seu tempo. Na cena do filme, o xingamento é muito sutil, baixo e até meio tímido, porém é um exemplo de situação real que às vezes acontece de forma bem violenta. Somos julgadas mal-educadas ou agredidas verbalmente - às

vezes fisicamente - quando não respondemos a um elogio por não querer, por não sermos obrigadas ou por não gostarmos.

Essa cena termina com Carol furtando as roupas de um manequim, as quais coloca por cima do seu traje, e furtando a moto desse homem que a importunou. Isso reforça a ideia ruim de que quando um herói, heroína faz algo errado não precisa ser punido. Também reforça o estereótipo de que a mulher, quando é importunada por um homem, desconta nos bens materiais dele. Ambos papéis interpretados pela atriz e pelo ator são modelos espelhados na vida real, dos quais o cinema se apropria, ajuda a elaborar e escolhe artistas para representarem em uma narrativa. Para Louro (2008, p. 95), “O cinema americano teve (e ainda tem) um impacto cultural expressivo em quase tudo no mundo e, particularmente, na sociedade brasileira”.

Por tudo isso, quando se examinam os diferentes processos educacionais que constituíram a sociedade brasileira, parece importante observar criticamente não apenas as vozes do passado, mas *quem* está, ainda hoje, falando por meio dessa pedagogia cultural e *que efeitos* ela está potencialmente produzindo (LOURO, 2000, p. 443).

Uma questão importante para ser considerada, frente essa citação de Louro (2000), é o fato de as mulheres terem se inserido na educação muito depois dos homens, pois, por muito tempo, “eles” foram considerados os únicos a precisarem de educação e se consideravam (alguns ainda se consideram) superiores às mulheres. Assim, no Brasil, por ser um país ainda jovem, os processos educacionais da sociedade brasileira evoluíram de forma mais tardia, sendo um dos últimos países onde as mulheres conseguiram se inserir na educação e onde a escola passou a ser um ambiente misto, meninos e meninas. Em função dessa segregação social entre os gêneros, estabelecida desde a infância e da educação, as mulheres sempre ocuparam menos espaços do que os homens, principalmente na cultura e no mercado de trabalho²². Sigo essa ideia, nas palavras da cineasta e pesquisadora Giselle Gubernikoff (2009, p. 67):

Durante décadas defendeu-se o baixo nível de educação da mulher brasileira em nome da família, garantindo, assim, a formação ideológica do indivíduo e reforçando a divisão de classes. Ao lado disso, a Igreja e o Estado ajudaram a reprimir e a reforçar o que já era imposto pela família. A sociedade brasileira criou um constrangimento físico e moral à mulher através da família patriarcal. A hegemonia masculina, de dominação e poder, marca profundamente a vida e a mentalidade da mulher brasileira.

²² Parágrafo elaborado a partir das leituras, como Heleith Saffioti (1976) e Silvia Federici (2019), e discussões realizadas na disciplina História da Educação, ministrada pela Profa. Dra. Edla Eggert no Curso de Pedagogia da Escola de Humanidades da PUCRS no 2º semestre do ano 2019.

Gubernikoff (2009, p. 67) ainda diz que: “O que se conclui é que foram os homens os produtores das representações femininas existentes até hoje, e essas estão diretamente associadas às formas de a atual mulher ser, agir e se comportar.” Complemento essa ideia dizendo que não foram somente nas representações femininas que eles interferiram, mas em toda uma estrutura de representatividade social, pois sempre colocavam pessoas que fugissem do modelo “homem, hetero, cis” em posições subalternas, ou em posição nenhuma, como se essas pessoas não existissem. Concluo esse pensamento, ainda, com as ideias de Gubernikoff (2009, p. 69), segundo o qual “[...] o cinema clássico não só disseminou uma forma de produção de filmes, mas também e, principalmente, valores e ideologias enraizados socialmente e enraizados em nível de sujeito, num processo contínuo desde a sua instalação”.

Então, em função do cinema atuar no entretenimento, que também é um “educador social”, na formação dos sujeitos e na disseminação de uma cultura, e devido a suas narrativas serem inspiradas no mundo real, teremos nele representações semelhantes do que é vivido na sociedade. Ou seja, se no ambiente social existir um dominante e nesse se destacar somente os homens, isso será retratado nos filmes. Desde o início da história “o cinema americano foi conivente com as ideologias patriarcalistas, originando a representação de uma imagem da mulher “cativa” dentro desse contexto.” (GUBERNIKOFF, 2009, p. 70). Nesse sentido, a professora e cineasta Karla Holanda (2017, p. 44) entende que:

A história do cinema brasileiro não está sozinha quando pouco considera a participação das mulheres. Não só outros países repetem essa prática como também outros setores da sociedade, como as artes em geral, a literatura, as ciências, o esporte e tantos outros.

De acordo com Karla Holanda e Marina Tedesco (2017, p. 9-10.), as publicações sobre a participação das mulheres no cinema brasileiro ainda são muito poucas, considerando que há outras funções além de atriz. As produções dirigidas por mulheres são registradas na história em 1980. *As musas da matinê*, de Elice Munerato e Maria Helena Darcy de Oliveira (1982), foi o primeiro filme com diretoras mulheres a ser transformado em livro, no qual as autoras questionam a participação das mulheres na direção e a representação das personagens femininas. A outra produção é organizada por Heloísa Buarque de Holanda e reúne todos os filmes que tiveram mulheres na direção até 1988, a obra tem o título de *Quase catálogo 1: Realizadoras de cinema no Brasil (1930-1988)*. As autoras ainda ponderam que:

No Brasil, nos últimos anos, é notória a insurgência das mulheres contra situações de retrocesso que elas já não aceitam como “naturais” e, em

consequência, gera perplexidade em alguns e põem em xeque certos comportamentos e discursos, fazendo crescer o interesse por questões ligadas à condição da mulher. Tais reações ficam mais visíveis quando em resposta a crimes de elevado grau de barbaridade contra o gênero feminino, o que motiva fortes campanhas, sobretudo nas redes sociais. A capacidade da internet de potencializar a ação dessas manifestações deixa exposta a ferida da enorme desigualdade das relações da sociedade. O efeito colateral disso resulta em seu olhar para o lado e perceber que desequilíbrios nessa relação há por toda parte. No cinema, inclusive. (HOLANDA, TEDESCO, 2017, p. 9)

Observo que, além do cinema, nas interações da Internet também aparecem as questões de segregação e desigualdade de gênero, uma vez que as redes sociais são uma forma ampla de comunicação, que permitem que as pessoas expressem suas culturas e sistematizações sociais por vários tipos de linguagem. A Internet é uma grande rede que permite a conexão de várias pessoas e diversas culturas ao mesmo tempo. As redes sociais viraram um mecanismo de comunicação e de troca de informações, até mesmo em tempo real. É possível se manter informado, pesquisar, falar, ligar, assistir vídeos, tudo pelo computador ou celular, entre outros dispositivos. Assumimos identidades virtuais, que podem ser falsas ou reais, pois, às vezes, não sabemos quem está “atrás da tela”. Mas, mesmo nos comunicando por máquinas, continuamos sendo pessoas e carregando as marcas, os valores e as significações de nossas culturas e da estrutura social. Portanto, se nosso sistema foi alavancado por uma base machista e patriarcal, isso também será manifestado e presenciado na Internet, em função de as relações virtuais também serem espelhadas nas relações reais.

A Internet e o cinema são mídias que produzem representações e relações capazes de influenciar nas relações sociais reais. As imagens podem tocar, emocionar e interagir com o público e podem inspirar a ver o mundo com um olhar diferente. Em *Capitã Marvel*, por exemplo, há duas cenas muito interessantes. Uma que demonstra a cumplicidade e a importância do apoio entre as mulheres; outra que revela uma filha apoiando uma mãe, algo que pode ajudar na construção de um novo significado para o papel de mãe solo. Apresento ambas as cenas a seguir (Figuras 6 e 7).

Figura 6 - Sequência 6

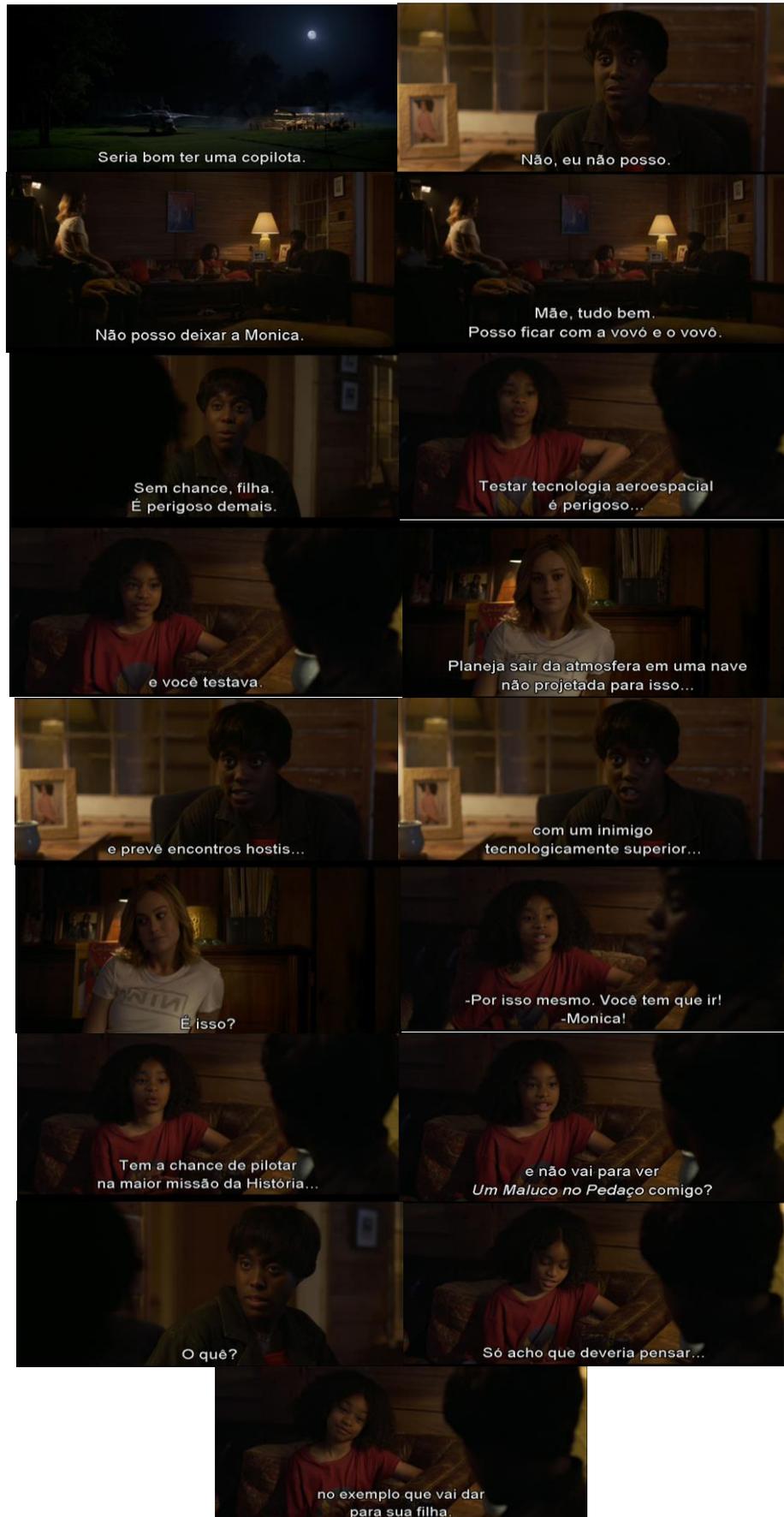


Na sequência 6 (Figura 6), nós temos o *Skrull*, Talos, falando para a Carol, o quanto ambos perderam em função dos *Krees* e dizendo que ela não é um deles. Carol revida com um ar de revolta, falando que ele não a conhece e que ele não faz ideia de quem ela seja. Inclusive

ela mesma não sabe quem ela é. Em seguida aparece Maria Rambeau se dirigindo a Carol, dizendo que ela é Carol Danvers, a mulher que está na gravação da caixa preta (do avião) e que se arriscou para fazer o que é certo; é sua melhor amiga; e foi a única pessoa que a apoiou para ser mãe e piloto. Maria Rambeau segue falando que Carol é a pessoa mais poderosa que ela conhece, bem antes de lançar fogo pelas mãos. Ela ainda diz que Carol é inteligente, engraçada e extremamente irritante e pergunta se Carol a ouviu. Elas se abraçam e Maria Rambeau diz: “conte comigo”.

Essa cena mostra um exemplo de sororidade que pode haver entre as mulheres. Duas mulheres, amigas apoiando uma à outra. Maria “estende a mão” para Carol, assim como Carol fez quando Maria precisou. Temos uma mulher levantando a moral de outra e encorajando essa outra. A relação das duas demonstra a importância da amizade, de se ter alguém com quem contar e a força que duas mulheres podem ter ao se unirem para se apoiar e enfrentar desafios.

Figura 7 - Sequência 7



Na sequência 7 (Figura 7), temos Carol falando que seria bom ter uma copilota durante sua viagem, Maria Rambeau entende a indireta e diz que não pode porque não pode deixar a Monica (sua filha). Monica diz que tudo bem e que ela pode ficar com seus avós. Maria fala que nem pensar, é perigoso demais, mas Monica rebate dizendo para mãe que testar tecnologia aeroespacial era perigoso e Maria testava. Maria Rambeau detalha o que Carol pretende fazer para confirmar perguntando se ela planeja sair da atmosfera em uma nave não projetada, prevê encontros hostis e um inimigo tecnologicamente superior. Ela se dirige a Carol perguntando se é isso mesmo e esta faz uma expressão de que confirma tudo o que Rambeau acabou de descrever. Monica diz a mãe que é por isso mesmo que ela tem que ir. Maria diz o nome da filha na tentativa de chamá-la a atenção, mas Monica segue dizendo que a mãe vai ter a chance de pilotar na maior missão da História e não vai para ver “Um maluco no pedaço”²³ com ela. Rambeau olha para filha com expressão de indignação e pergunta o quê, Monica responde que ela que deveria pensar no exemplo que a mãe estará dando a ela.

Nessas cenas temos uma filha confrontando a mãe e a incentivando; vemos o apoio e a coragem que a filha promove para a mãe e o quanto ela a admira. A criança não pensa nos perigos, nem nos desafios que a mãe vai enfrentar, mas sim na diferença histórica que a mãe pode fazer ao pilotar uma aeronave com destino ao espaço e ao encarar vida de outros planetas. Monica reconhece o esforço da mãe e o quanto pilotar significa para ela. A filha pensa com quem pode ficar enquanto a mãe está fora, para que ela não fique preocupada e promove um jogo de palavras interessante para convencê-la a ir com Carol.

Além disso, essas cenas ilustram de certa forma a problemática da maternidade, de quando uma mulher deixa de fazer algo em função de sua prole, mostrando que isso não se faz necessário. Ela pode ser piloto e ser mãe e fazer uma missão no espaço, sem que esteja abandonando a filha. No entanto, há a preocupação em deixar a filha com outra pessoa, pensando em quem irá cuidar de sua filha caso aconteça algo com ela, a mãe. Embora tenha os avós, a responsabilidade e o peso na consciência são coisas que podem ser complicadas para uma mãe solteira. A sociedade julga essas mães e qualquer problema ou descuido com a criança é ainda mais penoso. Quando a criança diz que pode ficar com seus avós, podemos interpretar que ela não tem um pai que conviva com elas, que seu pai nunca apareceu ou que o pai dela morreu. O filme não menciona o pai da criança, mas caso tenha acontecido a primeira

²³ Título em português do seriado televisivo - “The Fresh Prince” no original - dos anos 90 no qual o protagonista é o ator Will Smith.

hipótese, sabemos que o pai fugiu de suas responsabilidades, enquanto a mãe teve que assumir todos os cuidados com a criança e deixar sua carreira um pouco de lado.

A partir disso, concluo que a mídia sempre irá influenciar nas relações construídas entre os sujeitos, sendo elas virtuais ou não. Problematizando ou não maneiras de pensar e mostrando diferentes jeitos de ser. Além disso, “[...] as diversas formas da cultura veiculada pela mídia induzem os indivíduos a identificarem-se com as ideologias, as posições e as representações sociais e políticas dominantes.” (KELLNER, 2001, p. 11). De acordo com a professora Eunice Kindel (2007, p. 229):

Os espaços culturais – a mídia, especialmente – nunca foram efetivamente ocupados por todos os grupos de gênero, grupos sexuais, éticos, raciais ou de classe; alguns desses grupos ou não aparecem ou, quando aparecem, muitas vezes, estão em uma condição marginal.

Os espaços culturais como um todo, principalmente as mídias, embora tenham recebido grande avanço tecnológico mudando e customizando suas plataformas, ainda sofrem reflexos das ideias dominantes patriarcais-capitalistas. Isso se deve a esse discurso produzido e pensado dentro de um contexto hegemônico com práticas dicotômicas, as quais tornaram-se reguladoras de comportamentos dos sujeitos. Os sujeitos femininos e masculinos são constituídos por todas essas práticas, as quais foram e ainda são produtoras de “marcas”. Para serem produzidas, essas marcas contam com a participação de várias instituições: família, escola, mídia, igreja e lei (LOURO, 2001).

Todas essas instâncias realizam uma pedagogia, fazem um investimento que, frequentemente, aparece de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas; outras vezes, contudo, essas instâncias disponibilizam representações divergentes, alternativas, contraditórias. A produção dos sujeitos é um processo plural e também permanente. (LOURO, 2001, p. 25).

Entendo, junto com Louro, que além da escola, há outras instâncias geradoras de pedagogia, as quais são constituídas e regidas por uma cultura e têm forte influência na construção de identidades dos sujeitos. Entre essas instâncias, encontram-se o cinema e a Internet, porque ambos são mecanismos culturais que ajudam na formação de conceitos sociais retratando-os por diferentes perspectivas, as quais também influenciam na educação. Nesse caso, segundo Raquel Pacheco (2016, p. 69):

Mostrar e discutir, com os mais jovens, que o cinema (assim como a mídia em geral) é constituído por um discurso produzido ideologicamente faz parte da

dinâmica da literacia fílmica/cinematográfica, conceito que se enquadra dentro da perspectiva de mídia educação e busca um empoderamento, reflexão e consciência crítica em relação ao cinema.

Capitã Marvel é uma narrativa que possibilita analisar o discurso ideológico patriarcal-capitalista e questionar os “papéis” da mulher e do homem na sociedade. A sequência 3 (Figura 8) do filme é capaz de proporcionar reflexões sobre questões de gênero e de raça.

Figura 8 - Sequência 3



Na sequência 3 (Figura 8), vemos Maria Rambeau perguntando a Carol onde ela está com a cabeça. Carol diz que está nas nuvens e faz a mesma pergunta para Maria, a qual responde que a cabeça está no lugar certo e irá mostrar pra esses garotos como se faz para pilotar um avião, no caso. Maria pergunta se Carol está pronta e ela responde com a frase: “alto, longe, veloz, baby”, que ficou muito famosa na língua original do filme, do inglês: “*Higher, Further, Faster, Baby!*”. Maria Rambeau concorda com Carol.

Nessa sequência, temos duas mulheres pilotas da força aérea, que têm convicção de que podem ser pilotas e ainda podem ensinar os homens a pilotar. O contexto dessas imagens tira a ideia de que a mulher precisa aprender com os homens e não pode ocupar um posto de professora dentro de uma área predominantemente masculina. Isso quebra o estereótipo da mulher ocupar apenas espaços considerados destinados somente ao público feminino. O diálogo das duas personagens também mostra, de maneira sutil, as diferenças entre uma mulher negra e uma mulher branca. O filme não destaca essas diferenças; ambas as personagens são colocadas como iguais, apenas tendo papéis diferentes no filme, no qual o foco é Carol Danvers.

Mas esse pequeno diálogo e o fato de termos a mulher branca como personagem principal, não a mulher negra, serve para pensar algumas questões.

De acordo com Lélia Gonzales (1984, p. 226), a mulher negra “naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta”. O lugar da mulher negra é naturalizado como sendo da periferia, da favela e de profissões consideradas menos importantes. Ela sofre com o machismo e com o racismo. Simone de Beauvoir (1967) disse que a mulher é o outro, porque parte da observação do homem, é diferente dele. No entanto, Beauvoir (1967) se refere as mulheres brancas. Por sua vez, Grada Kilomba (2012 *apud* RIBEIRO, 2017) diz que a mulher negra é o outro do outro. Djamila Ribeiro (2017) analisa isso, dizendo que as mulheres brancas podem ser mulheres, mas ainda sim são brancas, e os homens negros, podem ser negros, mas ainda sim são homens. Então, às vezes, essas categorias conseguem seus lugares como sujeitos, enquanto a mulher negra não o tem. Kilomba (2012 *apud* RIBEIRO, 2017) diz que o *status* da mulher negra não oscila como o dessas duas outras classificações, ela pode apenas ser o outro, mas nunca si mesma. Para Carol, pode ter sido difícil ter conseguido ser piloto, mesmo que de teste de aviões, mas para Maria, que é mulher, negra e mãe, as condições e os desafios para chegar ao mesmo nível que a amiga podem ter sido bem mais complicados. Nesse sentido, Maria não pode se dar ao luxo de desfocar de sua atividade, porque não tem alguns privilégios como sua amiga branca. Isso não é discutido no enredo, mas são especulações que surgem à medida que reflito sobre questões de gênero, de raça e de classe.

Seguindo essa discussão e as reflexões que ela proporciona, não há dúvidas de que as mídias podem ser consideradas como parte da educação, porque também ensinam, geram conhecimento e operam por uma pedagogia. Porém, é preciso observar quais significados e considerações estão sendo construídas e fundamentadas dentro das formações discursivas da mídia. Dessa forma, reivindicar a representatividade presente nos artefatos culturais é uma questão social e política, uma vez que essa influência em inúmeras representações de sujeitos diferentes, quebrando padrões e promovendo a construção das identidades de maneira mais plural, inclusiva e empoderada. Ao reivindicarmos por representações que mostrem a pluralidade e a diversidade dos sujeitos, estamos questionando os jogos de poder e colaborando para relações de gênero mais igualitárias, dentro e fora das mídias. Nesse sentido, é necessário contextualizar como as representações – cinematográficas ou não – podem promover o empoderamento e/ou desfavorecer as relações de gênero, em função das relações de poder, algo que será feito no próximo tópico.

2.3 EMPODERAMENTO: UMA FORMA DE REESTRUTURAR AS REPRESENTAÇÕES E AS RELAÇÕES DE GÊNERO

O conceito de empoderamento possui várias controvérsias, portanto não deve ser definido a partir de um único conceito, pois depende do contexto em que está sendo abordado. Para esta pesquisa é importante e mais significativo discutir e entender esse termo pela perspectiva feminista. Segundo Joice Berth (2019, p. 18), empoderamento em seu sentido mais simples significa “dar poder”. Proporcionar poder aos indivíduos e aos grupos sociais é articular condições para que estes entendam suas características culturais e posições sociais; para que tenham autorreconhecimento e autovalorização²⁴, a fim de que desenvolvam novas percepções sobre si e sobre o mundo e consigam criar ou descobrir ferramentas ou poderes para atuar no meio em prol da coletividade. Essa visão de poder a partir do processo de empoderamento é uma ressignificação feita pelas diversas teorias do feminismo negro e interseccional (BERTH, 2019, p. 21-22).

Empoderar, dentro das premissas sugeridas, é, antes de tudo, pensar em caminhos de reconstrução das bases sociopolíticas, rompendo concomitantemente com o que está posto, entendendo ser esta a formação de todas as vertentes opressoras que temos visto ao longo da História. (BERTH, 2019, p. 23).

Embora o conceito de empoderamento seja complexo e ainda muito vago sob um ponto de vista crítico, ainda não bem interpretado por várias áreas (BERTH, 2019, p. 30), iremos discuti-lo e trazê-lo com base nas teorias feministas, as quais prezam por um empoderamento que promova mudanças individuais e coletivas. Segundo Cecília Sardenberg (2006), na visão do feminismo, o empoderamento de mulheres é conseguir se libertar das amarras da opressão de gênero, do patriarcado; é conquistar autonomia e autodeterminação. A autora ainda afirma que:

Para as feministas latinoamericanas, em especial, o objetivo maior do empoderamento das mulheres é questionar, desestabilizar e, por fim, acabar com o a ordem patriarcal que sustenta a opressão de gênero. Isso não quer dizer que não queiramos também acabar com a pobreza, com as guerras, etc. Mas para nós o objetivo maior do “empoderamento” é destruir a ordem

²⁴ O prefixo “auto” cabe aqui como indicativo de que processos de empoderamento, embora possam receber estímulos externos diversos da academia, das artes, da política, das vivências cotidianas etc., é uma movimentação interna de tomada de consciência ou do despertar de diversas potencialidades que definirão estratégias de enfrentamento das práticas do sistema de dominação machista e racista (BERTH, 2019, p. 25).

patriarcal vigente nas sociedades contemporâneas, além de assumirmos maior controle sobre “nossos corpos, nossas vidas”. (SARDENBERG, 2006, p. 2).

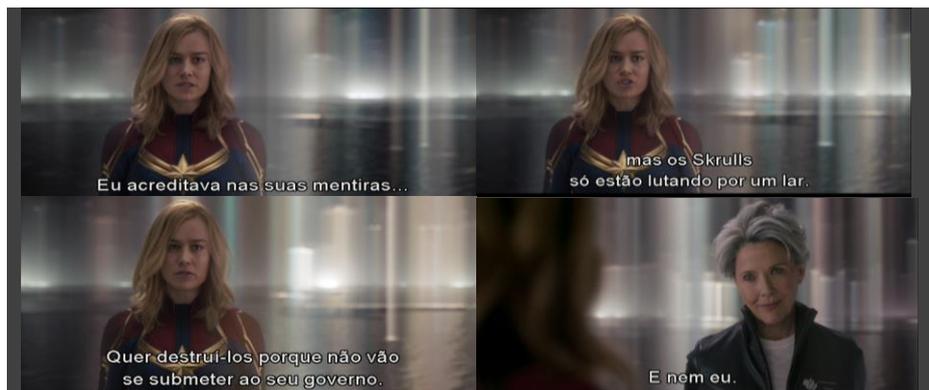
Essa definição estabelecida por Sadenberg corrobora com o entendimento de Ana Alice Costa (2006, p. 9), a qual diz que:

O empoderamento das mulheres representa um desafio às relações patriarcais, em especial dentro da família, ao poder dominante do homem e a manutenção dos seus privilégios de gênero. Significa uma mudança na dominação tradicional dos homens sobre as mulheres, garantindo-lhes a autonomia no que se refere ao controle dos seus corpos, da sua sexualidade, do seu direito de ir e vir, bem como um rechaço ao abuso físico e a violação sem castigo, o abandono e as decisões unilaterais masculinas que afetam a toda a família.

Sabemos que, em conformidade com Lana Lima e Suellen de Souza (2019), o poder patriarcal não se limita apenas ao espaço doméstico, porque está presente em toda organização da sociedade, influenciando na cultura e na mídia. Diante disso, quando os artefatos culturais promovem e constroem representações que busquem e/ou conquistem o empoderamento, de forma que fujam do modelo padrão estabelecido pelo sistema patriarcal, isso tem um impacto positivo nas relações de gênero, pois colabora para a reestruturação destas e para derrubar seus jogos de poder. Por isso, é importante esclarecer de que poder estamos falando a fim de não inverter a lógica atual, mas de subvertê-la (BERTH, 2019, p. 22).

Algumas cenas de Capitã Marvel podem ser interpretadas como representações de empoderamento em que Carol liberta-se do poder opressor dos *Krees*. São sequências do clímax do filme, as quais podem simbolizar o empoderamento da personagem e seu desprendimento das amarras da sociedade alienígena. As sequências 9, 10, 11 e 12 (Figuras 9-12) retratam como Carol derruba o jogo de poder dos *Krees* e consegue assumir o controle de si mesma. A força emocional que ela constrói dentro de si ajuda a fortalecer seus superpoderes.

Figura 9 - Sequência 9



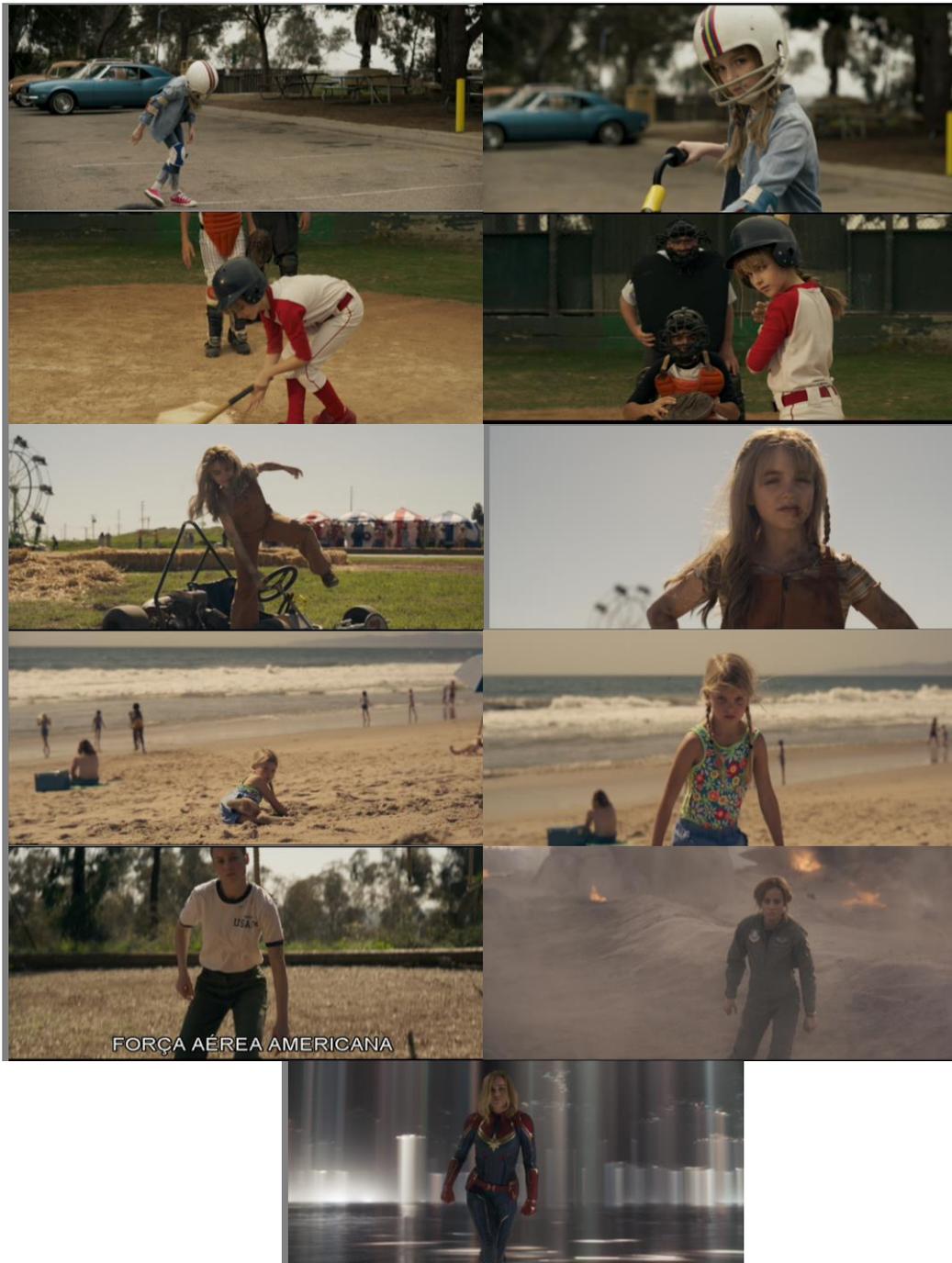


Na sequência 9 (Figura 9), Carol está confrontando a Inteligência Suprema (IS) *Kree* (a qual aparece para ela na forma da sua antiga instrutora Dra. Lawson) falando que acreditava nas mentiras dos *Krees*, mas que descobriu a verdade sobre os *Skrulls* estarem procurando por um lar e não sendo um inimigo. Carol continua dizendo que os *Krees* queriam destruir os *Skrulls*

em função destes não querem se submeter ao governo dos *Krees*, e ela, Carol, também não quer. A Inteligência Suprema rebate os argumentos de Carol dizendo que eles a acharam e a reconheceram como uma deles. Carol, irritada, responde que eles a roubaram do lar dela, da família, dos amigos. De repente, ela tenta dar um golpe na IS, a qual se esquiva e a atira na “parede”. A IS vira a cabeça para olhar Carol e debocha dizendo que é uma graça o quanto Carol se esforça (para enfrentá-la). Enquanto Carol escorrega pelas “paredes cósmicas” e começa a enxergar partes do seu passado, a IS segue falando para Carol se lembrar de que, sem eles (os *Krees*), ela é fraca, tem falhas, é irremediável. A IS repete o argumento de que os *Krees* salvaram Carol e ainda diz que sem eles Carol é só humana, nisso Carol começa a se levantar e diz: Tem razão. Sou só humana.

Essa é uma cena que retrata uma sociedade (aqui a sociedade *Kree*) julgando uma mulher como incompetente, incapaz de se virar sozinha. Dizendo que ela não seria nada sem eles e que precisa deles para viver. Eles querem mantê-la submissa. Também é um típico exemplo de relacionamento abusivo. Afinal, Carol sofreu abusos psicológicos, incluindo lavagem cerebral e manipulação, resultando na sua perda de memória e confusão mental. Ela estava “sob os cuidados” de Yon-Rogg, seu tutor manipulador e controlador e sendo submissa de uma sociedade que a queria como uma arma, por saber o potencial de seus poderes. Acredito que seja nesse instante que Carol percebe o quanto ela já lutou na vida, sem precisar de ninguém ou de poderes para se erguer e enfrentar suas dificuldades e seus obstáculos. Recordar-se de quantas injustiças enfrentou sozinha, sendo uma simples humana. A partir disso, a sequência 9 (Figura 9) é complementada pela 10 (Figura 10), mostrando que Carol cria forças e começa a se lembrar de todas as vezes que precisou levantar diante de insultos e descrenças em sua capacidade.

Figura 10 - Sequência 10



Na sequência 10 (Figura 10) são retratados 6 momentos nos quais Carol recorda-se de se erguer em momentos que ela caiu (fisicamente ou emocionalmente) em função de julgamentos alheios. Ela se lembra das vezes que juntou forças e conseguiu superar os obstáculos que a impediam de estar onde está e quando enfrentou as pessoas que desacreditavam dela ou a achavam fraca e incapaz.

Nessa sequência (Figura 10) podemos ter a representação de uma mulher que caiu muitas vezes e conseguiu se levantar e enfrentar os obstáculos que a oprimiam. Também ilustra

quantas vezes uma mesma mulher pode passar por situações, desde a infância, nas quais é vista como fraca, incapaz, invisível e subalterna. Na sociedade, as meninas e as mulheres, às vezes, não têm seu lugar reconhecido, porque são desconsideradas e/ou impedidas de ocuparem certos espaços. Ao relembrar esses momentos, Carol se empodera e cria forças para se libertar dos *Krees*, o que é retratado na sequência 11 (Figura 11).

Figura 11 - Sequência 11



Na sequência 11 (Figura 11), observamos que as lembranças da sequência 10 ascendem a potência de Carol e a tornam capaz de confrontar os *Krees*. Ela consegue lutar contra eles e

se libertar da sua manipulação e regras. Então, nessa sequência 11, Carol corrige seu nome para Inteligência Suprema, dizendo que se chama Carol Danvers e não Vers. Um dos soldados *Kree* percebe que Carol está tentando escapar dos moldes da Inteligência Suprema, enquanto ela despluga de trás de sua orelha o mecanismo que controlava seus poderes. Ela faz isso falando que faz tempo que luta em desvantagem e se perguntando o que acontecerá quando ela se libertar. Em seguida, todo poder de Carol é liberado e ela emana uma luz e fica muito poderosa, atirando longe todos os soldados *Krees* que estavam a sua volta. Carol se liberta subconscientemente enquanto fala com a Inteligência Suprema, mas isso também atinge seu corpo físico de maneira consciente.

Essas três sequências (Figuras 9-11) podem ser interpretadas como Carol se libertando de uma opressão, afinal ela foi manipulada, enganada, coagida a lutar em uma batalha que não era sua e contra um inimigo que na verdade era um povo oprimido. Ela se liberta de tudo que a deixava confusa, que a controlava e que distorcia a imagem que ela tinha de si mesma. Nesse momento da trama, Carol já conseguiu recuperar suas memórias e recordar da menina que foi e da mulher que é. Essas cenas podem representar a libertação de uma mulher que antes era oprimida e manipulada pela sociedade e finalmente ganha voz, visibilidade e consegue lutar por si mesma e pelos demais oprimidos.

Nas palavras de Joice Berth (2019), empoderar é “dar poder”. Carol dá poder a si mesma para afrontar a sociedade alienígena que a está repreendendo, percebendo que sempre empoderou-se para enfrentar a sociedade terrestre. Depois de se libertar das amarras sociais, Carol confronta seu abusador, antes tutor Yon-Rogg. Isso é ilustrado em uma das últimas cenas do filme, aqui identificada como sequência 12 (Figura 12).

Figura 12 - Sequência 12



Na sequência 12 (Figura 12), temos Yon-Rogg dizendo a Carol o quão orgulhoso está dela e o quanto ela progrediu desde que ele a encontrou, mas pergunta se ela é capaz de controlar suas emoções para enfrentá-lo ou se estas vão levar a melhor como sempre. Yon-Rogg prossegue dizendo que sempre disse que Carol só estará pronta no dia em que conseguir derrotá-lo sendo ela mesma, e diz que aquele era o momento. Ele pede a Carol que desligue o show pirotécnico, referindo-se as luzes de seus poderes, e pede para ela provar que consegue vencê-lo sem eles. No entanto, antes de conseguir terminar sua frase Carol o atinge com seus poderes. Yon-Rogg voa longe e Carol vai até ele e diz que não precisa provar nada para ele. Ela estende a mão para ajudá-lo e quando Yon-Rogg pega a mão dela, ela o arrasta até a nave. Yon-Rogg diz que não pode voltar de mãos vazias e Carol diz que ele não estará de mãos vazias, pois ela irá mandá-lo com uma mensagem: Dizer a Inteligência Suprema que ela irá voltar para acabar com a guerra, com as mentiras e com tudo. Yon-Rogg diz que ela não pode fazer isso; Carol o ignora, o coloca dentro da nave e o envia de volta.

Carol já sabe de toda a verdade sobre os *Krees* e está livre das regras deles. Então, quando Yon-Rogg pede para ela se controlar e o derrotar sem a ajuda dos poderes, Carol ignora, pois não precisa mais seguir as ordens dele. Ela assume que não precisa provar nada para ninguém mostrando que é dona de si mesma e não precisa ser mandada por alguém. Yon-Rogg questiona Carol dizendo que para ela ser boa o suficiente como guerreira precisa derrotá-lo sem a ajuda dos poderes. Essa situação pode ser interpretada que a mulher nunca é o suficiente em algo, sempre falta algum aspecto para ela estar completa, cumprir um objetivo de forma plena ou estar dentro das exigências de alguém.

A situação de Carol, nessas 4 sequências de cenas, é capaz de construir uma visão de mulher empoderada e influenciar mulheres a se empoderarem. Carol conseguiu se desvencilhar de toda opressão, não em função de seus poderes, mas por perceber que desde criança era forte e capaz e já lutava contra repressões. Considerando isso e a concepção feminista sobre empoderamento já apresentada, buscamos visibilidade e representatividade das mulheres e demais minorias, bem como uma equidade de direitos e uma nova estrutura social que não concentre o poder somente no homem. O poder patriarcal naturaliza e legitima a dominação masculina, estrutura as relações de gênero e valida as desigualdades entre estas (LIMA; SOUZA, 2019). Além disso, o patriarcado alimenta o padrão identitário: homem, branco, cis-hetéro, submetendo todas as demais identidades a ele. É um poder que acaba por regularizar as normas e os papéis de gênero, naturalizando comportamentos e valores de maneira dicotômica,

deslegitimando outras possibilidades de identificação, de representação ou de cultura. De acordo com Áurea Petersen (1999, p. 20):

Para que o poder patriarcal se impusesse e perdurasse, foi necessário organizar o poder paterno na família e apoiá-lo numa ideologia que enfatizasse uma hierarquia extrema entre os sexos, legitimando o exercício do poder masculino. Esse processo durou vários séculos e exigiu uma transformação ideológica, política, econômica e social e até religiosa para se consolidar o poder absoluto do homem.

Seguindo essas perspectivas, é possível dizer que o empoderamento é uma forma de luta e resistência às relações de poder abusivas. Algo que podemos observar Carol fazendo nas 4 sequências apresentadas anteriormente. Portanto, o empoderamento, no meio social, representa uma ameaça; no cinema, por exemplo, conforme Sandra Machado (2017, p. 10-11), “a necessidade de reprimir o feminino, pela ameaça que representa à ordem patriarcal, afeta muitos papéis reservados às mulheres nas produções audiovisuais, tanto as de massa como as do dito cinema independente”. Por muito tempo na história, as mulheres foram (às vezes ainda são) retratadas como as donzelas em perigo, vulneráveis, fracas, indefesas, tendo funções muito minimalistas no cinema, falas pequenas, papéis secundários e/ou insignificantes. Elas foram “importantes” para a construção de uma imagem sexy e sedutora, a qual “objetificou” seus corpos e depredou suas imagens. Nós fomos colocadas em posições subalternas, fomos silenciadas e consideradas objetos sexuais. Diante desse retrato das mulheres, feito pelos ângulos de câmeras, de discursos, de imagens, de textos e de homens; retrato que foi ensinado e apresentado em diversos artefatos culturais produtores de pedagogia, surgem algumas questões como: Qual imagem a sociedade construiu para as mulheres e das mulheres? Qual imagem as mulheres construíram para si mesmas e de si mesmas? É possível que elas se empoderem com tanta gente mostrando e dizendo que o lugar delas é secundário, é irrelevante, é dentro de casa, é sendo servil?

As respostas para as duas primeiras perguntas já foram, em parte, discutidas ao longo deste texto, porém é interessante retomar. A sociedade depredou a imagem da mulher, tornando-a objeto; criou uma imagem de mulher ideal, o que fez com que muitas mulheres tentassem se enquadrar a esse modelo, o qual, na verdade, era o que os homens queriam que elas fossem. Em função disso, foram impostos vários estereótipos às mulheres, através dos artefatos culturais, principalmente as mídias. Isso funcionou como “forma de opressão, pois, ao mesmo tempo que a transformam em objeto (principalmente quando endereçadas às audiências masculinas), a anulam como sujeito e recalcam seu papel social.” (GUBERNIKOFF, 2009, p. 68). Segundo

Chimamanda Adichie (2019, p. 26), “[...] o problema com os estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne única”. Resumindo, a sociedade criou uma imagem deturpada das mulheres e “colou” diversos estereótipos à definição de “mulher”, os quais passaram a fazer parte da história delas. Com isso, as mulheres foram obrigadas a se encaixar nessa definição estereotipada e distante da realidade.

Quanto a terceira e última pergunta, digo que é possível as mulheres se empoderarem, mas é necessário mostrar a elas o outro lado da história; pois, a partir dessas considerações, o que vemos é que a história das mulheres foi contada por uma única ótica, a masculina e patriarcal – uma história que desconsiderou as mulheres como protagonistas. Em *Capitã Marvel* a história dela e dos *Skrulls* é contada pela lógica dos *Krees*, eles fazem a cabeça dela e a fazem acreditar que sempre foi uma guerreira *Kree* e que seus *flashes* de memória são apenas invenções da sua cabeça. Quando Carol descobre a verdade sobre si mesma e conhece a história dos *Skrulls*, contada pela perspectiva deles mesmos, ela consegue se empoderar e enxergar toda opressão que sofria dos *Krees* e como estes oprimiam os *Skrulls*. Chimamanda Adichie (2019, p. 22-23) afirma que:

É impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder. Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: *nkali*. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer “ser maior do que o outro”. Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de *nkali*: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder.

O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outras pessoas, mas de fazer que ela seja sua história definitiva.

À vista disto, é necessário reavaliar a história contada sobre as mulheres, a qual as define de uma forma incompleta, opressora e sem dignidade. Posto que empoderamento é um mecanismo pelo qual cada um toma controle do que é seu por direito, ele envolve relações de poder. Quando dizemos que as mulheres foram definidas a partir de uma única história que não foi contada por elas, concluímos que o poder maior está nas mãos de quem contou a história: os homens. E, se formos pensar em outras minorias – não numéricas –, as relações de poder sempre se estabeleceram pela lógica dicotômica e as histórias sempre são contadas pelos que têm mais poder, os considerados melhores dentro do padrão da sociedade, por exemplo: a história das mulheres, quem conta são os homens; das pessoas negras, é contada pelas pessoas brancas; das pessoas LGBTQIA+, é contada pelas pessoas heterossexuais e cis normativas; das pessoas

pobres, é contada pelas pessoas ricas. Sempre, a história dos dominados é contada pelos dominantes. Assim seguimos em uma dicotomia infinita, classificando as pessoas em piores ou melhores conforme o modelo padronizado criado pela sociedade dominante e considerado o ideal.

Nessa situação, observamos que a sociedade é definida e organizada por quem tem mais poder e por isso existem muitas histórias apagadas e deslegitimadas. Inclusive, há pessoas que não têm nem seus direitos garantidos, devido ao poder. O “poder” pode ser entendido como capacidade ou a habilidade de fazer ou ter algo.

Poder é o **direito de deliberar, agir, mandar**; um termo que se originou a partir do latim *possum*, que significa “ser capaz de”, e é uma palavra que pode ser aplicada em diversas definições e áreas. Segundo a sociologia, poder é a habilidade de impor a sua vontade sobre os outros, e existem diversos tipos de poder: o poder social, o poder econômico, o poder militar, o poder político, entre outros. (SIGNIFICADOS, 2015).

“[...] o poder pode ser visto como um aspecto inerente a todas as relações econômicas, sociais e pessoais.” (COSTA, 2006, p. 2); assim como a linguagem, que é um instrumento poderoso de socialização e que é um ótimo meio para exemplificar as relações de poder, principalmente a entre os gêneros, pois o masculino é utilizado para designar a humanidade. Dessa forma, a linguagem é um dos mecanismos que o patriarcado utiliza para desconsiderar as experiências femininas, colocando as mulheres em um lugar subalterno e incapaz de maneira natural (GIL; GROSSI, 2013, p. 356-357).

“Ao inserir-se no mundo da linguagem, a hermenêutica renuncia à pretensão de verdade absoluta e reconhece que pertencemos às coisas ditas, aos discursos, abrindo uma infinidade de interpretações possíveis” (HERMANN, 2002, p. 24). Márcia Tiburi (2018, p. 37) compartilha dessa mesma ideia sobre a hermenêutica, quando diz:

O modo como a subjetividade de cada um é atingida pelas “verdades absolutas” em vigor nos permite pensar que a ideologia não desapareceu, apenas se tornou mais difusa e aparentemente menos palpável. Desejo muito que possamos repensar essa questão, pois temo que o problema da ideologia esteja sendo jogada embaixo do tapete. Não me refiro a simples oposição entre esquerda e direita, mas muito mais a dialética senhora x escravo.

Aqui refletimos um pouco sobre o cenário político ideológico no qual vivemos. Em pleno 2021, sabemos que já aconteceram algumas mudanças, mas também alguns retrocessos, e que algumas coisas permaneceram iguais: as pessoas continuam sendo atingidas pelas disputas de poder, o discurso dominante segue o mesmo, as relações de gênero ainda são

desiguais e algumas pessoas ainda não têm total lugar nem direitos na sociedade. Mas por que existem retrocessos e coisas que não mudam, se já conseguimos avançar em algumas perspectivas sociais? Acredito que isso acontece por seguirmos uma tradição, a qual nos torna e nos faz reféns das normas. Para muitos, é difícil abandonar algo que está enraizado há anos. Mesmo que haja mudanças e algumas desconstruções, a maioria ainda não se abriu para alguns questionamentos e reflexões. Isso é um diálogo que a hermenêutica propõe. Enquanto essa abertura não acontecer, alguns permanecerão na ideia arcaica da tradição cultural, enquanto outros verão as coisas de outra forma, se questionando sobre seu modo de ser, as normas, seu lugar e a construção social de maneira geral. Desse modo, percebemos que existem as pessoas que questionam, refletem sobre a sociedade, e as que simplesmente aceitam os padrões impostos, seja por medo de entrar em perguntas sem respostas, ficar no limbo ou chegar em algo inclassificável. Eis parte da explicação do porquê a Filosofia é temida por muitas pessoas. Nadja Hermann, ao citar Gadamer, diz:

O que é consagrado pela tradição possui autoridade anônima e atua sobre nosso ser finito e histórico. Estamos submersos numa tradição que determina as instituições e nossos comportamentos, tanto no plano teórico como no plano ético. A tradição é essencialmente conservadora, mas também pressupõe um ato da razão que integra o novo em uma forma de vida válida nos momentos mais revolucionários. (GADAMER, 1992 *apud* HERMANN 2002, p. 46).

Entendo, assim, que uma alternativa possa ser reinventar a tradição desconstruindo algumas partes dela, a fim de incorporar novos elementos a ela. No entanto, para que isso seja possível, tem que haver o diálogo entre aqueles que detêm o poder e os que são oprimidos por ele, porque as mudanças na tradição só serão efetivas quando todos concordarem e entenderem a sua necessidade. A melhor maneira de refletirmos sobre a tradição e construirmos o entendimento de suas mudanças é partindo de uma educação que ensine a ter posicionamento crítico e nos empodere para discutirmos os problemas sócio-histórico-culturais. Essa educação precisa desconstruir o velho sistema de ordenar, seriar, classificar, o qual é alimentado pela escola e pelas demais instituições geradoras de cultura e instâncias pedagógicas.

O processo de classificação é central na vida social. Ele pode ser entendido como um ato de significação pelo qual dividimos e ordenamos o mundo social em grupos, em classes. A identidade e a diferença estão estreitamente relacionadas às formas pelas quais a sociedade produz e utiliza classificações. As classificações são sempre feitas a partir do ponto de vista da identidade. Isto é, as classes nas quais o mundo social é dividido não são simples agrupamentos simétricos. Dividir e classificar significa, neste caso, também hierarquizar. Deter o privilégio de classificar significa também deter

o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados. (SILVA, 2000, p. 82-83).

Embora a classificação seja central e uma maneira de organização social, enquanto houver um sistema patriarcal-capitalista que concentre o poder em uma única identidade, classificar servirá apenas para fomentar os estereótipos e as desigualdades sociais, bem como homogeneizar e hierarquizar a população. Portanto, “a mudança é uma constatação natural da cultura e da história.” (FREIRE, 2000, p. 30); por isso é incoerente que se continue excluindo pessoas e as histórias destas, com o argumento de manter as normas e os padrões sociais. É preciso desconstruir essas normas, as quais criam classificações baseadas em estereótipos construídos a partir das relações de poder.

Fixar uma determinada identidade como norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo das da identidade da diferença. Normalizar significa eleger - arbitrariamente - uma identidade específica como parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é “natural”, desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem se quer é vista como *uma* identidade, mas simplesmente como *a* identidade. (SILVA, 2000, p. 82-83).

A norma foi estabelecida pela supremacia branca heterocisnormativa, por aqueles que detêm o poder, fazendo com que outras identidades fossem/sejam desconsideradas; com que algumas histórias fossem/sejam apagadas e não fossem/sejam contadas. Isso também influenciou nas representações e na representatividade dentro dos artefatos culturais, como o cinema e a Internet. A estereotipagem opera como reguladora da norma, estabelece um “vínculo” entre todos os ditos “normais” em uma suposta comunidade e exila de maneira simbólica todos os “outros”, considerados fora dos limites, os que são diferentes. Desse modo, a estereotipagem naturaliza e fixa a diferença, implementando a divisão entre normal e aceitável e anormal e inaceitável, expelindo e excluindo tudo considerado diferente. Além disso, ela estabelece uma relação entre representação, diferença e poder (HALL, 2016, p.191-193).

Assim, ao proliferar determinados estereótipos em um discurso, a norma alimenta uma representação que tornará real essa imagem estereotipada, tida como única verdadeira. Ou seja, ao dizer que a mulher, por exemplo, deve ser de determinada maneira e mostrar isso repetidas vezes, tanto nas mídias quanto em outros recursos, exagerando os estereótipos e determinando seus papéis e comportamentos, acaba por construir uma representação distorcida da realidade,

além de criar um padrão único daquele tipo de sujeito. Portanto, quando uma mulher assume um papel social considerado masculino, por exemplo, ela tece outro tipo de representação para si e para outras mulheres. Quando uma pessoa negra assume um lugar considerado para pessoas brancas, ela constrói outra representação identitária dela e para outras pessoas negras. A mesma coisa acontece em todos os exemplos em que há uma identidade considerada dominante e a outra é dominada, tais como: heteronormativo *vs.* *queer*; cisgênero *vs.* transgênero; ricos *vs.* pobres; sexismo *vs.* feminismo; saber acadêmico *vs.* saber popular.

Essas dualidades e dicotomias só existem porque o sistema patriarcal-capitalista elegeu uma identidade padrão, a qual vem sendo criada para se manter no poder por meio das normatizações e das representações estabelecidas por esse sistema. Nesse sentido, “o poder define a forma como se processa a representação; a representação, por sua vez, tem efeitos específicos, ligados, sobretudo, à produção de identidades culturais e sociais, reforçando, assim, as relações de poder.” (SILVA, 2001, p. 48). Embora existam diversos tipos de poder, sabemos que ele é manifestado por meio de relações de dominância, de força, de autoridade, de soberania, de influência ou de posse, e que quem tem o poder é capaz de apagar várias histórias ou contar uma versão incompleta destas. A hermenêutica feminista vem justamente para resgatar essas histórias e dignidades ocultadas pelas práticas excludentes patriarcais. Essa hermenêutica repensa sobre as histórias de vida e promove o protagonismo e o empoderamento das mulheres, a fim de viabilizar relações sociais mais justas e igualitárias entre os seres humanos (PAIXÃO; EGGERT, 2011, p. 16).

3 O FILME DA CAPITÃ MARVEL E SUAS REPRESENTAÇÕES

Este capítulo está dividido em 2 tópicos. No primeiro, apresento brevemente o enredo do filme da Capitã Marvel e faço um panorama geral de algumas de suas características. No segundo tópico, apresento a análise de 4 críticas do filme, para entender como os críticos do cinema entendem a representação dessa personagem mulher e super-heroína. Antes de seguir para a trama do filme, explicarei brevemente a origem da personagem Carol Danvers – a Capitã Marvel.

A personagem Carol Danvers apareceu pela primeira vez em 1968, na HQ Marvel Super-Heroes Número 13, a qual foi escrita por Roy Thomas e desenhada por Gene Colan. Carol é uma chefe de segurança de uma base da NASA; onde acabada conhecendo o Dr. Walter Lawson, o qual ela descobre ser o oficial alienígena *Kree* Mar-vell, que chegará à Terra e assumirá a identidade do recém falecido Dr. Walter Lawson, a fim de se misturar aos humanos e fiscalizar se o planeta apresenta ameaças ao império *Kree*. Mais tarde, esse oficial torna-se o Capitão Marvel e ganha sua própria revista em quadrinhos. Carol Danvers segue como uma personagem regular das HQs do Capitão Marvel, porém ela é resgatada constantemente por ele, até que se torna um dos seus interesses amorosos (BRIDI, 2019). Então, mesmo que Carol Danvers seja um pouco desconstruída, assumindo um trabalho que antes era considerado somente masculino, ainda consideram o fato de ela precisar ser salva e formar um casal com o homem que a resgata.

Após um período sendo personagem em algumas HQs do Capitão Marvel, Carol Danvers fica uma personagem esquecida, retornando somente em 1977, “quando a Marvel decidiu que precisava de uma personagem chamada Ms. Marvel para entrar nas discussões dos movimentos de liberação feminina da década de 70.” (BRIDI, 2019). Em função do nome da personagem, o roteirista e editor Gerry Conway decidiu relacioná-la ao Capitão Marvel e aproveitou a última aparição de Carol Danvers nas histórias de Mar-Vell (codinome *Kree* de Capitão Marvel) quando ela foi atingida pela explosão do *Psico-Magnitron*, o qual é uma máquina de tecnologia *Kree* e “permite a manipulação de matéria para criar objetos também é capaz de mudar a estrutura genética de um corpo.” (BRIDI, 2019). Em 2012, os roteiros das HQs²⁵ da Capitã Marvel passam a ser escritos por mulheres, sendo que o visual escolhido para a personagem no filme é mais parecido com as revistas mais atuais (AVILA; BRIDI, 2019).

²⁵ PINHEIRO, Fernanda. **Dossiê Carol Danvers**. 2020. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1gHzgZBqx34gMoQH0WGdMj5E5SPedYrmv>. Acesso em: 20 set. 2020.

3.1 TRAMA DO FILME

O filme *Capitã Marvel* é produzido para introduzir a personagem e um pouco de sua história mostrando como ela conseguiu seus superpoderes. O filme se passa nos anos 1990 e começa contando a história de Vers, em uma sociedade tecnológica chamada *Hala*, a qual é a capital da Civilização *Kree*, localizada em uma galáxia distante. Vers é uma guerreira membro da *Starforce*, o exército *Kree*. Ela chegou em *Hala* desacordada e perdeu todas as suas memórias. Ela tem pesadelos recorrentes envolvendo uma mulher mais velha e uma explosão. Yon-Rogg, seu mentor e comandante, a treina para controlar suas habilidades.

Após conhecer a inteligência suprema, que aparece para Vers na forma da mulher mais velha de seus pesadelos, Vers é mandada para uma missão de resgate. Durante essa missão, na qual o objetivo era resgatar um agente *Kree* chamado Soh-Larr, que estava disfarçado infiltrado no planeta Torfa, Vers é capturada por Talos, comandante dos *Skrulls*, metamorfos alienígenas com os quais os *Krees* estão em guerra. Talos conseguiu enganar Vers, pois estava transformado no Soh-Larr.

Depois da captura de Vers, os *Skrulls* extraem algumas memórias dela, o que acaba levando os *Skrulls* e Vers à Terra, a qual é chamada no filme de C-53. Vers escapa da nave alienígena e cai em Los Angeles, no telado de uma *Blockbuster*. Sua presença atrai os agentes da S.H.I.E.L.D., Nick Fury e Phil Coulson, cuja investigação é interrompida por um ataque dos *Skrulls*.

Durante a perseguição entre Vers e o *Skrull*, que atacou previamente, ela consegue recuperar o objeto contendo suas memórias extraídas. Enquanto isso, Fury mata um *Skrull* que se passava por Coulson. Na autópsia do alienígena morto, Keller, chefe de Fury, ordena que Fury trabalhe com Vers e fique de olho nela. Ao final dessa cena, podemos ver que Keller era, na verdade, Talos, o comandante dos *Skrulls*.

Usando suas memórias extraídas, Vers e Fury vão para a instalação do Projeto Pegasus na base da Força Aérea dos Estados Unidos. Eles descobrem que a pessoa que estão procurando, a Dra. Wendy Lawson, é conhecida por Vers como a mulher de seus pesadelos e a mesma que lhe aparece como Inteligência Suprema. Dra. Lawson morreu em 1989, durante o experimento de um motor a jato, o qual foi projetado por ela, o piloto do jato que a acompanhava também foi dado como morto.

Depois que Fury informa à S.H.I.E.L.D. sobre sua localização, uma equipe liderada por Talos, disfarçado de Keller, chega. Fury descobre os poderes de Talos e é ajudado por Vers a escapar em um jato de carga com a gata, Goose, a qual pertencia a Dra. Lawson. Fury e Vers

voam rumo à Louisiana para conhecer a ex-piloto Maria Rambeau, pois, enquanto investigavam nas instalações da base, encontraram uma foto de Vers com a Dra. Lawson e Maria Rambeau, a última pessoa a ter contato com as duas antes do acidente.

Rambeau e sua filha, Monica, revelam que Vers é Carol Danvers e que era uma amiga muito próxima de Maria, antes da “morte” de Carol. Carol, Maria e Fury seguem conversando, até que Talos chega desarmado e pede ajuda de todos para entender umas coordenadas da gravação da caixa preta do jato, no qual estavam Lawson e Carol. Logo em seguida, a partir do áudio, Carol descobre que Lawson se chamava Mar-Vell, uma cientista *Kree* que estava ajudando os *Skrulls* na guerra contra os *Krees*. Carol se lembra do acidente e lembra que Lawson foi morta por Yon-Rogg para evitar que ela destruísse o motor, o qual foi feito a partir da energia do *Tesseract*. Antes que os *Krees* pudessem recuperar o motor, Carol atirou nele, fazendo-o explodir. Danvers absorveu a energia da explosão, ganhando poderes, mas perdendo sua memória. Ela foi raptada pelos *Krees*, os quais também modificaram e apagaram algumas de suas memórias, fazendo uma espécie de lavagem cerebral nela.

Na cena seguinte, Talos explica que os *Skrulls* são refugiados em busca de um novo lar e que ele precisa da ajuda de Carol para terminar a missão de Mar-Vell (Dra. Lawson). Eles partem em busca da nave de Lawson e deixam um *Skrull* para se passar por Carol e atrasar o grupo comandado por Yon-Rogg, o qual descobre que Carol se lembrou de tudo. Para se vingar, Yon-Rogg se comunica com o oficial dos *Krees*, chamado Ronan, o Acusador, e seu exército, ordenando que eles destruam o planeta C-53 (Terra) justificando que este tinha sofrido uma invasão dos *Skrulls*.

Carol Danvers, Maira Rambeau, Fury e Talos localizam o laboratório encoberto de Lawson orbitando no espaço, onde vários *Skrulls* estavam escondidos, incluindo a família de Talos - também encontraram o *Tesseract*, a fonte de energia do motor de Lawson. No laboratório, Carol é capturada pela *Starforce* e é obrigada a conversar com a Inteligência Suprema em seu inconsciente. Durante a conversa, Carol remove o implante que os *Krees* haviam inserido em sua cabeça para suprimir seus poderes, permitindo que ela alcance todo o seu potencial. Na batalha subsequente, Fury recupera Goose, que se revela uma *Flerken* alienígena. Goose engole o *Tesseract*, utilizando tentáculos que saem de sua boca. Todos escapam com vida para a Terra. Yon-Rogg manda uma de suas oficiais seguir a nave com os refugiados e destruí-la. No entanto, Rambeau consegue contra-atacar e destruir a nave *Kree*.

Em seguida, Carol percebe que alguma coisa apareceu na órbita da Terra e que vários mísseis e bombas estão sendo lançados - ela os impede de cair na Terra e, em seguida, destrói diversas naves *Kree*, forçando o oficial do Ronan, o Acusador e seu exército a se retirarem. Na

sequência, Carol derrota Yon-Rogg em uma luta na Terra, dizendo que não tem que provar nada para ele e o manda de volta para Hala em uma pequena nave, mandando uma mensagem para que ele entregue à Inteligência Suprema.

Carol Danvers parte para ajudar os *Skrulls* a encontrarem um novo lar, deixando com Fury um pager modificado para ele contatá-la no caso de alguma emergência. Depois da partida de Carol, Fury desenvolve uma forma de localizar outros heróis iguais a ela. Ele batiza essa ação de “Avenger”, inspirado na fotografia de um dos aviões da Força Aérea, no qual aparece escrito Carol Avenger Danvers.

A personagem principal do filme, Carol Danvers, é uma mulher de estatura média, branca e loira. Não sabemos muito da classe social dela, nem é mencionado nada sobre sua sexualidade. Ainda, no filme é possível identificar 3 momentos distintos da protagonista: Vers, Carol Danvers e Capitã Marvel, cada uma representando o ser mulher de uma maneira diferente. Vers pode ser entendida como uma mulher submissa, seguidora de regras e de normas, confusa, impulsiva, emotiva, humorada, insegura e desconfiada. Ela é influenciada pelo seu mentor Yon-Rogg a mudar seu jeito de ser para se tornar uma guerreira. Ele também a manipula e a faz acreditar que alguns sonhos que ela tinha eram devaneios da sua mente, quando na verdade são *flashbacks* de partes da vida dela. Vers representa uma mulher passiva, dependente e que quer agradar os outros. Esse momento da personagem aparece nas sequências 1 (p. 32), 2 (p. 34) e 5 (p. 46) e parte da sequência 6 (p. 51) do filme. Carol Danvers pode ser vista como uma mulher questionadora, determinada, forte, segura de si e de suas escolhas, amiga, confiante e confiável, resiliente, contra a injustiça, excêntrica, esperta e humana. Ela apoia sua mulher amiga a ser mãe e piloto. Essa versão da personagem está presente em parte da sequência 6 (p. 51) e nas sequências 4 (p. 37), 7 (p. 53), e 8 (p. 44). A Capitã Marvel pode ser entendida como uma supermulher; ela tem superpoderes, é imbatível e destemida. Ela consegue reconhecer e dominar a força de seus superpoderes e utilizá-los a seu favor, entendendo que pode ser uma super-heroína e lutar em defesa dos oprimidos (como os *Skrulls*). Essa representação da personagem está nas sequências 9 (p. 59), 10 (p. 62), 11 (p. 63) e 12 (p. 65). Mesmo mostrando Carol adquirindo seus poderes e dominando a força dele, em nenhum momento do filme ela é chamada de Capitã Marvel, essa informação é constata apenas pelo título do filme. Carol já tinha força e resiliência, com os poderes que a tornam a Capitã Marvel, ela se empodera e ganha ainda mais confiança em si mesma para resolver seus problemas, algo que já fazia sendo somente uma simples humana.

Mesmo a história do filme se passando nos anos 1990, provocou muito impacto nas mulheres de 2019, na configuração do que nós, mulheres, entendemos sobre ser uma mulher

em 2019. Apesar de todas as ressalvas que se tem da personagem, o filme atingiu de diversas maneiras mulheres do mundo inteiro, mesmo que no século XXI. Embora a história seja retratada nos anos 1990, apresenta características que ainda vivenciamos atualmente, características do que é ser mulher no momento no qual estamos, 2019 e 2021. Também mostra a personagem enfrentando situações que as mulheres no geral enfrentam até hoje, e a maneira que ela consegue se libertar disso. Isso pode encorajar outras mulheres a encararem situações difíceis que envolvem o preconceito e a desigualdade de gênero.

Além disso, o que torna Carol mais forte não são seus poderes em si, mas suas memórias, suas vivências, sua rede de apoio, a imagem que ela consegue criar de si mesma com ajuda de sua melhor amiga e de amigos que faz ao longo de sua jornada. Desse modo, o filme ressalta a importância de se ter uma rede de apoio que nos dê forças para nos desvencilharmos dos preconceitos e das pessoas que desacreditam de nós, seres humanos no geral, ou, mais especificamente, de nós, mulheres.

Em função dessas retratações e situações que o filme ilustra, ele influenciará o público de alguma maneira. Os super-heróis sempre foram um eixo cultural focado no público masculino. Nos quadrinhos, os personagens eram/são retratados por pessoas que atribuem características às mulheres de uma maneira que atrai o público masculino e não o feminino. As mulheres talvez não se identifiquem com mulheres retratadas nos quadrinhos de anos atrás, essa também não era a intenção da indústria de HQs. As características de uma personagem serão de acordo com o público que se quer atrair. É isso que torna o filme diferente dos quadrinhos, pois além de serem artefatos culturais distintos, os quadrinhos e o filme da Capitã Marvel foram trabalhados e retratados em contextos históricos diferentes, cada um com a sua linguagem e um determinado discurso. O filme aborda situações que ainda são atuais; faz com que as meninas e as mulheres que o assistam também possam se identificar em algum momento com as personagens. O filme também atinge as mulheres de uma maneira e os homens de outra.

Existem várias conquistas que nós, mulheres, alcançamos e que são importantes; as quais são, de certa forma, abordadas no filme. Mesmo que o ser mulher seja retratado no contexto dos anos 1990 e da indústria Marvel, algumas vezes é possível se identificar, porque há características e situações semelhantes entre as personagens, as mulheres dos anos 1990 e as mulheres de 2019 (ano de estreia do filme) e de 2021. Independente da cultura que seja, ainda há desigualdades de gênero, a mulher ainda é vista como inferior ao homem, e isso está presente no filme. Independente da época, o ser mulher é problematizado e mesmo nós, mulheres de 2019 e de 2021, enfrentamos problemas que a personagem do filme enfrentava nos anos 1990.

A diferença é como conquistamos os espaços nos anos 1990 e como conquistamos os espaços em 2019 e 2021.

Ainda há disputas de gênero em vários espaços. Os filmes e, enfim, todo o universo da Marvel ainda é muito focado nos homens e quando acontece de alguém atribuir características que atraem um outro público, diferente do dominante daquele universo, isso gera conflito (foi algo presenciado com filme Pantera Negra, por exemplo). Esse conflito é o das relações de gênero, da relação de dominantes e dominados e isso interfere nas imagens e nas identificações que nós temos de mulher como um todo, ou de outras minorias. Observamos que para as mulheres haverá uma determinada conotação; para os homens, uma conotação diferente e, para não-binários, outras conotações. Essas conotações e identificações são levadas a serem internalizadas/absorvidas por cada um dos públicos. As pedagogias presentes nos artefatos culturais e a intencionalidade que elas carregam irão gerar a interpretação de cada um. Essa interpretação será feita e regida pelas pedagogias e pelos valores, pela educação de cada um dos públicos que estão assistindo ao filme. Os diferentes pontos de vista podem concordar ou discordar do filme; podem considerar a personagem como forte resiliente, ou ter nojo da personagem. Essas concordâncias e discordâncias também envolve a maneira como o público enxerga a mulher - a construção social de cada uma irá definir a sua forma de enxergar a mulher e as demais personagens representadas no filme. Essas configurações vêm de qual mensagem o filme transporta para cada um, a partir dos valores e da educação que se teve e dos conflitos que isso pode gerar.

3.2 ANÁLISE SOBRE AS CRÍTICAS FEITAS AO FILME

Neste tópico apresento as análises de 4 quatro críticas do filme, duas brasileiras, uma estadunidense e uma argentina. Uma crítica brasileira foi do site Omelete (CANHISARES, 2019), escrita por uma mulher e a única crítica que apresenta comentários de usuários do site. Esses comentários também são analisados com a intenção de observar qual público escreveu e se concordam ou discordam da crítica. A outra crítica brasileira foi do Observatório do Cinema (SCHARLACK, 2019) e feita por um homem. A crítica dos E.U.A. foi escrita por uma mulher e está disponível no site *Rotten Tomatoes* e publicada no site *Shadow and Act* (JONES, 2019). A última crítica é de um argentino e está no site *FilmAffinity Ecuador* (BRAVO, 2019). Faço algumas relações entre as críticas, a fim de comparar e interligar pontos convergentes ou divergentes que são apresentados. Também trago um panorama geral das Top Críticas do *Rotten*

Tomatoes e das críticas profissionais do *FilmAffinity*, com o intuito de observar quantas mulheres e quantos homens criticam o filme e qual o posicionamento geral sobre ele.

3.2.1 Crítica 1

A primeira crítica está no site Omelete e foi iniciada no dia 5 de março de 2019 e atualizada no dia 22 de abril de 2019²⁶. A autora é uma mulher brasileira, Mariana Canhisares – uma mulher branca. O título da crítica é “Capitã Marvel: Redondinho, filme aposta na fórmula Marvel para apresentar a heroína mais forte do universo, sem se permitir grandes ousadias”. Canhisares inicia dizendo que Carol Danvers não sabe tudo, se decepciona e cai muitas vezes, mas sempre se levanta e tenta novamente, até conseguir seu objetivo. Ela diz que a resiliência da personagem, algo que é marcante em todos os heróis da MCU, ganha outro significado nesse filme. É o primeiro filme solo de uma heroína e mostra a história de uma mulher que busca sua identidade e a origem da sua força. Com isso, a *Marvel Studios* abre espaço para a diversidade.

A autora afirma que por mais que o discurso feminista esteja presente no filme, ele ainda é tímido. A diretora e o diretor criticam o machismo, fazendo piadas com ideias ultrapassadas. No entanto, não há uma crítica social profunda, nem uma vanglorização do *girl power*. Não abraça uma causa igual ao filme *Pantera Negra*. É mais um filme padrão Marvel, onde a personagem precisa mostrar que tem potencial para destruir um dos vilões (Thanos – apresentado nos filmes anteriores) e que serve para costurar os pontos das histórias dos filmes que vieram antes. Nesse sentido, a autora diz que a didática utilizada no filme poderia ser entediante, mas que as roteiristas (Anna Boden [também diretora] e Geneva Robertson-Dworet) e o roteirista (Ryan Fleck [também diretor]) conseguiram manejar isso, colocando um enredo que inicia lento, mas que se intensifica conforme o desenrolar da história.

Canhisares declara que a humanidade da personagem Carol é explorada por meio da parceria que estabelece com Nick Fury (Samuel L. Jackson) e do reencontro com sua amiga, Maria Rambeau (Lashana Lynch). Isso faz com que o público se identifique. Ela compara a relação de Carol e Fury com comédia *buddy cop*²⁷. Comenta a sororidade que há entre Carol e Maria, para enfrentar os preconceitos por serem pilotas e para criar Monica Rambeau.

²⁶ A autora iniciou a crítica antes do lançamento do filme, o qual foi dia 7 de março no Brasil, mas atualizou após a saída do filme. Em função da data de atualização ser 22 de abril, esta crítica se encaixa dentro do prazo de escolha que estabeleci – 7 de março a 25 de abril.

²⁷ *Buddy cop* é um gênero/subgênero de filme em que junta duas pessoas de com personalidades muito diferentes para resolver alguma situação, seja deles, da cidade, do estado, dos país ou do planeta Terra. Para saber mais consultar: TUCKER, Reed. Five Fantastic buddy-cops films. 2014. Disponível em: <Five fantastic buddy-cop films (nypost.com)/>. Acesso em: 10 jan. 2021.

Considera que, embora Brie Larson seja boa atriz, quem cativa o público e gera simpatia pela heroína, são os humanos sem poderes especiais, Fury e Maria Rambeau. Complementa, dizendo que a atriz Akira Akbar, quem interpreta Monica Rambeau, é uma inspiração para a nova geração de meninas, as quais terão Capitã Marvel e Mulher Maravilha como referência para “serem o que bem entenderem, e não o que esperam delas.” (CANHISARES, 2019). Ela também elogia as performances do ator que interpretou o *Skrull* Talos (Ben Mendelsohn) e da atriz (Annette Bening) e do ator (Jude Law) que fizeram os *Krees*.

Para Mariana Canhisares, o filme não tem muita ousadia e mostra de maneira rasa os anos 1990 e as sociedades dos *Skrulls* e dos *Krees*. Embora a trilha sonora seja boa, poderiam ter investido mais, assim como fizeram no filme Guardiões da Galáxia. Os efeitos visuais também “deixaram a desejar”, pois há momentos que são bem realistas e imperceptíveis – como o rejuvenescimento do ator Samuel L. Jackson – e outros que a computação gráfica é bem visível – por exemplo, nas partes em que aparece a Inteligência Suprema.

Por fim, Canhisares diz que Capitã Marvel cumpre o propósito de fazer uma história bem redondinha (sem furos – com início, meio e fim bem elaborados) e apresenta uma líder forte e debochada, fugindo da arrogância do Tony Stark (Homem de Ferro²⁸) e quebrando o estereótipo da força feminina. “Carol Danvers tem uma personalidade original” e seu potencial é desenvolvido através das suas conquistas e das suas falhas. A personagem se destaca pela sua empatia e humanidade. A autora avalia o filme como ótimo e lhe confere a nota de 4 ovos, sendo essa a maneira de atribuir nota pelo site.

Essa crítica é equilibrada ao avaliar os pontos positivos e os pontos negativos do filme. Ao mesmo tempo que valoriza as atuações do elenco, o roteiro e a elaboração do filme em geral, questiona inúmeros pormenores importantes, nos quais o filme “deixa a desejar”. Em resumo, Canhisares reconhece que mesmo a Marvel promovendo seu primeiro filme solo com uma heroína mulher e adentrando no mundo da diversidade, ainda tem muito a explorar em vários aspectos. Os assuntos sobre feminismo, *girl power*, empoderamento foram tratados de maneira muito sutil, pois o filme manteve o modelo MCU e não abraçou a causa como fez no filme Pantera Negra. No entanto, a personagem principal foge do padrão ao apresentar uma

²⁸ O Homem de Ferro é visto com referência porque foi com um filme sobre a origem do herói que o Universo Cinematográfico Marvel começou. Nesse sentido, dentro do universo dos filmes, alguns fãs o consideram líder dos Vingadores, e devido ao herói ter morrido no filme Vingadores: Ultimato, alguns fãs acreditam que a Capitã Marvel possa ser a nova líder, por isso ela é comparada com ele nas críticas 1 e 2. Para saber mais consultar GUGLIEMELLI, 2020. Disponível em: <https://observatoriodocinema.uol.com.br/listas/2019/08/linha-do-tempo-do-homem-de-ferro-no-mcu-e-finalmente-explicada-2>. Acesso em: 28 de abril de 2021.

personalidade mais humana e empática, e isso que conquista o público, de acordo com Canhisares.

Essa crítica recebeu 1021 comentários²⁹. Em função desse extenso número não consegui fazer uma contagem mais precisa para saber quantos foram os comentários positivos e negativos, mas elaborei um panorama geral a partir da minha leitura. A maioria dos comentaristas são homens. Há comentários positivos, que elogiam a atriz, gostam da personagem. Afirmando que o filme é divertido e tem um ótimo roteiro, comentários que corroboram com a crítica da Mariana Canhisares. Contudo, a grande parte dos comentários é negativa e desvaloriza o filme e a atriz. Discordam totalmente da autora da crítica, achando um absurdo o filme ser avaliado em 4 ovos (de 5). Alguns dizem que estragaram o melhor personagem da Marvel, representando o Mar-vell como mulher (Dra. Lawson)³⁰. Consideram o filme fraco, a trilha sonora ruim e a personagem mais uma heroína genérica sem muita personalidade. Colocam sempre que o roteiro tem muitas falhas e que se incomodam com o empoderamento da personagem. Outros dizem que, pelas negativas dos comentários, nem irão se dar ao trabalho de assistir. Em um dos comentários é dito que é um filme altamente recomendável para quem sofre de insônia, uma vez que o comentário “quase dormi” ou “dormi” no cinema é uns dos que mais aparece. Também há alguns comentários que comparam outros filmes de super-heróis homens com o da heroína, dizendo que são bem melhores (Exemplo: Homem de Ferro, Capitão América, Thor e Hulk). Ou comparam Capitã Marvel com Mulher Maravilha, dizendo que esta é uma heroína melhor e seu filme tem mais coerência. Existem comentários que xingam o feminismo e alguns que concordam com estes dizendo que teve muita “lacrção” no filme. Alguns comentários nem são sobre o filme e são apenas discussões que surgiram a partir de um comentário.

Os insultos são bem repetitivos e demonstram o incômodo do público masculino com o filme. Isso mostra o quanto a representação de uma mulher pode desacomodar, mesmo que o filme abrace timidamente a causa feminista e ainda requeira algumas questões sobre representatividade. O machismo é visível nos comentários e deixa claro o desmerecimento que as mulheres têm diante dos homens, a desigualdade de gênero e a dificuldade de entender que as mulheres também podem ocupar os mesmos espaços que eles. As mulheres que tentam defender o filme, refutando os comentários, são igualmente atacadas e, por vezes, chamadas de feministas lacradoras. Ainda, na maioria das vezes que o feminismo apareceu nos comentários estava posto como o contrário do machismo.

²⁹ Dados observados no dia 6 de janeiro de 2021.

3.2.2 Crítica 2

A segunda crítica está no site Observatório do Cinema e foi escrita, no dia 7 de março de 2019, pelo brasileiro Rodrigo Scharlack – um homem branco. O título é “Crítica | Mesmo com uma protagonista forte, Capitã Marvel é mais um filme episódico do MCU”. Nessa crítica não há comentários. O autor diz que o filme apareceu em um momento em que o MC estava em “pausa”. Aqui considero importante explicar que essa pausa significa que o filme da Capitã Marvel veio logo após o filme Vingadores: Guerra Infinita, no qual alguns vingadores foram eliminados quando o vilão, Thanos, roubou todas as joias do infinito, colocou em uma luva, a Manopla, e estalou os dedos para excluir metade da população da Terra. Isso gerou uma grande aflição no público e muita expectativa de que a personagem Capitã Marvel pudesse resolver o ocorrido. A maioria esperava encontrar pistas ou respostas para esse grande problema, na esperança de que mostrasse como a heroína poderia salvar a Terra. No entanto, a Capitã Marvel não havia aparecido ainda no MCU e seu filme precisava ser a história que introduzia a personagem, do mesmo modo que foi o filme do Capitão América, no qual há cenas parecidas com Capitã Marvel na questão de filmagem e montagem de cenário. Talvez seja por isso que uma das questões dita pelo autor da crítica seja que Capitã Marvel poderia fazer um paralelo com o filme do Capitã América, visto que ambos são apresentações de personagens e retratam a história destes desde épocas passadas.

Além disso, um pouco dessa falta de expectativa é demonstrada na crítica, quando o autor diz que o filme não traduz se a personagem seria uma peça essencial para o próximo filme (Vingadores: Ultimato – no qual o desfecho do ato de Thanos foi desenrolado) e que, embora ela seja poderosa, não ficou claro se ela derrotaria ou não o Hulk e o Thor (dois vingadores considerados os mais fortes). E, com isso, Scharlack afirma que o longa não empolga e iria desapontar aqueles que fossem assistir esperando explicações do próximo filme. Algo que, de certa forma, aconteceu, como mencionei na primeira crítica a partir dos comentários feitos à ela. Scharlack ainda diz que o filme é “tão desinteressante quanto Homem-Formiga” (outro filme da franquia) e que quando alguém disse que seria uma obra de origem diferente das demais foi uma propaganda enganosa. Para o autor, o enredo não anima e todo o aparato do filme (trilha sonora, fotografia, figurino e efeitos especiais), que poderia se sobressair, passa despercebido junto do roteiro.

Rodrigo Scharlack elogia o trabalho da atriz Brie Larson, afirmando que essa protagonista foi uma assertiva do MCU. Ele menciona que a força, a sagacidade e a ironia da personagem podem lembrar para fãs um pouco do Tony Stark (Homem de Ferro) ou do Stephen

Strange (Doutor Estranho). Mesmo comparando Carol Danvers com esses personagens, para ele, ela não tem um ego que se sobressai além da empatia. O público e a mídia preveem um papel de liderança no futuro, pelo fato de ela ser uma protagonista interessante e alguém a se aspirar. A partir dessas questões citadas (nesse parágrafo) pelo autor, quando ele compara Carol com dois vingadores que têm posicionamentos de líderes, é possível notar a diferença de perspectiva para enxergar a personalidade de Tony Stark. Na primeira crítica, escrita por uma mulher, foi dito que Carol apresenta uma líder forte e debochada, fugindo da arrogância do Tony Stark e quebrando o estereótipo da força feminina. Embora Mariana e Rodrigo concordem que a personagem tem um alto nível de empatia, há uma divergência de olhares quando ambos a comparam com o personagem Tony Stark. Isso é um ponto interessante para demonstrar como gêneros diferentes podem perceber um super-herói homem que assume a posição de líder e tem características padrão: branco, hetero, cis e rico. Para a autora, Stark é arrogante; para o autor, o personagem é forte, irônico e sagaz. Isso salienta as diferenças entre mulheres e homens e retoma a questão da representatividade. Talvez Rodrigo Scharlack consiga se identificar melhor com Tony Stark e Mariana Canhisares, com Carol Danvers. O primeiro elogia a performance da atriz, mas compara a força da personagem com outros dois heróis, que, para ele, são os mais fortes, Hulk e Thor. Já a segunda, elogia a atriz e a personagem, considerando original a sua personalidade.

Continuando a linha de pensamento do autor da crítica, este diz que outro acerto do estúdio foi investir na relação de Carol Danvers e Nick Fury. A amizade estabelecida entre eles traz momentos que são típicos de filmes de parceiros policiais e conduz muito bem a trama. Scharlack menciona o desenvolvimento do personagem Nick Fury, dizendo que o filme explicou algumas de suas particularidades e motivações. No entanto, na sua opinião, Samuel L. Jackson poderia ter atuado melhor o crescimento gradual do personagem.

O autor encerra a crítica concluindo que Capitã Marvel é um bom entretenimento, mas que não vai perdurar muito na memória dos fãs. O filme é morno e deve comemorar a conquista da indústria do MCU em trazer sua primeira protagonista feminina. É uma película divertida, na qual acertaram em não apostar na nostalgia dos anos 1990 para chamar atenção.

3.2.3 Crítica 3

A terceira crítica está entre as top críticas do site *Rotten Tomatoes* e foi escrita, no dia 13 de março de 2019, pela Monique Jones – uma mulher negra. O idioma original da crítica é o inglês e seu título original é 'Captain Marvel' Empowers And Inspires As The MCU Expands

Into Girl Power [Spoilers] – em português: ‘Capitã Marvel’ empodera e inspira à medida que o UCM se expande em Poder Feminino [Spoilers]³¹. Nessa crítica não há comentários. A autora classifica o filme como *Fresh* e começa dizendo que o filme, com razão, arrecadou meio milhão de dólares. Ele muda com confiança e força a dinâmica masculina do Universo Cinematográfico da Marvel (UCM) e mostra como as mulheres podem ser os seres mais poderosos do planeta.

Jones apresenta um breve resumo do filme e fala sobre os personagens negros (POC – *People of Color* – como a autora nomeia na crítica). Ela afirma que a atriz Lashana Lynch está muito talentosa no papel de Maria Rambeau, agradecendo a Marvel por tê-la escolhido para essa atuação. De acordo com a autora, Maria Rambeau é a apoiadora de Carol, sem se transformar em uma simples ajudante da super-heroína, algo típico que a Marvel costuma fazer com as POC. Penso que Jones quer dizer que Maria e Carol são o suporte uma da outra, sem deixar que uma delas receba destaque como acontece, por exemplo, com a maioria das duplas de super-heróis quando um deles é ajudante. Para ela, Maria não está abaixo de Carol, pois ambas são iguais. Ainda, acrescenta que o poder materno de Maria também fornece suporte a Akira Akbar, atriz que interpreta Monica Rambeau, personagem que, nos quadrinhos, cresceu e assumiu o manto da Capitã Marvel, antes de adotar o nome de Fóton. Ela diz que Monica Rambeau pode ser a primeira super-heroína afro-americana do UCM a ter destaque depois do filme Vingadores: Ultimato, e que mal pode esperar para ver como a personagem evoluirá nos próximos filmes.

Monique Jones assinala que um personagem que poderia se encaixar no papel de mero ajudante, pode ser o Nick Fury, interpretado pelo ator Samuel L. Jackson. Mas refuta essa ideia, dizendo que isso também é uma leitura negativa do caráter do personagem. Com uma interpretação mais caridosa, é possível notar mais camadas no caráter de Fury, percebendo que um dia ele foi um ‘cara’ mais ingênuo, amigável e feliz (uma comparação feita com o personagem de Fury dos filmes atuais). Jackson consegue ter um grande alcance em sua atuação.

Apesar de gostar da atuação dos atores e os considerar importantes e ótimos em seus personagens, Monique faz duas ressalvas sobre o filme. Mesmo Lynch e Jackson promovendo um exemplo positivo de pessoas de cor, ambos ainda estão no papel de personagens secundários. A Marvel tem um padrão de colocar as pessoas negras com papéis secundários e deixar o papel principal e superpoderoso para alguém branco. – ‘Essa característica é uma das razões pelas quais Pantera Negra foi tão revolucionário - ele finalmente inverteu o olhar do

³¹ Tradução livre de minha autoria.

espectador e mostrou como seria se o personagem branco fosse o único atrás dos personagens negros³². Ela também observa que várias pessoas de cor são colocadas no papel dos guerreiros *Krees*, os vilões do filme. Muitos desses atores utilizaram maquiagem azul para interpretar os *Krees*. Jones coloca que é importante notar que os filmes populares de ficção científica normalmente colocam pessoas de cor no papel de alienígenas ou de alteridade do mal. A segunda questão é sobre a possibilidade de a situação dos *Skrulls* trazer uma reflexão sobre os imigrantes e os refugiados, visto que no contexto do político dos EUA, o presidente (no ano de 2019 era Donald Trump) trata essas pessoas como invasores. Então, o filme pode servir para repensar sobre essa situação.

A autora termina observando que, no geral, “Capitã Marvel é um filme que as pessoas devem ter orgulho de deixar seus filhos assistirem. Isso os inspirará a entender que não deve haver limites sobre o que as mulheres podem alcançar, e acrescenta que, por sua experiência, isso pode encorajar os adultos também”³³.

Esta crítica proporciona duas reflexões muito importantes que envolvem representatividade, as quais não são mencionadas nas duas críticas anteriores. O fato de as pessoas negras sempre serem colocadas em papéis secundários ou de vilões, e a situação dos imigrantes e dos refugiados. Mesmo que o filme procure dar maior visibilidade e empoderamento às mulheres, coloca outras minorias atrás das cenas, as quais sempre estão na sombra das pessoas brancas na maioria dos filmes. Traz a possibilidade de refletir sobre o tema dos refugiados, uma questão política pertinente em vários países. Monique Jones faz considerações relevantes, mostrando que o UCM tenta se desconstruir em algumas temáticas, porém ainda carrega o emblema padrão do cinema. Nos filmes, pessoas negras continuam como secundárias e os imigrantes e refugiados ainda dependem dos outros para conseguirem um lugar. Essas duas questões presentes na crítica de Monique Jones trazem as diferenças entre pessoas brancas e pessoas negras, a importância da representatividade para que todos possam se sentir incluídos e representados nos espaços sociais e culturais, também como as diferenças étnico-culturais interferem na perspectiva de um filme. São reflexões que não apareceram na primeira e na segunda crítica, pensando que foram escritas por pessoas brancas, de uma cultura e uma nacionalidade diferente. O Brasil é um país racista, mas será que nos Estados Unidos

³² Tradução livre de minha autoria – do original “*This characterization is one reason why Black Panther was so revolutionary--it finally reversed the viewer's gaze and showed what it would be like if the white character is the one trailing behind the Black characters*”.

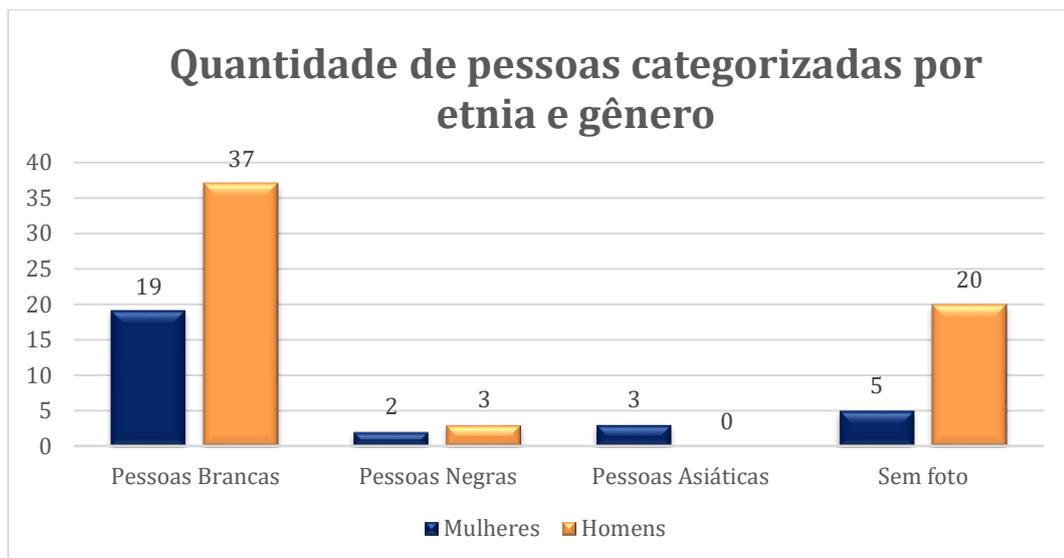
³³ Tradução livre – do original “*But overall, Captain Marvel is a film you should be proud to let your children watch. It will inspire them to understand there should be no limits on what women can achieve, and, speaking from personal experience, it just might encourage adults, as well*”.

esse preconceito é ainda maior? Uma pessoa negra brasileira poderia ter a mesma percepção que Monique, quanto aos personagens negros? E quanto aos refugiados? Será que algum brasileiro pensou nessa questão, a qual estava sendo discutida nos E.U.A. quando o filme saiu? Faço essas perguntas com o intuito de instigar outras possibilidades de pesquisa que podem surgir deste trabalho.

Além dessa crítica do *Rotten Tomatoes*, observei as cinco páginas de Top Críticas do *site*³⁴ e percebi que o número de mulheres e de homens são quase equivalentes, porém a maioria das pessoas que escreveram as críticas são brancas. A partir disso, elaborei três gráficos para ilustrar o panorama geral das top críticas das cinco páginas das críticas.

O primeiro gráfico³⁵ mostra, entre os críticos, a quantidade de mulheres e de homens e a suposta etnia das pessoas identificadas com foto. Os dados demonstram que a maioria são homens, sendo um total de 63. Dentre estes, 37 são brancos, 20 não colocaram foto e apenas 3 são negros (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Quantidade de pessoas categorizadas por etnia e gênero



Fonte: Da autora (2021).

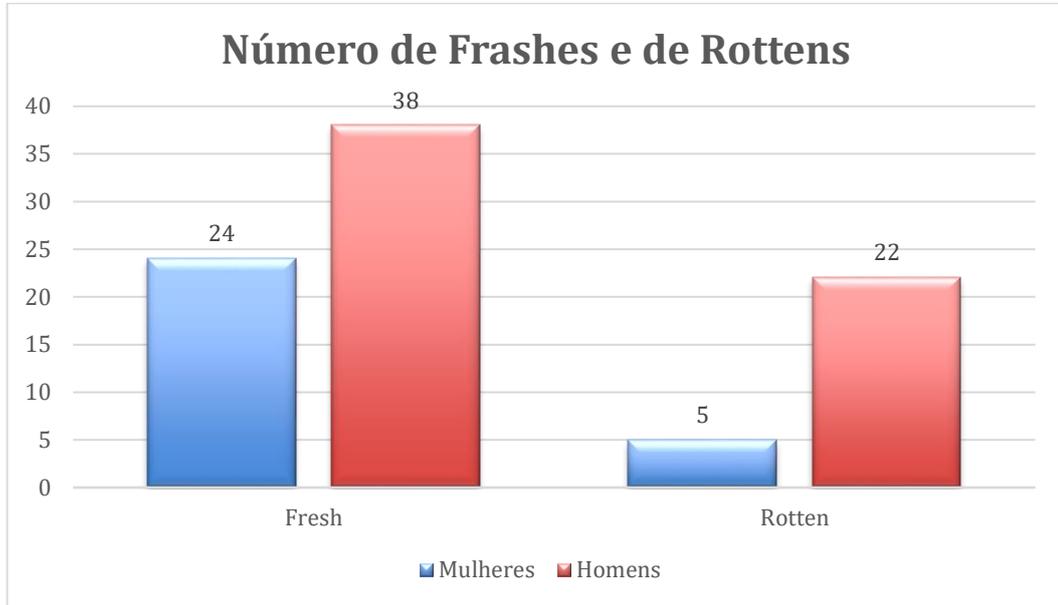
O segundo gráfico mostra a quantidade geral de mulheres e de homens entre as top críticas, que avaliaram o filme com *Fresh* ou com *Rotten*. Essa é uma classificação utilizada pelo site *Rotten Tomatoes*, o qual divide suas críticas em um “Tomatometro” por meio da porcentagem de críticos oficiais do site e o quanto eles consideraram o filme bom ou ruim. Caso o filme seja classificado como ruim, recebe um tomate “*Rotten*”, cujo significado é podre

³⁴ Disponível em: <[Captain Marvel - Movie Reviews \(rottentomatoes.com\)](https://www.rottentomatoes.com/m/captain-marvel)>. Dados coletados no dia 18 de dezembro de 2020.

³⁵ Este gráfico demonstra apenas uma suposição de identificação, conforme os nomes e as imagens das fotos das pessoas, visto que é importante considerar que elas podem não se identificar com o gênero, nem a com a etnia retratada neste trabalho.

/péssimo, em tradução livre. Se o filme é aclamado pela crítica oficial, recebe um tomate “*Fresh*”, o qual tem o significado de fresco, ou seja, bom (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Número de *Frashes* e de *Rottens*



Fonte: Da autora (2021).

No gráfico 2, o número de mulheres que deram *Fresh* é quase equivalente ao número de homens que deram *Rotten*. Pensando no percentual total de mulheres, a quantidade de *Rottens* atribuída por elas é pequena, em comparação com o percentual de homens, os quais são maioria e têm a diferença entre *Fresh* e *Rotten* apenas de 16. Há 29 mulheres e 17% delas consideram o filme *Rotten*. Dos 60 homens, 36% julgam o filme como *Rotten*.

Ainda, reúno os dados dos dois gráficos e construo duas tabelas, a fim de especificar melhor os dados.

Tabela 1 - Mulheres no site *Rotten Tomatoes*

Mulheres →	Branças	Negras	Asiáticas	Sem foto
Classificação ↓				
<i>Fresh</i>	15	2	3	4
<i>Rotten</i>	4	0	0	1

Fonte: Da autora (2021).

Tabela 2 - Homens no site *Rotten* Tomatoes

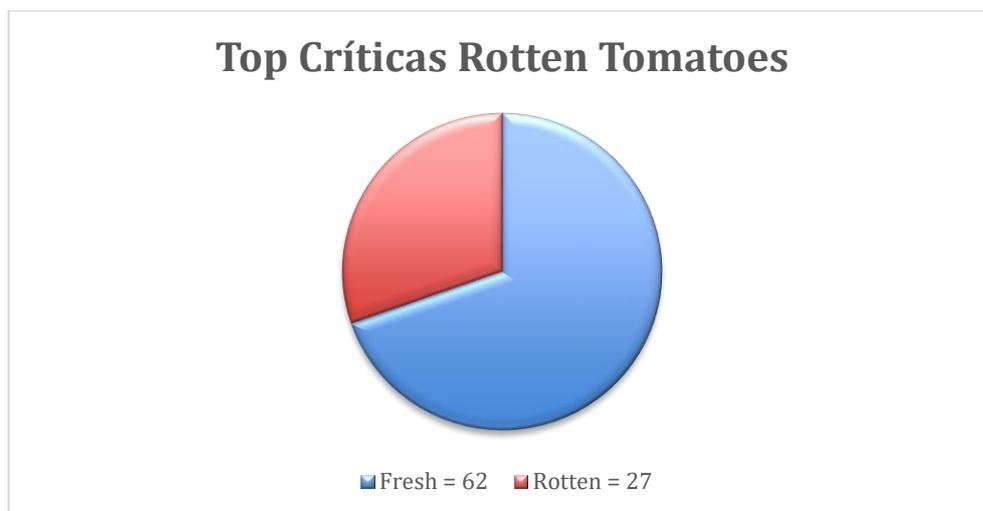
Homens →	Branco	Negro	Sem foto
Classificação ↓			
<i>Fresh</i>	21	2	15
<i>Rotten</i>	16	1	5

Fonte: Da autora (2021).

Os dados apresentados nas tabelas mostram que a maioria dos *Rottens* parte dos homens, principalmente dos brancos. Entre o número total de mulheres, há somente 5 *Rottens*. A maioria das pessoas que escrevem uma crítica do filme são brancas.

Por fim, elaborei um gráfico para mostrar a quantidade total de *Freshes* e de *Rottens*, somando 89 Top Críticas.

Gráfico 3 – Top críticas *Rotten* Tomatoes



Fonte: Da autora (2021).

A partir desses gráficos, concluo que a maioria dos críticos continuam sendo homens brancos e eles são maioria em considerar o filme ruim (*Rotten*). A quantidade de críticas de pessoas de outras etnias ainda é muito pequena. Comparando o número total de *Freshes* e de *Rottens*, entre as 89 críticas apresentadas nas cinco páginas, o filme teve uma avaliação positiva no geral e agradou ao público.

3.2.4 Crítica 4

A quarta crítica está no site *FilmAffinity Ecuador* e foi escrita, no dia 9 de março de 2019, pelo argentino Mauricio Bravo. O título original da crítica é “La Capitana Les Cerró La Boca A Los Haters”, em tradução livre: A Capitã calou a boca dos *haters*. Nesta crítica não há comentários. O autor diz que a história segue Carol Danvers enquanto ela se torna um dos heróis mais poderosos do universo, num contexto em que a Terra está no meio de uma guerra entre duas raças alienígenas (*Skrulls vs. Krees*). Depois, Bravo explica brevemente a origem da personagem, fazendo um resumo semelhante ao que fiz antes de contar a história do filme. O autor diz que não esperava a versão cinematográfica, que nunca leu os quadrinhos e que de todos os super-heróis está mais empolgado com Shazan (filme da DC Comics que, na época, seria lançado em abril).

Bravo afirma que, infelizmente, Capitã Marvel estava no meio de uma má imprensa que queria boicotar o filme e criaram contas falsas para modificar as pontuações positivas dos sites IMDB e *Rotten Tomatoes*. Essas tentativas não deram certo e, felizmente, o filme está vendendo muito nas bilheteiras. Ele conta que assistiu o filme um dia depois da estreia, no dia 8 de março de 2019, e que nunca tem expectativas com a Marvel, mas que acabou se divertindo. Segundo Bravo, o filme começa de maneira lenta e depois vai alavancando muita ação, até se finalizar. Elogia o trabalho da diretora (Anna Boden) e do diretor (Ryan Fleck) com as câmeras, o cenário dos anos 1990 e os efeitos especiais. Também avalia como positivo o trabalho da roteirista (Geneva Robertson-Dworet) e do roteirista (Jac Schaeffer), dizendo que a história é bem elaborada e desenvolvida. Porém, critica a sua previsibilidade.

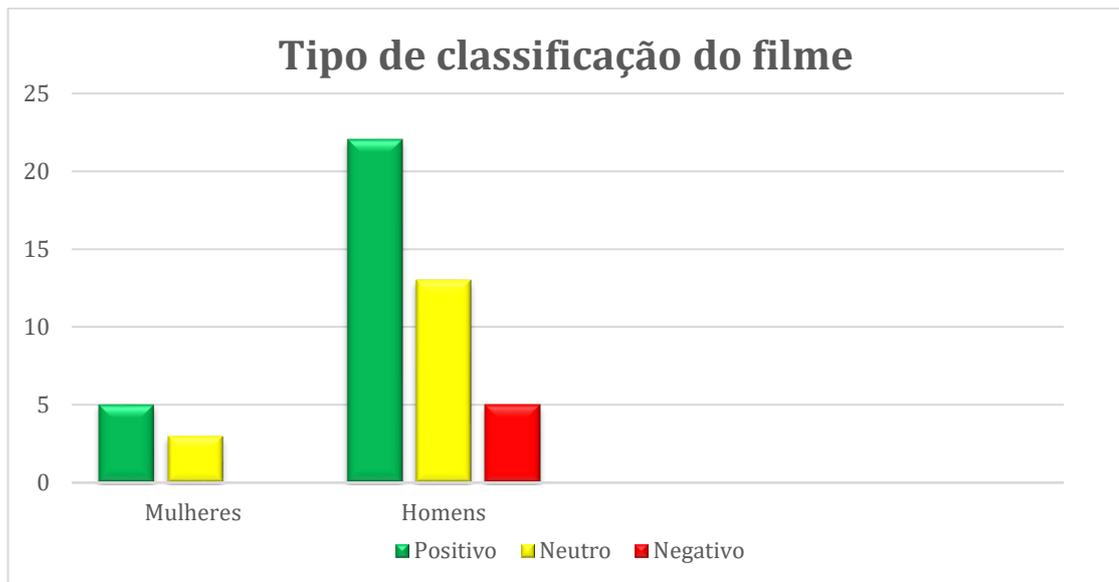
Bravo valoriza o trabalho da atriz Brie Larson, afirmando ela colocou muita energia na personagem e a interpretou muito bem. Contudo, considera que o que mais encanta é a química entre ela e Nick Fury (interpretado por Samuel L. Jackson). Ambos são muito engraçados. Conta que o gato (Goose) também teve seus momentos de fama em frente às câmeras. Afirma que gostaria que a atriz Annette Bening tivesse mais participações, a qual interpreta a Dra. Lawson.

Por fim, o autor recomenda o filme dizendo que é ótimo e espera que venham outros com essas personagens. Nas palavras dele, os odiadores perderam, pois a Capitã lhes calou a boca. E quem ri por último ri melhor. Ele finaliza a crítica avisando o público sobre as duas cenas pós créditos apresentadas. Informando que a primeira é essencial para os próximos filmes e a segunda é irrelevante. Mauricio Bravo avalia o filme com nota 7 de 10 e o classifica como positivo - verde.

Nesse site, o filme ganha 6 estrelas de 10 e uma nota geral de 5,9. Além dessa crítica do *FilmAffinity*, observei as críticas profissionais³⁶, a fim de perceber o número de mulheres e de homens entre as pessoas que criticam o filme e analisar quantas são críticas positivas e negativas. Observo também as nacionalidades de cada pessoa para ter um parâmetro de onde o filme foi mais bem recebido pelo público.

Para avaliar os filmes em positivos ou negativos, o site tem uma classificação por cores: verde para positivo; amarelo para neutro e vermelho para negativo. O total de críticas profissionais são 48, sendo apenas 8 escritas por mulheres. Dessas 48 críticas, 27 classificam como positivo, 16 são neutras e 5 são negativas. A partir do número total, desenvolvi um gráfico que especifica como foi classificado o filme pelas mulheres e pelos homens (Gráfico 4).

Gráfico 4 – Tipo de classificação do filme



Fonte: Da autora (2021).

O gráfico 4 mostra que das 8 mulheres, 5 classificaram o filme como positivo e 3 como neutro. Nenhuma delas classificou a película como negativa. O número de homens que classificaram como positivo foi 22; 13 classificaram como neutro e 5 como negativo.

Mesmo sendo um site em espanhol, a maioria das críticas disponíveis são dos Estados Unidos. O site faz a conversão da linguagem, mas quando se clica para ler as críticas, elas aparecem na linguagem original em inglês. Das 48 críticas, 19 são dos E.U.A., sendo 4 de mulheres e 15 de homens. Elaborei duas tabelas para ilustrar as demais nacionalidades

³⁶ Disponível em: Críticas profesionales de Capitana Marvel - FilmAffinity. Dados coletados no dia 9 de janeiro de 2021.

especificadas por mulher e homens e por classificação do filme como positivo, neutro ou negativo (Tabelas 3 e 4).

Tabela 3 - Mulheres no site *FilmAffinity*

Classificação →	Positivo	Neutro	Negativo
Nacionalidades ↓			
Argentina	1	0	0
Espanhola	1	1	0
Estadunidense	2	2	0
Canadense	1	0	0

Fonte: Da autora (2021).

Tabela 4 - Homens no site *FilmAffinity*

Classificação →	Positivo	Neutro	Negativo
Nacionalidades ↓			
Argentina	5	0	0
Mexicana	3	3	1
Chilena	1	0	0
Peruana	0	0	1
Equatoriana	1	0	0
Espanhola	4	3	0
Estadunidense	6	6	3
Britânica	2	1	0

Fonte: Da autora (2021).

De acordo com as tabelas 3 e 4, o filme teve mais avaliações positivas primeiro dos Estados Unidos, no total de 8; segundo da Argentina, sendo 6; e terceiro da Espanha, somando 5. Apenas uma mulher do Canadá crítica o filme. Somente um homem do Peru, bem como um do Chile e um do Equador fazem as críticas. Não há nenhuma mulher do Reino Unido entre as críticas, enquanto há 3 homens. Do mesmo modo que não há mulheres mexicanas que criticaram o filme, no entanto existem 7 homens. Nos demais países existem representantes de ambos os gêneros nesse site.

Dentro dessa análise das críticas profissionais do site *FilmAffinity*, o filme recebeu uma nota positiva de maneira geral. No entanto, da mesma forma que na análise das top críticas do

site *Rotten Tomatoes*, as críticas negativas sempre aparecem mais da parte dos homens e eles sempre são maioria entre os críticos.

Comparando o panorama das críticas profissionais do site *FilmAffinity* com o panorama das top críticas do site *Rotten Tomatoes*, percebo que ainda falta diversidade entre as pessoas que criticam o filme. A maioria são homens e brancos, os quais sempre dominaram vários espaços sociais e culturais. Então, o pedido da atriz Brie Larson³⁷ não foi realizado. O público para qual o filme talvez não seja tanto o foco é o que mais tem “opinião” sobre ele e o que mais se manifesta. Também são os que mais avaliam Capitã Marvel como negativo ou com insultos, como foi possível observar nos comentários da primeira crítica. Capitã Marvel causou um incômodo tão grande que até tentaram boicotar sua nota em dois dos mais conhecidos sites de crítica - algo citado por Mauricio Bravo (2019) na última crítica comentada. Esse filme causou/causa desconforto por ser o primeiro que traz uma mulher como protagonista, uma personagem retratada como forte, resiliente e empoderada, que desafia a sociedade mostrando que as mulheres podem ocupar o espaço que quiserem. Também é interpretada por uma atriz que se afirma feminista, sendo a favor da diversidade e contra a opressão.

Capitã Marvel ainda tem alguns pontos que “deixam a desejar”, pois mesmo incomodando o público que se considera dominante, mostra a diversidade de maneira tímida e não abraça uma causa ativista como em *Pantera Negra* (algo dito por Mariana Canhisares na crítica 1), um filme que também causou desconforto e foi insultado em alguns dos comentários da crítica 1. Ainda seguimos com uma protagonista padrão, branca e loira. As pessoas negras ainda estão como personagens secundárias. Consegui enxergar o enfrentamento das mulheres e a desigualdade de gênero e utilizei as cenas em que encontro isso como exemplo da minha abordagem teórica. No entanto, considero meio introvertido o jeito do estúdio retratar esses pontos. Espero que em *Capitã Marvel 2* a causa das mulheres e da diversidade seja mais bem retratada e o empoderamento esteja mais explícito na representação da personagem.

De maneira geral, o ser mulher retratado no filme *Capitã Marvel* e as imagens que ela proporciona para as diferentes culturas, a partir das críticas do Brasil, da Argentina e dos EUA, são diferentes nesses três contextos. Cada país tem uma imagem do ser mulher, e isso pode ir ao encontro ou de encontro às referências e a identidade de mulher que o filme tenta trazer. Porém, sabemos que na maioria das culturas existe a misoginia e a mulher é sempre vista como inferior.

³⁷ Mencionado na introdução na página 13.

Tem o fato dos governantes, da política em que cada país se encontra, às vezes pender para um lado mais conservador e enxergar a mulher de uma outra maneira. Tudo isso influencia na forma com que essa imagem de mulher construída no filme foi recepcionada em cada lugar. Mas eu, como mulher brasileira, consigo me posicionar melhor dentro do aspecto cultural do Brasil e dentro das pedagogias desse país; os outros baseio-me pelas críticas que foram feitas do filme no cinema.

É muito diferente a construção e as características que as mulheres têm no Brasil do que em outros lugares, isso também é importante levar em consideração. Mas não se pode esquecer que independente da cultura em que nós estivermos, a mulher segue sendo subalterna, é considerada passiva e menos que o homem. Em praticamente todas as culturas a mulher é considerada politicamente menos. Mesmo existindo características culturais diferentes em cada país, a maioria é regido por um mesmo sistema: o patriarcal – isso pode fazer com que a mulher brasileira, a argentina e a estadunidense passem por discriminações de gênero semelhantes. As relações de gênero e de poder em todas as culturas têm alguma disputa, algum quesito, alguma diferença que faz a mulher e o homem serem afetados. O machismo está presente em quase todas as culturas e ele também afeta os homens de maneira negativa (SAFFIOTI, 1987). Aqui estamos analisando três vertentes culturais - Brasil, Argentina e E.U.A. -, mas no mundo, de um modo geral, sabemos que há essa discrepância de tratamento entre a mulher e o homem. Claro que entre esses três países poderá haver leis que deem mais suporte para a mulher, mais do que em outros países. Uma questão muito debatida no Brasil, por exemplo, é a legalização do aborto, o qual foi legalizado na Argentina, no dia 11 de dezembro de 2020³⁸.

Essas diferenças diminuidoras/desvalorizadoras de tratamento são observadas em filmes, revistas, propagandas, notícias, nas mídias... Enfim, vários artefatos culturais produzidos demonstram que a mulher tem o papel inferior em muitas culturas; e se existe alguma cultura em que as relações de gênero são mais igualitárias, essas podem ser mínimas.

³⁸ Para saber mais consultar BBCNews Brasil, 2020. Disponível em: Argentina aprova legalização do aborto: em que países da América Latina o procedimento já é legal - BBC News Brasil. Acesso em: 10 jan. 2021.

CONCLUSÃO

Esta dissertação buscou analisar, pelo viés dos Estudos Culturais e da Hermenêutica Feminista, como o cinema pode influenciar nas representações e nos estereótipos de gênero, auxiliando ou não no processo de empoderamento das mulheres. O cinema é um artefato cultural que pode ser entendido como uma instância educativa, devido a seus filmes desenvolverem uma pedagogia e ensinarem modos de ser e de agir na sociedade, bem como diferentes idiomas e culturas. As narrativas fílmicas ressignificam e visibilizam representações e significados das práticas sociais. Essas representações construídas pelo cinema e demais artefatos culturais influenciam e são influenciadas pela sociedade. Se os valores sociais são machistas-patriarcais-capitalistas isso será refletido nos filmes e nas demais mídias. Repetir esses valores constantemente na mídia é uma maneira de “educar” a sociedade dentro de uma tradição hegemônica e hierárquica, na qual existe apenas uma identidade como sendo a legítima e a melhor. Essa identidade é masculina-branca-hetero-cisgênero, e considera inferior tudo que está fora desse padrão.

A partir disso, discuti o empoderamento pelo viés do feminismo, a fim de questionar as representações expostas na mídia, em prol de mais representatividade e diversidade. O empoderamento é uma forma de luta e resistência às relações de poder abusivas. Assim, é relevante questionar as relações de gênero que são medidas a partir das relações de poder, bem como entender que gênero é uma construção social e não algo definido apenas biologicamente. Com isso, respondi à pergunta “Como a representação da mulher repercute no filme Capitã Marvel implicando na representatividade das mulheres, podendo contribuir ou não para o processo de empoderamento?”. A maneira como a personagem é representada é forte, empoderada e resiliente, mas, para alguns críticos e o público que comentou sobre o filme, a personagem e o filme são mornos, não tem nada de mais, e a atriz é muito sem graça. A representação que o filme constrói da mulher empoderada ainda é meio tímida, no entanto causa desconforto para alguns fãs e críticos. Nas cenas que selecionei citei algumas situações que podem ser interpretadas como atos que demonstrem empoderamento da personagem. Capitã Marvel pode ilustrar situações semelhantes às que as mulheres passam sobre desigualdade de gênero, mas ainda assim não é capaz de representar todas as mulheres. Mesmo a melhor amiga dela sendo uma mulher negra (Maria Rambeau), ainda falta representatividade no filme. A relação das duas personagens pode representar a sororidade entre as mulheres e a relação de Monica com Maria pode desconstruir um pouco o estereótipo da mãe solteira. Contudo, o filme demonstra essas questões de uma maneira muito implícita. Não é um filme que quebre todos os

parâmetros, mas é o início para influenciar em algumas questões de gênero. É o primeiro filme com uma super-heroína solo da Marvel. Isso pode ser talvez um marco na história da indústria.

Quanto a segunda pergunta: Como as representações do filme podem influenciar nas relações de gênero e na desconstrução da “mulher”? Acredito que o filme é uma ótima ferramenta para discutir as relações de gênero e desconstruir alguns dos estereótipos e características que estão colocadas ao conceito mulher. Ele pode influenciar as mulheres a conquistarem espaços que ainda são predominante masculinos, influenciar a sociedade a entender que o lugar da mulher é onde ela quiser e que todas têm muita capacidade e força. Também ajuda a enxergar a importância da união que nós, mulheres, precisamos ter para enfrentar os obstáculos da vida e da sociedade. Ainda descobri a ideia de que a mulher deve ser submissa e servil. Isso nos leva à terceira e última pergunta: Quais as implicações do filme CM no empoderamento das meninas e das mulheres? A representação, mesmo que ainda um pouco tímida, das personagens do filme, pode empoderar e encorajar meninas e mulheres a acreditarem mais em si mesmas, a se enxergarem de um modo diferente daquele como a sociedade as classifica e a reconhecerem suas potencialidades e qualidades.

Acredito que durante o desenvolvimento do trabalho consegui cumprir os objetivos específicos elaborados. Compreendi, por meio dos Estudos Culturais e da Hermenêuticas Feminista, como as representações do filme Capitã Marvel podem influenciar nas relações de gênero, no empoderamento e na desconstrução da “mulher”; discuti a representação e o empoderamento da personagem e das mulheres a partir da análise de 12 cenas do filme; e identifiquei as reações demonstradas em 4 críticas (duas do Brasil, uma dos EUA e uma da Argentina), publicadas em sites, observando quais reafirmações sobre as relações de gênero e sobre a mulher podem ser feitas a partir delas.

Esta pesquisa possibilitou que eu me aproximasse ainda mais do mundo dos quadrinhos e percebi que os filmes são excelentes instrumentos para abordar as questões de gênero. Existe uma ação educativa por trás das mídias, então em suas pedagogias sempre terá o reflexo dos comportamentos, dos valores, da ética e da moral presentes na sociedade. Ainda, me aproximei mais da história de uma personagem que conheci apenas por um filme, percebendo que ele e sua atriz principal foram criticados de maneira negativa antes mesmo do filme ser lançado e/ou de ter sido assistido por muitas pessoas (observei isso durante a escolha das críticas). Com isso, essa pesquisa confirmou que com o avanço da Internet e das redes sociais, as notícias correm tão rápido que as pessoas são atacadas antes mesmo de acontecer o evento do qual elas irão participar. Caso “vase” alguma informação sobre o evento, antes de ele acontecer, as pessoas

acompanham essas informações e criam significados e opiniões dessas situações, sem esperar que realmente aconteçam, para tirarem suas conclusões.

Estudando Pedagogia e fazendo Mestrado ao mesmo tempo, fiz muitas ligações entre os textos e as leituras que me eram colocadas nas disciplinas dos dois cursos. Isso me proporcionou aprender um pouco sobre a História da Educação e me ajudou a montar um estudo consistente, porque foram leituras complementares que me fizeram pensar em como aplicar o meu tema em sala de aula, pensando nas questões sociais e nas relações de gênero. Desse modo, acredito que tenho conseguido costurar bem essas dimensões de experiências proporcionadas ao longo do Curso de Pedagogia e do Mestrado.

Escrever este trabalho foi uma realização bem importante, tanto pessoal quanto acadêmica, porque me proporcionou perceber que nós, mulheres, ainda ocupamos lugares muito subjetivos e somos consideradas inferiores. Embora tenham acontecido muitas mudanças e as mulheres tenham conseguido avançar bastante na conquista de direitos e de espaço, ainda existem lugares que nós, mulheres, continuamos ocupando do mesmo jeito que muito tempo atrás. Esses lugares não foram estudados nem questionados o suficiente para que sejam desmascaradas as questões veladas presentes neles.

Uma experiência que fez com que eu me identificasse ainda mais com a temática deste projeto, foi a oportunidade que tive de palestrar no evento Poa Geek Week sobre as mulheres no universo *geek*. O evento aconteceu, nos dias 13, 14 e 15 de março de 2020, no Centro de Eventos da PUCRS e tratou sobre tecnologias, colecionáveis, *games*, quadrinhos, tudo que envolve o mundo *nerd* e *geek*. O convite para palestrar veio do Rodrigo Selback, o qual palestrou sobre a História da Capitã Marvel no Poa Geek Week de 2019. Enquanto preparava a palestra, comecei a analisar o quanto sou engajada com esse tema desde muito tempo, além de refletir quando comecei a notar que eu não tinha participações efetivas em brinquedos que eram considerados de menino. O universo da tecnologia, dos jogos de tabuleiro, dos vídeo games, dos colecionáveis, das miniaturas, sempre fez parte da minha vida desde criança. Porém, com essa reflexão, notei que me senti integrante desse meio apenas quando fiz 19 anos. Antes disso, lembro de estar inserida no meio de meninos e de homens, às vezes me sentindo retraída e vulnerável, tudo em função de não haver ou não conhecer meninas e/ou mulheres interessadas pelas mesmas temáticas que eu era/sou.

Demorou muito para nós, mulheres, sermos reconhecidas em espaços nos quais existiam atividades consideradas somente masculinas. Ainda existe um preconceito muito grande e um estigma em cima disso, fazendo com que algumas mulheres e meninas ainda não consigam exercer algumas atividades ou tenham vergonha de fazê-las. Algumas pessoas continuam

direcionando jogos de tabuleiro e vídeo game, entre outros artefatos, somente ao público masculino. Portanto, a palestra me fez perceber ainda mais a importância deste trabalho para empoderar meninas e mulheres que ainda não têm a coragem de fazerem atividades que não são ditas de mulheres, bem como para mostrar que as mulheres podem ocupar qualquer espaço social, e em todos esses espaços devem ter representatividade. Assim, reconhecer o meu lugar e analisar alguns lugares que não pude/ não posso participar, porque eu sou mulher, me fez acreditar ainda mais que as mulheres e outras minorias devem ser representadas, oportunizadas e legitimadas dentro da sociedade, bem como a identidade de cada pessoa. A identidade não é algo fixo nem terminado, mas um processo de construção. Nós precisamos estar abertos a diálogos, como o da hermenêutica, a fim de reconhecer que precisamos de coragem para assumir algumas identidades que são taxadas como negativas por estarem fora do padrão.

Seguindo isso, concluo que este trabalho pode mostrar a potência que nós, mulheres e demais minorias, temos de ser como somos, independente dos estereótipos, dos papéis e das normas sociais. Para isso, é pertinente haver um diálogo em que se reconheça que todos são importantes do jeito que são. E aqueles que consideram indigna a maneira de ser do outro, e desrespeitam e deslegitimam essas identidades, é porque não têm coragem suficiente para dialogar e desconstruir conceitos; por terem medo de se desprenderem de uma classificação hierarquizada hegemônica e, às vezes, até por terem medo de assumir opiniões ensinadas como negativas, feias e inválidas. Portanto, temos que quebrar as verdades únicas e reconhecer que cada um constrói a sua verdade e deve respeitar a verdade do outro, sem tirar o direito do outro de existir e de ser quem ele é.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda N. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- ANDRADE, Paula Deporte de. **Pedagogias culturais: uma cartografia das (re)invenções do conceito**. 2016. 210 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2016.
- AVILA, Gabriel; BRIDI, Natália. Capitã Marvel | 7 HQs para conhecer a heroína - De Ms. Marvel a Guerra Civil II. *In: OMELETE*, São Paulo, 8 mar. 2019. Publicado em: <https://www.omelete.com.br/marvel-comics/capita-marvel-7-hqs-para-conhecer-a-heroina#14>. Acesso em: 18 set. 2020.
- AZEVEDO, Paula Tatiane de. Cinema. *In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (orgs.). Dicionário Crítico de Gênero*. 2. ed. Dourados, MS: Editora UFGD, 2019.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Tradução de Sérgio Millet. 2 ed. São Paulo: Difusão européia do Livro, 1967.
- BECK, Bianca S.; FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca S. Infâncias, gênero e sexualidade: articulações possíveis. *In: BECK, Dinah Q.; FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca S. (orgs.). Infâncias, gênero e sexualidade: nas tramas da cultura e da educação*. Canoas: Ulbra, 2013. p. 17-27.
- BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Jandaira Polen, 2019.
- BOTTON, A. B.; STREY, M. As influências do Gênero na Infância: Como produzimos Meninos ou Meninas. *In: STREY, M. et al. Gênero e Ciclos Vitais: Desafios, Problematizações e Perspectivas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2012. p. 23-42.
- BRAVO, Mauricio. La Capitana les Cerró la Boca a los Haters. *In: FILMAFFINITY*, 9 mar. 2019. Disponível em: Crítica de Mauricio Bravo a "Capitana Marvel" [Puntuación: 7] - FilmAffinity. Acesso em: 18 dez. 2020.
- BRIDI, Natália. Capitã Marvel | A origem, o passado polêmico e o renascimento da heroína - Passamos por todas as fases de Carol Danvers nos quadrinhos até a sua chegada aos cinemas. *In: OMELETE*, São Paulo, 9 mar. 2019. Publicado em: Omelete.com.br. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/marvel-comics/capita-marvel-a-origem-o-passado-polemico-e-o-renascimento-da-heroina#3>. Acesso em: 12 set. 2019.

CALDEIRA, Cleusa. **Hermenêutica Negra Feminista: um ensaio de interpretação de um ensaio de interpretação de Cântico dos Cânticos 1.5-6.** Florianópolis: Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000300023. Acesso em: 12 set. 2019.

CANHISARES, Mariana. Capitã Marvel: Redondinho, filme aposta na fórmula Marvel para apresentar a heroína mais forte do universo, sem se permitir grandes ousadias. *In: OMELETE*, São Paulo, 05 de março de 2019. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/criticas/capita-marvel>. Acesso em: 05 jan. 2021.

CAPITÃ MARVEL. Direção: Anna Boden e Ryan Fleck. Produção: Kevin Feige. Estados Unidos, 2019, 123 minutos. Distribuição: Dolby Digital. 1 DVD. Título original: *Captain Marvel*.

CAROL DANVERS (Terra-616). *In: MARVEL Wiki*, [20--]. Disponível em: [https://marvel.fandom.com/pt-br/wiki/Carol_Danvers_\(Terra-616\)](https://marvel.fandom.com/pt-br/wiki/Carol_Danvers_(Terra-616)). Acesso em: 02 jun. 2020.

CAROL DANVERS. Capitã Marvel. *In: PROTOCOLOS Marvel*, 05 dez. 2009. Disponível em: https://protocolosmarvel.wordpress.com/2009/12/05/missmarvel/amp/?__twitter_impression=true. Acesso em: 02 jun. 2020.

CARVALHO, Cristiana Pereira de; FELIX, Criziany Machado. **Amor de Várias Cores.** Lisboa: Ideias com História, 2019.

COSTA, Ana Alice. **Gênero, poder e empoderamento das mulheres.** Salvador: UFBA, 2006 Disponível em: http://www.reprolatina.institucional.ws/site/respositorio/materiais_apoio/textos_de_apoio/Genero_poder_e_empoderamento_das_mulheres.pdf. Acesso em: 12 set. 2019.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa; SOMMER, Luis. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 36-61, maio/ago. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a03.pdf>. Acesso em: 30 out. 2020.

FEDERICI, Silvia. **Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais.** Tradução de Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

FORECHI, Marcilene. **Identidades Femininas em Comentários no Facebook: Uma análise a partir dos Estudos Culturais em Educação.** 2018. 253 f. Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/182457>. Acesso em: 9 jun. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal.** Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

GEIMER, Alexander. Práticas culturais de recepção e apropriação de filmes na perspectiva da Sociologia Praxeológica do Conhecimento. Trad. Kelly Cristina de Souza Prudencio. *In*: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicole (orgs.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 135-149.

GIL, Vanessa Nesbada da Silva; GROSSI, Patrícia Krieger. Patriarcado, Economia Feminista e Educação: Caminhos para Superação das Desigualdades. *In*: GROSSI, Patrícia Krieger; ROZEK, Marlene (orgs.). **Políticas Públicas na Perspectiva de Gênero e Promoção da Igualdade Racial**: diálogos interdisciplinares. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

GOMES, Fábio de Souza. **Capitã Marvel | 10 easter eggs e referências do filme** - Longa já está em cartaz nos cinemas. 2019. Disponível em: Capitã Marvel | 10 easter eggs e referências do filme (omelete.com.br). Acesso em: 10 jan. 2021.

GONDENBERG, Mirian; TOSCANO, Moema. **A revolução das mulheres**. Rio de Janeiro: Revan, 1992.

GONZALES, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, São Paulo, p. 223-244, 1984. Disponível em: https://www.academia.edu/27681600/Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira_L%C3%A9lia_Gonzales_pdf. Acesso em: 7 jan. 2021.

GUBERNIKOFF, Giselle. A Imagem: representação da mulher no cinema. **Conexão – Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul, v. 8, n. 15, p. 65-77, jan./jun. 2009. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/113/104>. Acesso em: 20 out. 2020.

GUIZZO, Bianca Salazar. Masculinidades e feminilidades em construção na Educação Infantil. *In*: BECK, Dinah Q.; GUIZZO, Bianca S.; FELIPE, Jane (orgs.). **Infâncias, gênero e sexualidade**: nas tramas da cultura e da educação. Canoas: Ulbra, 2013. p. 29-43.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: PUC Rio: Apicuri, 2016.

HERMANN, Nadja. **Hermenêutica e Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. (Coleção: O que você precisa saber sobre).

HERMANN, Nadja; TIBURI, Márcia. **Diálogo/ Educação**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2014.

HOLANDA, Karla. Cinema Brasileiro (Moderno) de Autoria Feminina. *In*: HOLANDA, Karla; TEDESCO, Marina Cavalcanti (orgs.). **Feminino e Plural**: Mulheres no cinema brasileiro. Campinas, SP: Papyrus, 2017. (Coleção Campo Imagético/coordenação Fernão Pessoa Ramos).

HOLANDA, Karla; TEDESCO, Marina Cavalcanti. Apresentação: A pluralidade do feminino cinema brasileiro. *In*: HOLANDA, Karla; TEDESCO, Marina Cavalcanti (orgs.). **Feminino e Plural**: Mulheres no cinema brasileiro. Campinas, SP: Papyrus, 2017. (Coleção Campo Imagético/coordenação Fernão Pessoa Ramos).

JONES, Monique. “**Captain Marvel**” Empowers and Inspires as the MCU Expands Into **Girl Power [Spoilers]**. 13 mar. 2019 Disponível em: 'Captain Marvel' Empowers And Inspires As The MCU Expands Into Girl Power [Spoilers] - SHADOW & ACT (shadowandact.com). Acesso em: 18 dez. 2020.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais**: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

KINDEL, Eunice Aita Isaia. A natureza no desenho animado ensinando sobre homem, mulher, raça, etnia e outras coisas mais.... *In*: RIPOLI, Daniela *et al.* (orgs.). **Ensaio em Estudos Culturais, Educação e Ciência; a produção cultural do corpo, da natureza, da ciência e da tecnologia**: instâncias e práticas contemporâneas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

LAGARDE, Marcela. **Los Cautiverios de las mujeres**: madresposas, monjas, putas, presas y locas. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2005.

LIMA, Lana Lage da Gama; SOUZA, Suellen André de. Patriarcado. *In*: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (orgs.). **Dicionário Crítico de Gênero**. 2. ed. Dourados, MS: Editora UFGD, 2019.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O Corpo Educado**: Pedagogias da Sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Cinema e Sexualidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 33, n., p. 81-98, jan/jun. 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/6688>. Acesso em: 10 nov. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. O cinema como pedagogia. *In*: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. (Coleção Historial, 6).

MACHADO, Sandra de Souza. Estereótipos de Gênero e Papéis Modelo: #Mais Mulheres Maravilha nos Cinemas. **Revista Observatório**, Palmas, v. 3, n. 6, p. 354-386, out. 2017. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/4161>. Acesso em: 8 jun. 2019.

MAGALHÃES, Joanalira Corpes. **Discutindo Pedagogias Culturais e Representações de Gênero**. Rio Grande, RS, 2012. Disponível em: http://www.sabercom.furg.br/bitstream/123456789/1716/1/discutindo_pedagogias_culturais_e_representac_o_es_de_ge_nero.pdf. Acesso em: 9 jun. 2019.

NASCIMENTO, Alcileide Cabral de. Relações de Gênero. *In*: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio (orgs.). **Dicionário de gênero**. 2. ed. Dourados: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

PACHECO, Raquel. Cultura popular, cinema educação e perspectivas pedagógicas. **Revista Educação Online**, Rio de Janeiro, n. 22, p. 64-8, maio-ago. 2016. Disponível em: <http://educacaoonline.edu.puc-rio.br/index.php/eduonline/article/view/257>. Acesso em: 9 jun. 2019.

PAIXÃO, Márcia; EGGERT, Edla. A Hermenêutica Feminista como suporte para pesquisar a experiência das mulheres. *In*: EGGERT, Edla (org.). **Processos educativos no fazer artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011. [Recurso eletrônico]. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/1833>. Acesso em: 12 nov. 2020.

PETERSEN, Áurea T. Discutindo o uso da categoria gênero e as teorias que respaldam estudos de gênero. *In*: ROSO, Adriane. *et al* (org.). **Gênero por escrito**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 15-39.

PINHEIRO, Fernanda. **Dossiê Carol Danvers**. 2020. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1gHzgZBqx34gMoQH0WGdMj5E5SPedYrmv>. Acesso em: 20 set. 2020.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

ROSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio, ou Da Educação**. Tradução, introdução e notas Laurent de Saes. São Paulo: Edipro, 2017.

ROXO, Laís Coutinho. **Girlpower: A Representação do Feminino dos Quadrinhos**. 2018. 115 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/6636>. Acesso em: 10 jun. 2019.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 9-21, jan. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v9n1/8601.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **A Mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Prefácio de Antônio Cândido de Mello e Souza. Petrópolis, RJ: Vozes, 1976. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3825626/mod_resource/content/1/Saffioti%20%281978%29%20A_Mulher_na_Soc_Classes.pdf. Acesso em: 20 maio 2019.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987. (Coleção Polêmica).

SANTANA, Ana Lucia. Estudos Culturais. **InfoEscola**, São Paulo, 23 ago. 2017. Disponível em: Estudos Culturais - Sociologia - InfoEscola. Acesso em: 10 jan. 2021.

SARDENBERG, Cecília. **Conceituando “Empoderamento” na perspectiva feminista**. Transcrição revisada de comunicação oral apresentada ao I Seminário Internacional: trilhas do empoderamento de mulheres. Promovido pelo MEIM/UFBA, Salvador, Bahia, de 5 a 10 de junho de 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6848>. Acesso em: 8 jun. 2019.

SCHARLACK, Rodrigo. Mesmo com uma protagonista forte, Capitã Marvel é mais um filme episódico do MCU. *In*: OBSERVATÓRIO do Cinema, São Paulo, 7 mar. 2019. Disponível em: <https://observatoriodocinema.uol.com.br/criticas/criticas-de-filmes/2019/03/critica-mesmo-com-uma-protagonista-forte-capita-marvel-e-mais-um-filme-episodico-do-mcu>. Acesso em: 18 dez. 2020.

SIGNIFICADOS. **Significado de poder**: o que é poder. 2015. Disponível em: <https://www.significados.com.br/poder/>. Acesso em: 9 jun. 2019.

SILVA, Cristiane Oliveira da. **Pedagogia, cultura e mídia**: articulações em educação científica. 2013. 119 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Instituto de Ciências Básicas da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomas Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche**: a poética e a política do texto curricular. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOARES, Wellington. Precisamos falar sobre Romeo... **Nova Escola**, São Paulo, ano 30, n. 279, p. 24-31, fev. 2015.

TIBURI, Márcia. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. 5. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

USP Diversidade. São Paulo, 2018. Disponível em: <http://prceu.usp.br/uspdiversidade/lgbtqia/o-que-e-lgbtqia/>. Acesso em: 9 jun. 2019.

VEIGA, Ana Maria; PEDRO, Joana Maria. Gênero. *In*: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (org.). **Dicionário Crítico de Gênero**. 2. ed. Dourados, MS: Editora UFGD, 2019.

VIEZZER, Moema. **O problema não está na mulher**. São Paulo: Cortez, 1989. (Coleção biblioteca da educação. Série 3. Mulher tempo; v.2).

FICHAS CATALOGRÁFICAS DOS FILMES

AS GOLPISTAS. Direção: Lorene Scafaria. Produção: Jessica Elbaum; Will Farrell; Elaine Goldsmith-Thomas; Jennifer Lopez e Adam McKay. Estados Unidos, 2019, 110 minutos. Distribuição: STX Entertainment. Título original: *Hustlers*. Lançamento no Brasil em 05 de dezembro de 2019.

AS SUFRAGISTAS. Realização: Sarah Gavron. Produção: Alison Owen e Faye Ward. Reino Unido, 2015, 106 minutos. Distribuição: Universal Pictures. Título original: *Suffragette*. Lançamento no Brasil em 24 de dezembro de 2015.

CAPITÃ MARVEL. Direção: Anna Boden e Ryan Fleck. Produção: Kevin Feige. Estados Unidos, 2019, 124 minutos. Distribuição: Walt Disney Studios Motion Pictures. Título original: *Captain Marvel*. Lançamento no Brasil em 07 de março de 2019.

ESTRELAS ALÉM DO TEMPO. Direção: Theodore Melfi. Produção: Donna Gigliotti; Peter Chernin; Jenno Topping; Pharrell Williams e Theodore Melfi. Estados Unidos, 2016, 127 minutos. Distribuição: 20th Century Fox. Título original: *Hidden Figures*. Lançamento no Brasil em 02 de fevereiro de 2017.

FROZEN: uma aventura congelante. Direção: Chris Buck e Jennifer Lee. Produção: Peter Del Vecho. Estados Unidos, 2013, 102 minutos. Distribuição: Walt Disney Studios Motion Pictures. Título original: *Frozen*. Lançamento no Brasil em 03 de janeiro de 2014.

HISTÓRIAS CRUZADAS. Direção: Tate Taylor. Produção: Chris Columbus; Michael Barnathan e Michael Radcliffe. Estados Unidos/Emirados Arabes/Índia, 2011, 137 minutos. Distribuição: Walt Disney Studios Motion Pictures. Título original: *The Help*. Lançamento no Brasil em 06 de fevereiro de 2012.

MALÉVOLA. Direção: Robert Stromberg. Produção: Joe Roth. Estados Unidos, 2014, 97 minutos. Distribuição: Walt Disney Studios Motion Pictures. Título original: *Maleficent*. Lançamento no Brasil em 29 de maio de 2014.

MOANA: um mar de aventuras. Direção: Ron Clements e John Musker. Produção: Osnat Shurer. Estados Unidos, 2016, 107 minutos. Distribuição: Walt Disney Studios Motion Pictures. Título original: *Moana*. Lançamento no Brasil em 5 de janeiro de 2017.

MULHER MARAVILHA. Direção: Patty Jenkins. Produção: Charles Roven; Deborah Snyder; Zack Snyder e Richard Suckle. Estados Unidos, 2017, 141 minutos. Distribuição: Warner Bros. Pictures. Título original: *Wonder Woman*. Lançamento no Brasil em 1 de junho de 2017.

OITO MULHERES E UM SEGREDO. Direção: Gary Ross. Produção: Steven Soderbergh e Susan Ekins. Estados Unidos, 2018, 110 minutos. Distribuição: Warner Bros. Pictures. Título original: *Ocean's 8*. Lançamento no Brasil em 07 de junho de 2018.

VALENTE. Direção: Brenda Chapman e Mark Andrews. Produção: Katherine Sarafian. Estados Unidos, 2012, 93 minutos. Distribuição: Walt Disney Studios Motion Pictures. Título original: *Brave*. Lançamento no Brasil em 22 de julho de 2012.

ANEXO A - RESULTADOS DA BASE BDTD

Autoras	Título	Ano	Nível	Instituição	Endereço de acesso
Maria Goretti Pedroso Soares	A mulher na sociedade da comunicação ciberdigital	2010	Tese	USP/	https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-19112010-112519/pt-br.php
Prado, Juliana do	Feminilidades e mídia na cultura contemporânea: culto ao corpo, consumo e sexualidade	2011	Dissertação	UNESP/PPGS	https://repositorio.unesp.br/handle/11449/98975
Camozzato, Viviane Castro	Da pedagogia às pedagogias: formas, ênfases e transformações	2012	Tese	UFRGS/PPGEDU	https://lume.ufrgs.br/handle/10183/49809
Esteves, Flávia Cópico	Reinventando o político nas telas: gênero, memória e poder no cinema brasileiro (décadas de 1970 e 1980)	2013	Tese	UFF/PPGH	https://www.historia.uff.br/striceto/td/1460.pdf
Lina Alves Arruda	Estratégias desconstrutivas: a crítica feminista da representação	2013	Dissertação	USP/PPGArtes Visuais	https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-07022014-162537/pt-br.php
Oliveira, Elaine Maria Dias de	Espelhamento e/ou estranhamento? A formação cultural (bildung) como o outro da pedagogia	2014	Tese	UFSM/PPGEDU	https://repositorio.ufsm.br/handle/1/3488
Ferreguett Cristhiane	Relações dialógicas em revista infantil: processo de adultização de meninas	2014	Tese	PUCRS e UNEB (DINTER)/PPGL	http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2185
Friederichs, Marta Cristina	Quanto mais quente melhor: corpos femininos nas telas do cinema	2015	Tese	UFRGS/PPGEDU	https://lume.ufrgs.br/handle/10183/128884
Andrade, Paula Deporte de	Pedagogias culturais: uma cartografia das (re)invenções do conceito	2016	Tese	UFRGS/PPGEDU	https://lume.ufrgs.br/handle/10183/143723
Anacleto, Aline Ariana Alcântara	Entram em cena as tecnologias de subjetivação: Corpos e Desejos na cinematografia	2016	Tese	UNESP/PPG Psicologia	https://repositorio.unesp.br/handle/11449/138285
Machado, Patricia Santos	A mulher além do bem e do mal: Malévola e a representação cinematográfica do feminino integrado	2016	Dissertação	UMESP/PPG Comunicação Social	http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/1548

(Continua)

(Continuação)

Lamoglia, Adriana de Fátima	O espetáculo da moda no cinema Hollywoodiano: uma análise comparativa dos filmes Cinderela em Paris e O diabo veste Prada	2016	Dissertação	UEM/PPGCências Sociais	http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/4669
Forechi, Marcilene	Identidades femininas em comentários no facebook: uma análise a partir dos estudos culturais em educação	2017	Tese	UFRGS/PPGEDU	https://lume.ufrgs.br/handle/10183/182457
Santos, Fernanda de Lázara de Oliveira	Do papel à tela, três histórias de princesas: reconfigurações do feminino entre literatura e cinema	2017	Dissertação	UFG/PPGEL	http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/7248
Baptistini, Juliana Cristina da Fonseca	Comentários de blogs sobre sexualidade e gênero: um estudo das subjetividades acerca das relações de gênero desveladas no ciberespaço	2017	Dissertação	UNESP/PPGES (FCLAR)	https://repositorio.unesp.br/handle/11449/152578
Thaís Botrel Reis	A mulher e o cinema: representação feminina no mercado cinematográfico brasileiro	2017	dissertação	UFMG/PPGARTES	https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-APEMR6
Friedrich, Fernanda Farias	As mulheres da Sitcom: uma análise de representatividade das protagonistas nas telas	2018	Tese	UFSC/PPGLIT	https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/186287
Coutinho Roxo, Lais	GirlPower: a representação do feminino nos quadrinhos	2018	Dissertação	UFJF/PPGCo municação	https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/6636
Oliveira, Laís Aparecida Santos de	Feminismo e representação política	2018	dissertação	UFJF/PPGSS	https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/8849
Rocha, Katarina Karol Brazil de Melo	As representações de mulheres no cenário político brasileiro: reflexões sobre os processos democráticos intrapartidários	2019	dissertação	UNIFOR/PPGDIR	https://uol.unifor.br/oul/ObraBdtdSiteTrazer.do?method=trazer&ns=true&obraCodigo=111539
Souza, Nayara Iris Silva e	Representações de si nos discursos feministas em práticas midiáticas digitais	2019	Dissertação	UFOP/PPL	https://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/11738

ANEXO B -ARTIGOS DA BASE ANPED

Autoras	Título	Ano	Instituição	Endereço de acesso
Sandra Espinosa Almansa	O cinema como prática de si: narrativas sobre experiência e formação	2013	UFRGS/ PPGEdU	http://www.anped.org.br/biblioteca/item/o-cinema-como-pratica-de-si-narrativas-sobre-experiencia-e-formacao
Maria Simone Vione Scwengber	As imagens e a educação generificada dos corpos	2013	UNIJUÍ	http://www.anped.org.br/biblioteca/item/imagens-e-educacao-generificada-dos-corpos
Bassalo, Lucélia de Moraes Braga	Igualdade ou heteronormatividade? jovens mulheres comunicando sentidos, formando significados	2015	UEPA/PPGED	http://www.anped.org.br/biblioteca/item/igualdade-ou-heteronormatividade-jovens-mulheres-comunicando-sentidos-formando
Bianca Salazar Guizzo; Jane Felipe	Avanços e retrocessos em políticas públicas contemporâneas relacionadas a gênero e sexualidade: entrelaces com a educação	2015	ULBRA/PPGED; UFRGS /PPGEDU	http://www.anped.org.br/biblioteca/item/avancos-e-retrocessos-em-politicas-publicas-contemporaneas-relacionadas-genero-e

ANEXO C - ARTIGOS DE REVISTAS

Autoras	Título	Ano	Instituição	Revista	Endereço de acesso
Wânia Ribeiro Fernandes; Vera Helena Ferraz de Siqueira	O cinema como pedagogia cultural: significações por mulheres idosas	2010	URFJ	revista de estudos feministas – scielo	https://doi.org/10.1590/s0104-026x2010000100006
Céli Regina Jardim Pinto	Feminismo, história e poder	2010	UFRJ	revista de sociologia e política – scielo	https://doi.org/10.1590/s0104-44782010000200003
Gelson Vanderlei Weschenfelder; Ana Colling	Histórias em quadrinhos de super-heroínas: do movimento feminista às questões de gênero	2011	UNILASSAL E PUCRS	revista internacional interdisciplinar interthesis	https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2011v8n1p200
Érica Antunes Pereira	Construção social do sujeito feminino e hermenêutica do cotidiano: reflexões teóricas	2012	USP	revista educação e linguagens	http://www.fecilcam.br/revista/index.php/educacaoelinguagens/article/view/607
Edla Eggert	A desconstrução das frivolidades na educação das mulheres com base em excertos de Nísia Floresta	2013	UNISINOS	Cadernos de história da educação	http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/21706
Céli Regina Jardim Pinto	O feminismo bem-comportado de Heleieth Saffioti (presença do marxismo)	2014	UFRJ	revista de estudos feministas – scielo	https://doi.org/10.1590/s0104-026x2014000100017
Maria Jordana Costa Sabino; Patrícia Verônica Pinheiro Sales Lima	Igualdade de gênero no exercício do poder	2015	UECE	revista de estudos feministas – scielo	https://doi.org/10.1590/0104-026x2015v23n3p713
Diva do Couto Gontijo Muniz	Feminismos, epistemologia feminista e história das mulheres: leituras cruzadas	2015	UNB	revista opsis – ufg	https://www.revistas.ufg.br/opsis/article/view/34189
Juliana tonin; Larissa Fraga; Gabriela Kurtz; Mariana Severo	O papel da mulher nos contos de fada contemporâneos. malévola: imaginário e a terceira mulher de Gilles Lipovetsky	2016	PUCRS	sessões do imaginário	http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/9855

(Continua)

(Continuação)

Ana Carolina Eiras Coelho; Esdra Basílio	Daqui e dali se constroem as mulheres: relações de gênero, pedagogia e mídia	2016	UFG	fato & versões - revista de história	https://periodicos.ufms.br/index.php/fatver/article/view/3186
Raquel Pacheco	Cultura popular, cinema educação e perspectivas pedagógicas	2016	PUC-RIO	revista educação online	http://educacaoonline.edu.puc-rio.br/index.php/eduonline/article/view/257
Karla Holanda	Da história das mulheres ao cinema brasileiro de autoria feminina	2017	UFJF/PUCRS	revista famecos: mídia, cultura e tecnologia	http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/24361
Rosana Cássia Kamita	Relações de gênero no cinema: contestação e resistência	2017	UFSC	revista de estudos feministas – scielo	https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n3p1393
Ana Maria Veiga	Gênero e cinema, uma história de teorias e desafios	2017	UFSC	revista de estudos feministas – scielo	https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n3p1355
Milene de Cássia Silveira Gusmão; Raquel Costa santos; Rosalia Maria Duarte	Mulheres em Projetos de educação pelo/para o cinema	2017	UNICAMP	etd -educação temática digital	https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8647550/15708
Toni Reis; Edla Eggert	Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros	2017	UNISINOS PUCRS	educação & sociedade - Scielo	https://doi.org/10.1590/es0101-73302017165522
Sandra de Souza Machado	Estereótipos de gênero e papéis modelo: #mais mulheres maravilha nos cinemas	2017	UNB	revista observatório	https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/4161
Gabriela Machado Ramos de Almeida; Anelise Fruett Machado	Ambiguidades nas representações de gênero de personagens da série cavaleiros do zodíaco	2017/2018	ULBRA	revista comunicação, cultura e sociedade	https://periodicos.unemat.br/index.php/ccs/article/view/2942/2554
Patricia Ketzner	Como pensar uma epistemologia feminista? surgimento, repercussões e problematizações	2017/2018	UPF	argumentos – revista e filosofia	http://www.periodicos.ufc.br/argumentos/article/view/31031
Flávia Biroli	Reação conversadora, democracia e conhecimento	2018	UNB	revista de antropologia - (usp)	http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/145515
Sandra de Souza Machado	Uma outra história: a “esquecida” nação do cinema das mulheres	2018	UNB	revista história	https://www.revistas.ufg.br/historia/article/view/51438

(Continua)

(Continuação)

Juliana Machado Ruiz Rafael de Tilio	Uma nova mulher (?): gênero feminino na filmografia contemporânea da Disney	2018	UFTM	revista artémis	https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/36099
Vanessa Pereira da Rosa; Valmir Mateus dos Santos Portal	Igualdade de gênero nas linguagens do cinema de animação	2018	FACCAT	informação & comunicação	https://seer.faccat.br/index.php/ricom/article/view/1041
Edla Eggert; Alexnaldo Rodrigues	Jean-Jacques Rousseau e a herança da naturalização da exclusão das mulheres na cidadania	2019	PUCRS FVC	educação em perspectiva	https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/7099
Márcia Paixão; Caroline Silva da Silva	Ainda é preciso “ocupar, resistir e produzir”.	2019	UFSM	relacult - revista latino-americana de estudos em cultura e sociedade	http://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1230



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br